



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE HISTÓRIA**  
**MODALIDADE LICENCIATURA**

**FORTALEZA**

**2022**

**REITOR**

Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

**VICE-REITOR**

Prof. José Glauco Lobo Filho

**PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO**

Profa. Ana Paula de Medeiros Ribeiro

**COORDENADORA DA COORDENADORIA DE PROJETOS E  
ACOMPANHAMENTO CURRICULAR – COPAC**

Aline Batista de Andrade

**CENTRO DE HUMANIDADES**

Prof. Cícero Anastácio Araújo de Miranda

Diretor de Centro

Prof. Luiz Fábio Silva Paiva

Vice-diretor de Centro

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Prof. Mário Martins Viana Júnior

Chefe de Departamento

Prof. Leandro Santos Bulhões de Jesus

Subchefe de Departamento

**COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

Prof. Kleiton de Sousa Moraes

Coordenador do Curso de História

Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho

Vice-coordenador do Curso de História

## **CORPO DOCENTE**

Adelaide Maria Gonçalves Pereira (Voluntária)

Almir Leal de Oliveira

Ana Amélia de Moura Cavalcante

Ana Carla Sabino Fernandes

Ana Rita Fonteles Duarte

Ana Sara Ribeiro Parente Cortez Irffi

Antonio Gilberto Ramos Nogueira

Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho

Cláudia Freitas de Oliveira

Eurípedes Antônio Funes (Voluntário)

Francisco José Pinheiro

Francisco Régis Lopes Ramos

Franck Pierre Gilbert Ribard

Frederico de Castro Neves

Jaílson Pereira da Silva

João Ernani Furtado Filho

Kênia Sousa Rios

Kleiton de Sousa Moraes

Leandro Santos Bulhões de Jesus

Marilda Santana da Silva (Exercício provisório do cargo - UFMG)

Mário Martins Viana Júnior

Meize Regina de Lucena Lucas

## **NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE**

(Com base nas Portarias nº 17 /CH/2022, de 25 de abril de 2022)

Kleiton de Sousa Moraes (presidente)

Ana Sara Ribeiro Parente Cortez Irffi

Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho

Cláudia Freitas de Oliveira

Jaílson Pereira da Silva

Kênia Sousa Rios

## SUMÁRIO

1. Apresentação.....	6
1.1. Historico da UFC.....	6
1.2 Historico do Curso.....	9
2. Identificação do Curso.....	10
2.1 Nome do curso.....	10
2.2.Titulação conferida.....	10
2.3. Modalidade do curso.....	10
2.4. Duração do curso.....	10
2.5 Regime do curso.....	10
2.6 Numero de vagas oferecidas por semestre/ano.....	10
2.7 Turnos Previstos.....	10
2.8 Ano e Semestre de Início de Funcionamento do Curso.....	11
2.9 Ato de Autorização.....	11
2.10 Processo de Ingresso.....	11
2.11 Princípios Norteadores.....	11
2.12 Objetivos do Curso.....	13
2.13 Perfil Profissional do Egresso.....	14
2.14 Areas de Atuação do Futuro Profissional.....	15
3. Estrutural Curricular.....	16
3.1 Conteudos Curriculares.....	16
3.2. Unidades e Componentes.....	17
Quadro 1- Unidades e Componentes Curriculares.....	17
Quadro 2 - Componentes Obrigatorios.....	19
Quadro 3 - Disciplinas Optativas e Eletivas.....	26
* PCC – Pratica como componente curricular.....	29
3.2.1 Curricularização da Extensao.....	30
3.2.1.1. Carga Horaria de Disciplina (256h).....	31
Quadro 4- Componentes curriculares com carga horaria de extensao (256 h).....	31
3.3. Integralização Curricular.....	31
Quadro 5 – Distribuição Curricular Sugerida.....	32
Quadro 6 - Carga Horaria por Semestre.....	33
Quadro 7 – Integralização em semestres.....	34
3.4. Atividades Praticas de Ensino para as Licenciaturas.....	34
3.4.1. Pratica como componente curricular.....	34
3.5 Metodologias de Ensino e de Aprendizagem.....	35

3.6 Procedimentos de avaliação dos Processos de Ensino e Aprendizagem.....	38
3.7 Atividades de Tutoria.....	42
3.8. Estagio Curricular Supervisionado.....	43
3.9 Atividades Complementares.....	45
3.10. Trabalho de Conclusão de Curso.....	47
3.11. Disciplinas em Outros Cursos.....	48
* PCC – Prática como componente curricular.....	48
3.12. Ementário e Bibliografias.....	48
3.12.1 Obrigatorias.....	48
3.12.2 Disciplinas Optativas.....	84
4. Gestão Acadêmica do Curso.....	105
4.1 Coordenação.....	105
4.2. Colegiado.....	106
4.3. Núcleo Docente Estruturante.....	107
4.4. Integração com as Redes Públicas de Ensino.....	108
4.5. Apoio ao Discente.....	109
4.6. Gestão do Curso e os Processos de Avaliação Interna e Externa.....	111
5. Infraestrutura do Curso.....	113
5.1 Instalações Físicas.....	113
5.2 - Recursos Humanos.....	114
5.2.1- Docentes.....	114
5.2.2- Recursos Humanos: Técnico-administrativo.....	115
6. Referência.....	115
6.1 Documentos de Orientação.....	115
6.2 Legislação.....	115

## **1. Apresentação**

O Projeto Pedagógico aqui documentado, escrito no âmbito do NDE (Núcleo Docente Estruturante)/História da UFC, traz uma estrutura curricular interdisciplinar estruturada em diversos campos do conhecimento científico, integrando saberes da história, da filosofia, da ciências sociais e da pedagogia, com perspectiva integral de formação. Estes conhecimentos estão articulados em diferentes núcleos, todos importantes, assim denominados: núcleo de estudos básicos, núcleo de estudos pedagógicos, núcleo de pesquisa, núcleo de extensão e os núcleos de atividades integradoras e complementares. Entende-se que a combinação destes conhecimentos produz o referencial teórico-metodológico para a formação docente em História, assumindo a docência como a base deste processo de desenvolvimento.

Desta forma, o trabalho foi realizado pelo colegiado e de maneira mais específica pelos membros do NDE, representando a coordenação e as diferentes áreas de conhecimento histórico, que trabalharam em conjunto, dialogaram e reuniram-se inúmeras vezes. O Projeto objetiva que o curso proporcione ao(à) egresso(a) uma sólida e complexa formação, a qual, além de formar professores(as) qualificados(as) para a atuação na educação básica, contribua para o desenvolvimento da região, trabalhe na promoção da cidadania, defenda o direito à educação pública, à universidade, através do acréscimo da compreensão da importância do docente para a constituição de uma sociedade embasada na defesa da solidariedade, da ética, da justiça e que pensa sua cultura.

O curso é oferecido na cidade de Fortaleza, com 80 vagas anuais, na modalidade presencial, integral, com duração de 08 (oito) semestres, a serem integralizados em 4 (quatro) anos no mínimo e 6 (seis) anos no máximo, conforme determinado pela Resolução CEPE/UFC, nº. 14, de 3 de dezembro de 2007.

O projeto do curso estrutura-se a partir das áreas do saber que sustentam a formação multirreferencial e dos fundamentos filosóficos e pedagógicos que irão permitir a formação dos(as) alunos(as) em consonância com práticas de ensino-aprendizagem inovadoras e as demandas postas pela sociedade contemporânea.

### **1.1. Histórico da UFC**

Conforme consta no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFC, foi no ano de 1944 que se ouviu, pela primeira vez, a ideia da criação de uma universidade com sede em Fortaleza. Isso ocorreu quando o médico cearense Dr. Antônio Xavier de Oliveira encaminhou ao Ministério da Educação e Saúde um relatório sobre a refederalização da então Faculdade de Direito do Estado do Ceará. A partir desse episódio, a ideia ganhou força e popularidade entre os cearenses, em especial os estudantes e professores das escolas superiores que existiam naquela época. Por conseguinte, quando o então Ministro da Educação, prof. Clemente Mariani Bittencourt, visitou a cidade de Fortaleza, os estudantes da Faculdade de Direito colheram quase 10 mil assinaturas em um documento, que foi entregue ao ministro, no qual eles pleiteavam

exatamente a criação de uma Universidade pública para o Estado do Ceará.

O discurso do Ministro, naquela faculdade de Direito, foi norteador por pronunciamentos acerca de seu apoio e dos processos de viabilização de recursos para a objetivação e criação da referida instituição. Ao finalizar sua fala, o ministro proferiu as seguintes palavras: *“Teremos, então, a vossa universidade, para cujo advento contaremos comigo, como um leal companheiro nesta campanha, que juntos encetaremos”*. Apressado e impressionado com as últimas palavras do titular da Pasta da Educação Nacional, o prof. Antônio Martins Filho solicitou audiência com o governador da época, o desembargador Faustino de Albuquerque, que o acolheu prontamente e à sua proposta, designando-o como um de seus membros para, junto às autoridades competentes do Ministério da Educação e Saúde, estudarem as medidas cabíveis à criação da Universidade do Ceará.

Em 30 de setembro de 1953, o Presidente Getúlio Vargas enviou ao Poder Legislativo a Mensagem n.º 391/1953, com o projeto de lei, seguido dos demais documentos necessários, sobre a criação da Universidade do Ceará, com sede em Fortaleza, a capital do estado. Pouco tempo depois, e dentro da tramitação legal, o Presidente Vargas enviou o referido projeto de lei, através do processo n.º 3713/1953, ao Congresso Nacional. Saindo da Câmara dos Deputados, a matéria foi encaminhada à Comissão de Educação e Cultura, cujo relator foi o deputado cearense João Otávio Lobo. Assim sendo, antes de terminada aquela legislatura, no ano de 1954, o tão esperado projeto de lei, já finalmente aprovado nas duas Casas do Congresso Nacional, foi encaminhado à Comissão de Redação Final, seguindo a forma e os trâmites estabelecidos pelo Regimento da Câmara.

Finalmente, no dia 16 de dezembro de 1954, na presença do governador eleito do Ceará, o Sr. Paulo Sarasate, e de vários representantes cearenses no Congresso, o Presidente Café Filho sancionou a Lei n.º 2.373, que criou a Universidade do Ceará.

Contudo, a universidade só foi instalada no dia 25 de junho de 1955, originalmente constituída pela união entre a Escola de Agronomia, a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Farmácia e Odontologia. Apesar dos mais de sessenta anos que nos separam desse fato, é possível constatar que a trajetória da educação superior no Estado do Ceará é marcada por um tardio começo, especialmente se comparada com outras unidades da Federação.

Na própria Região Nordeste, as primeiras instituições de ensino superior foram criadas no decorrer do século XIX, tendo-se como exemplo os cursos de Direito, em Pernambuco, e de Medicina, na Bahia. No Ceará, o primeiro curso de educação superior surgiu com a criação da Faculdade Livre de Direito, no ano de 1903, por iniciativa do governo estadual e com a participação de intelectuais cearenses. Até o ano de 1945, surgiram apenas mais quatro instituições de educação superior, representadas por faculdades e escolas que foram criadas a partir de iniciativas particulares e confessionais: a Faculdade de Farmácia e Odontologia, em 1916, a Escola de Agronomia, em 1918, a Faculdade de Ciências Econômicas, em 1936, e a Escola de Enfermagem, em 1943. Novas unidades só vão despontar a partir da segunda metade da década de 1940. Foram elas: a Faculdade Católica de Filosofia, em 1947, a Faculdade

de Medicina, em 1948, e a Escola de Serviço Social, em 1950. Faz-se relevante assinalar que algumas dessas instituições se integraram à estrutura organizacional da atual Universidade Federal do Ceará (UFC), cuja criação se deu em 1954, a partir da união entre a Escola de Agronomia, a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Desde sua instalação, em 1955, a Universidade Federal do Ceará vem experimentando um padrão de expansão que se aproxima bastante do processo observado na maioria das universidades federais brasileiras. Uma parcela significativa de seu dinamismo sempre esteve condicionada à disponibilidade de recursos federais, sendo, portanto, fortemente dependente das políticas para a educação superior, que são construídas a partir das prioridades e reformas empreendidas pelo Ministério da Educação. Dentro desse processo, merece especial menção o fato de que, nos anos da década de 1960, por ocasião da reforma universitária, através da Lei nº 5.540/68, a UFC apresentou um comportamento bastante modesto quanto ao seu processo de expansão, sendo até retardatária na adesão à reforma universitária entre as universidades federais. Nos anos que se seguiram à reforma, não são observadas alterações significativas quanto ao processo de expansão da UFC, o qual se caracterizou por um crescimento vegetativo. Esta situação merece destaque porque esteve associada a um importante surto expansionista, de algumas universidades públicas, o qual foi financiado com recursos federais, como, por exemplo, no caso das universidades federais do Rio Grande do Norte e da Paraíba, através da ampliação de suas atividades pela adoção da estrutura multicampi.

Nas décadas de 1980 e 1990, a atuação da UFC foi afetada de forma significativa pela crise de financiamento do Estado brasileiro, que alcançou, em especial, as universidades federais, não obstante a existência de algumas ações de investimento patrocinadas pelo governo federal destinada a sua infraestrutura. Deve-se destacar também o fato de que a expansão da universidade, no que tange à criação de cursos e ampliação de vagas na graduação, está fortemente condicionada pelo desempenho do ensino médio, de onde provém a demanda de vagas. No Ceará, mais especificamente, esse fato tem-se constituído em um fator condicionante e revelador, dadas as deficiências estruturais do ensino médio no Estado.

No ano de 2001, a UFC iniciou suas atividades de maior expansão, com os cursos de Medicina em Sobral e no Cariri, e, a partir do ano de 2006, experimentou um significativo processo de expansão por meio da ampliação de sua atuação no interior do Estado do Ceará. Iniciou-se, nesse mesmo ano de 2006, a implantação dos campi de Sobral e do Cariri e, no ano seguinte, o de Quixadá. Ainda em 2007, a UFC aderiu ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (o REUNI) e ampliou, em 54%, a oferta de vagas em cursos de graduação. Nesse trajeto, a UFC abriu 30 cursos novos e gerou mais vagas nos cursos já existentes. Além disso, criou quatro novas Unidades Acadêmicas em Fortaleza: o Instituto de Cultura e Arte (ICA), o Instituto de Ciências do Mar (LABOMAR), o Instituto de Educação Física e Esporte (IEFES) e o Instituto Universidade Virtual (UFC Virtual). Em acréscimo, a UFC incrementou o corpo docente e técnico-administrativo, bem como expandiu a pós-

graduação e possibilitou a expansão dos *campi* do interior do estado.

Em 2012, os três novos *campi*, já consolidados, ofertaram: 560 vagas, distribuídas em onze cursos (Cariri), 400 vagas em oito cursos (Sobral) e 150 vagas em três cursos distintos (Quixadá). Mais adiante, o crescimento do *campus* do Cariri possibilitou a criação da Universidade Federal do Cariri (UFCA), que foi efetivada em 2014, com a expansão de dois outros *campi* avançados: um em Icó e outro em Brejo Santo. A implantação da Universidade Federal na região do Cariri esteve prevista no PPA 2012/2015, inserindo-se na meta de elevar o número de *campi* da rede federal para 324. Trata-se, portanto, de um processo de expansão que visou ampliar as possibilidades de acesso para toda a população cearense à educação superior de qualidade, inaugurando, com esses acontecimentos, uma nova etapa na curta, mas tão rica trajetória da UFC.

## 1.2 Histórico do Curso

A Licenciatura em História da Universidade Federal do Ceará foi criada em 1972. Ao longo de mais de 50 anos de existência, diversas mudanças em seus documentos norteadores foram realizadas, buscando adequar o curso às novas realidades e demandas sociais. Destacam-se nessa história de transformação vivida pelo curso com as mudanças implantadas a partir de promulgação da LDB/1996 (como ampliação da carga-horária dos estágios), e das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 (obrigatoriedade da temática “História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena”). Neste último sentido, em parceria com as Secretarias de Educação do estado e da prefeitura, foram organizadas, entre 2009 e 2011, três turmas de um curso de aperfeiçoamento (200h) em História Afro-Brasileira e Africana, destinado à formação de professores lotados nestas instituições e em outros espaços (escolas privadas, militâncias, ONGs...).

A preocupação com a formação do professor e a articulação com as diferentes instituições de ensino presentes no Ceará aparecem como um marco importante presente na graduação, através de programas como o PIBID e o PET ou os laboratórios, tais como o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História (LEAH) e o Laboratório NUDOC ( Núcleo de Documentação Histórica e Laboratório de Pesquisa Histórica / UFC) que foi reestruturado em 2019, passando a compor o quadro dos Laboratórios de excelência da UFC. As pesquisas e as atividades acadêmicas da nossa pós- graduação, que em 2022 completam 22 anos de criação (12 anos de doutorado), revelam a mesma preocupação que se encontra confirmada pela aprovação, em 2019, de um programa de mestrado profissional em Ensino de História - ProfHistória (12 vagas), que passou a funcionar de maneira efetiva desde 2020.1. Por sua vez, em consonância com as reflexões e diagnósticos, realizados em nível local e nacional, sobre a formação do profissional em História, o bacharelado está em fase de encerramento, a última turma finalizando em 2022.1.

As recentes reformulações da legislação brasileira, não apenas a educacional, a exemplo da MP 746/ 2016 (Reforma do Ensino Médio), a criação da BNCC ( Base

Nacional Curricular Comum), criação do Programa de Residência Pedagógica, o Decreto N° 8.752, de 9 de maio de 2016 ( que dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica) e a PEC 95/2016 (Teto dos gastos), impulsionaram a Licenciatura em História da UFC a reelaborar seu projeto pedagógico. Nesse movimento de discussão sobre o curso, relevante papel tem sido desempenhado pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) que, como órgão propositivo, se debruça sobre a legislação não apenas para aplicá-la, mas para refletir sobre os seus reais impactos na formação dos professores em História.

## **2. Identificação do Curso**

### **2.1 Nome do curso**

Licenciatura em História.

### **2.2. Titulação conferida**

Licenciado(a) em História.

### **2.3. Modalidade do curso**

Presencial.

### **2.4. Duração do curso**

O Curso apresenta organização curricular que integra 3200 (três mil e duzentas) horas. O tempo mínimo e máximo de duração do aluno(a) no curso é de 08 a 12 semestres, de acordo com a Resolução 14 do CEPE, de 03 de dezembro de 2007.

### **2.5 Regime do curso**

Semestral

### **2.6 Número de vagas oferecidas por semestre/ano**

40 vagas por semestre

### **2.7 Turnos Previstos**

Manhã / Tarde

## **2.8 Ano e Semestre de Início de Funcionamento do Curso**

A Licenciatura em História teve início em 1972.1.

## **2.9 Ato de Autorização**

O Curso de História da UFC foi criado no contexto da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras criada pela lei 3.866 de 25.01.1961. Entretanto, a Licenciatura em História só teve início em 1972.1.

## **2.10 Processo de Ingresso**

Sistema de Seleção Unificada (SISU), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Admissão de Graduado, Admissão por Convênio, Aluno Especial, Mudança de Curso, Transferência, Transferência obrigatória ou *ex officio*, Transferência facultativa.

## **2.11 Princípios Norteadores**

O currículo e o trabalho pedagógico do curso de licenciatura em História da UFC estão pautados nos seguintes diretrizes e princípios:

NORMATIVOS, citamos a legislação e documentos que normatizam as projeções aqui documentadas:

Plano Nacional de Educação (2014-2024)

Diretrizes curriculares do curso de História (MEC)

Resolução CNE/CES 13, de 13.03.2002 (Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de História).

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96)

Leis nº 10.639 de 2003 e nº 10.645 de 2008 (obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura afro-brasileira, africana e indígena).

Lei nº 13.146 de 06.07.2015 (Inclusão da Pessoa com Deficiência).

Carta do Plano de Desenvolvimento (PDI/UFC) 2018-2022

Documento orientador da COPAC

Resolução nº 07/CEPE, de 17.06.2005

Resolução nº 02, de 18.06.2007 (Carga horária)

Resolução nº 32/CEPE, de 30.10.2009 (Estágio)

Resolução nº 02/CNE, 01.07.2015 (Formação)

Resolução nº 28/CEPE, 01.12.2017 (Extensão)

FILOSÓFICOS, dizem respeito à visão de mundo e a concepções mais gerais em

relação à pessoa humana, à sociedade e à educação de um modo geral:

- a) Educação para a transformação social;
- b) Educação pelo trabalho e para a cooperação;
- c) Educação voltada para a multidimensionalidade do desenvolvimento humano;
- d) Educação com/para valores humanistas;
- e) Educação como um processo permanente de desenvolvimento e transformação humana.

PEDAGÓGICOS, expressam o pensamento e as pedagogias capazes de concretização dos princípios filosóficos acima elencados:

- a) Criatividade e inovação: este princípio refere-se à capacidade de o indivíduo ver o mundo sob diferentes perspectivas e estabelecer caminhos na resolução de problemas, combinando ideias e estabelecendo conexões para conceber algo novo, mediante uma atitude e ponderada. A criatividade leva o indivíduo a ter uma disposição permanente para investigar e compreender as coisas do mundo.
- b) Flexibilidade: a flexibilização curricular procura atender às diferentes necessidades educativas, contribuindo para a promoção de processos educacionais criativos, inovadores, críticos e que fujam à rigidez, à fragmentação e à disciplinarização. Para ser flexível, o PPC adotará estratégias de flexibilidade, diversificando opções de aprendizagem. Dessa forma, o PPC abordará o conhecimento em sua multidimensionalidade, interligando áreas e processos de ensino, propondo diferentes ritmos, espaços e tempos formativos. Para a implementação da flexibilidade curricular, assumem-se os seguintes parâmetros: Articulação teoria-prática (práxis), Protagonismo estudantil, Formação integrada à realidade socioeconômica e cultural; Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; Multidisciplinaridade.
- c) Heterogeneidade: em contraposição à simultaneidade, a heterogeneidade nos permitirá a diversificação de espaços, métodos e tempos de ensino. Entende-se que os estudantes não podem ser considerados apenas reprodutores de uma cultura, sendo, portanto, possíveis criadores de sentidos e inventores de práticas educativas, respeitando-se as capacidades individuais, as necessidades coletivas e a importância de diferenciações de metodologias, fontes de conhecimento, instrumentos de avaliação.
- d) Afetividade: princípio que fundamenta as relações interpessoais, base para o estabelecimento do convívio social dos indivíduos, e fundamental para as relações acadêmicas e profissionais, quando afirmamos que exercitar o afeto com os iguais e com os diferentes é condição para uma melhor comunhão de vida.
- e) Contextualização do ensino: refere-se à necessidade de conhecer e contemplar a realidade em que os alunos e a universidade estão inseridos. Ao associar-se a produção dos conhecimentos a esta realidade, a aprendizagem torna-se crítica e significativa, proporcionando a relação entre teoria e prática. Assim, para a concretização de um ensino contextualizado, compreende-se que sua

articulação com a pesquisa e a extensão é uma premissa.

- f) Compromisso político: formar profissionais capazes de conhecimentos e atividades científicas, reconhecendo, na dimensão política, uma fonte de competência e vínculo com o contexto do ensino e com a função social da educação, colocando o seu saber científico a serviço da produção de novos conhecimentos, atendendo às demandas e necessidades da comunidade em que ocorre a democratização dos saberes.
- g) Articulação ensino-pesquisa, ensino-extensão (multirreferencialidade): indica que a docência universitária não envolve apenas as atividades de ensino. Destarte, este princípio visa uma formação mais contextualizada, criativa e comprometida, ao pesquisar, compreender, pensar soluções e propor ações para os problemas de ensino e aprendizagem da sociedade em que a universidade está inserida.
- h) Transformação: este princípio está ligado à capacidade do indivíduo de, uma vez transformando a si, poder transformar as coisas. A transformação pessoal pode favorecer as transformações das instituições nas quais atua e com as quais convive.
- i) Interdisciplinaridade: refere-se à organização de um espaço interdisciplinar por meio de atividades que promovam a articulação dos conhecimentos, estimulando a criatividade dos estudantes, a coletividade, a solidariedade e a troca de informações para a concretização do conhecimento. Tal prática pode ser concretizada por meio de módulos, ações, eixos, problemas, projetos, entre outros, visando ao aprofundamento de questões da prática pedagógica.
- j) Mediação: diz respeito à prática exercida pelos docentes e pares no sentido de possibilitar a ampliação da cultura e da atuação discente, permitindo-lhes uma melhor interação social com o conhecimento e com a educação escolar.
- k) Protagonismo: compreende-se que os estudantes são centrais no seu processo de aprendizagem, devendo ser capazes de projetar, compreender, avaliar as práticas educacionais necessárias à sua formação.
- l) Atividade: representa a ação humana mediatizada pela relação com seus pares, tornando professores e estudantes sujeitos do conhecimento.
- m) Postura antirracista: significa formar professores capazes de lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações que constituem a sociedade brasileira, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico- raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos e povos indígenas, conforme orientação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

## **2.12 Objetivos do Curso**

Os objetivos do curso de Licenciatura em História da UFC podem ser assim resumidos:

- ★ Formar professores de História alicerçados em concepções teóricas e metodológicas respaldadas na ciência histórica.
- ★ Formar professores de História aptos a desenvolver atividades em múltiplas instituições, sempre atentos à relação entre o local e o global; com vistas a uma ação transformadora da realidade por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.
- ★ Formar professores de História capazes de compreender o papel da educação histórica como elemento necessário à construção da autonomia dos sujeitos, entendidos na sua diversidade e incluindo, entres outros, negros, indígenas, GLBTQ, deficientes físicos.
- ★ Formar professores de História capazes de compreender e intervir no cenário em que atuam, visando o desenvolvimento social.
- ★ Formar professores de História capazes de compreender as complexas interações existentes entre a História, a sociedade e a natureza.
- ★ Formar professores de História capazes de atuar em diversos campos do saber, essenciais para enriquecer, produzir e difundir o conhecimento histórico.
- ★ Formar professores de História capazes de aprofundar conhecimentos sobre as novas metodologias e tecnologias de análise, interpretação e representação da História.
- ★ Formar professores de História capazes de compreender as relações interdisciplinares e sua importância para o conhecimento e o ensino da História.

Torna-se importante ressaltar que estes objetivos se ancoram nas diretrizes estabelecidas nas DCNs da área de História, sendo coerentes com a estrutura curricular e com a definição do Perfil Profissional do Egresso que apresentamos a seguir.

### **2.13 Perfil Profissional do Egresso**

Como esclarece Paulo Freire (1996), o ato de ensinar traz em si uma multiplicidade de exigências. Em sendo assim, muito embora o professor saiba do seu inacabamento, essas exigências devem servir de guia para sua prática. Por conta disso, o profissional formado na Licenciatura em História deve estar apto a desenvolver as diferentes atividades inerentes à ação docente. Dentre essas atividades, destacam-se: o ensino, a pesquisa, a gestão e as ações extensivas. Essas atividades, obviamente, desenvolvem-se de forma interrelacional; nenhuma delas, portanto, se dá de forma isolada, muito embora possa haver uma primazia, por exigência de forças como o mercado de trabalho, da dimensão ensino-pesquisa no fazer cotidiano do professor egresso.

Na particularidade da Licenciatura em História da UFC, em que se formam, primordialmente, professores da rede de educação básica estadual e municipal, essas dimensões não podem olvidar o cenário econômico-cultural no qual o professor irá atuar. Nesse sentido, é incontornável que esse professor egresso esteja preparado para

compreender as dinâmicas sociais que tencionam e esclarecem as relações entre o global, o regional e o local. Parte disso pode ser alcançado na medida em que o egresso for preparado para romper dicotomias arcaicas e perigosas, como as que separam e hierarquizam diferentes instituições que lidam com o conhecimento. Com efeito, é importante que o profissional egresso rompa o espaço da sala de aula tradicional e ocupe outros lugares de saber como museus, arquivos, bibliotecas, casas de memória, que questione o modo como esses espaços são constituídos, que perceba a necessidade de debate público sobre o modo como construímos nosso senso histórico, nossa relação com o passado, nossos laços identitários. Para isto, pretende-se desenvolver múltiplas habilidades no futuro profissional, como, por exemplo, capacidade para trabalho em equipes, cultivo da reflexão crítica, capacidade para negociação, comunicação, capacidade de lidar com situações inesperadas e/ou complexas, enfrentamento de situações problemáticas, capacidade para transformar o conhecimento científico em condutas profissionais e pessoais na sociedade. De forma concreta, o egresso encontra-se em inúmeros espaços do universo educativo da cidade e do estado, bem como inserido em instituições de cunho cultural e memorialístico, em projetos, ONG's e associações prestando serviços para a comunidade.

Do ponto de vista do acompanhamento do egresso, eventos propostos pelo Departamento de História, como o Seminário de Pesquisa, as palestras abertas ao público, bem como atividades como os grupos de pesquisa, o Laboratório de Ensino e Aprendizagem Histórica, o Mestrado Profissional em Ensino de História (ambos em articulação direta com os universos escolares) permitem um contato atualizado e a perenidade das relações e das colaborações com os egressos da licenciatura. Parcela desses profissionais também buscam a formação continuada no Programa de Pós-Graduação em História (cursos de mestrado e doutorado) e no Mestrado Profissional em História – o ProfHistória.

## **2.14 Áreas de Atuação do Futuro Profissional**

O curso de Licenciatura em História da UFC, um dos dois da capital cearense (junto com o curso de História da Universidade Estadual do Ceará), encontra uma importância estratégica no panorama regional da educação histórica, reforçada pela interação constante e participação em esferas diversas da sociedade (institucionais, associativas, comunitárias), por parte dos docentes e dos discentes. O profissional egresso deve, assim, estar apto a atuar em diferentes instituições que lidam com o saber histórico, primordialmente no que concerne à educação histórica. Embora sua atuação primordial seja no espaço escolar (diferentes instituições escolares, privadas e públicas, integrando redes municipais e estaduais de ensino), o professor egresso estará apto a atuar em qualquer atividade que requeira uma reflexão balizada sobre a atuação do homem no tempo. Em vista disso, sua atuação está além da escola, mas nunca deve estar distante da educação, do compromisso ético com a história (sua e dos outros). Assim sua atuação se dá em instituições variadas, como museus, arquivos, casas de memória, editoras, centros culturais, espaços públicos de toda ordem. Portanto, o egresso deve

estar apto a lidar com tarefas variadas como o ensino, a consultoria, a pesquisa e a divulgação do conhecimento histórico. Sua ação deve ser balizada pela busca da autonomia dos sujeitos envolvidos em cada um dos processos inerentes a essas tarefas.

### **3. Estrutural Curricular**

Em se tratando da estrutura curricular, os conteúdos, os componentes curriculares e as unidades curriculares expressam a imprescindível multirreferencialidade epistemológica na formação de professores. Entende-se que a formação de professores do (e para o) século XXI deve estar alicerçada em ordenações distintas e complementares de conhecimentos, todas entendidas como essenciais ao exercício do magistério: o conhecimento oriundo da ciência de base, a compreensão dos conhecimentos didáticos e pedagógicos, a dedicação à prática de ensino e o aprofundamento da relação teoria e prática, além da pesquisa e da extensão. Entende-se ainda a importância da estrutura curricular dedicada aos estudos interdisciplinares e vinculada à cultura artística e à diversidade cultural.

A Lei 9 394 de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, inciso II do artigo 53 assegura a autonomia das Instituições de Ensino Superior para fixarem os currículos de seus cursos, observadas as diretrizes curriculares gerais pertinentes. Esta flexibilidade oportunizou e deu liberdade de articular a composição do currículo, ora apresentado, distribuindo as unidades e os componentes curriculares do curso conforme as suas especificidades.

A estrutura curricular fundamenta-se em aporte interdisciplinar, de forma a garantir a flexibilidade e a acessibilidade metodológica compatíveis com a carga horária total do curso de licenciatura em História (3.200). Ancorada em diversos campos do conhecimento científico e referenciais teórico-metodológicos diversos visando a formação do profissional docente qualificado, o perfil do egresso em História, ao integrar saberes da história, da filosofia, das ciências sociais e da pedagogia, tem por objetivo o desenvolvimento de professores(as) qualificados(as) para a atuação na educação básica e que contribuam para o desenvolvimento da região, trabalhem na promoção da cidadania e defendam o direito à educação pública, de acordo com os princípios norteadores das DCNs.

#### **3.1 Conteúdos Curriculares**

A organização do curso de licenciatura em História está dividida nas seguintes Unidades Curriculares: História Geral; História do Brasil; Teoria e Metodologia da História e Ensino e Aprendizagem da História. Em detalhes:

- 1) História Geral (subáreas: História da América, Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea e África);
- 2) História do Brasil (subáreas: História do Brasil e Ceará);
- 3) Teoria e Metodologia da História (subáreas: Teoria, Metodologia da Pesquisa Histórica);

#### 4) Ensino e Aprendizagem da História (subáreas: Oficinas e Estágios)

Assim, apresenta-se uma organização curricular que integra (3.200) três mil e duzentas horas distribuídas em no mínimo (8) oito semestres.

Os conteúdos curriculares e o trabalho pedagógico do curso de licenciatura em História da UFC estão em consonância com as diretrizes, os princípios norteadores, a legislação e as normativas estabelecidos nos seguintes documentos: Plano Nacional de Educação (2014-2024), das Diretrizes curriculares do curso de História (MEC), da Resolução CNE/CES 13, de 13 de março de 2002 (Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de História), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96), da Leis nº.10.639 de 2003 e nº.10.645 de 2008 (obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura afro-brasileira, africana e indígena), da Lei nº.13.146 de 6 de julho de 2015 (Inclusão da Pessoa com Deficiência), da Carta do Plano de Desenvolvimento (PDI/UFC) 2018-2022, do Documento orientador da COPAC/PROGRAD/UFC, na Resolução No. 07/CEPE, 17/06/2005, na Resolução No.02, 18.06.2007 (Carga horária), na Resolução 32/CEPE, 30.10.2009 (estágio), na Resolução No. 02/CNE, 01.07.2015 (Formação) e na Resolução No. 28/CEPE, 01.12.2017 (Extensão).

As competências e habilidades estão articuladas com os conteúdos curriculares em observância ao tripé ensino, pesquisa e extensão e estão de acordo com as políticas de educação ambiental; educação em direitos humanos e educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, na medida em são ofertados componentes curriculares obrigatórios ( teóricos, práticos e de extensão), a exemplo de: 1. Perspectivas historiográficas em educação para as relações étnico-raciais (64h); 2. Língua Brasileira de Sinais (64h); 3. História, Ética e usos do passado (96h); 4. História Agrária (96h); 5. História, ética e lutas sociais; 6. Introdução a prática profissional , dentre outros.

### 3.2. Unidades e Componentes

As Unidades e Componentes Curriculares estão apresentados da seguinte forma:

**Quadro 1- Unidades e Componentes Curriculares**

<b>Unidades</b>	<b>Componentes (disc. Obrigatórias e optativas)</b>
História Geral	<ol style="list-style-type: none"><li>1. História da Antiguidade Clássica (disc. obrigatória)</li><li>2. História da América I (disc. obrigatória)</li><li>3. História Medieval (disc. obrigatória)</li><li>4. História Moderna (disc. obrigatória)</li><li>5. História da América II (disc. obrigatória)</li><li>6. História Contemporânea I (disc. obrigatória)</li><li>7. História da África (disc. obrigatória)</li><li>8. História Contemporânea II (disc. obrigatória)</li><li>9. História Moderna II (disc. optativa)</li><li>10. História da África Contemporânea (disc. optativa)</li></ol>

	<p>11. América Latina: cultura e política (disc. optativa)</p> <p>12. Tópicos em História Antiga (disc. optativa)</p> <p>13. História, Ética e lutas sociais (Extensão) (disc. obrigatória)</p>
História do Brasil	<p>14. História do Brasil Colônia (disc. obrigatória)</p> <p>15. História do Ceará I (disc. obrigatória)</p> <p>16. História do Brasil Império (disc. obrigatória)</p> <p>17. História do Brasil República (disc. obrigatória)</p> <p>18. História do Ceará II (disc. obrigatória)</p> <p>19. História do Brasil Contemporâneo (disc. obrigatória)</p> <p>20. Paleografia (disc. optativa)</p> <p>21. Campo – História do Brasil I (módulo optativo)</p> <p>22. História Agrária (Extensão) (disc. obrigatória)</p> <p>23. História econômica, social e política do Brasil (disc. optativa)</p>
Teoria e Metodologia da História	<p>24. Introdução aos Estudos Históricos (disc. obrigatória)</p> <p>25. Teoria e Metodologia da História I (disc. obrigatória)</p> <p>26. Teoria e Metodologia da História II (disc. obrigatória)</p> <p>27. Métodos da Pesquisa Histórica I (disc. obrigatória)</p> <p>28. Métodos da Pesquisa Histórica II (disc. optativa)</p> <p>29. História, ética e usos do passado (Extensão) (disc. obrigatória)</p> <p>30. Trabalho de conclusão do curso (componente obrigatório)</p> <p>31. História e Meio Ambiente (disc. optativa)</p> <p>32. História e Imagem (disc. optativa)</p> <p>33. Historiografia (disc. optativa)</p> <p>34. História e Patrimônio (disc. optativa)</p> <p>35. História e Gênero (disc. optativa)</p> <p>36. Tópicos especiais em História I (disc. optativa)</p> <p>37. Tópicos especiais em História II (disc. optativa)</p> <p>38. Tópicos especiais em História III (disc. optativa)</p> <p>39. Tópicos especiais em História IV (disc. optativa)</p> <p>40. Tópicos Especiais em Cultura e poder (disc. optativa)</p> <p>41. Tópicos Especiais em Trabalho e Migrações (disc. optativa)</p> <p>42. Tópicos Especiais em Memória e Temporalidade (disc. optativa)</p>
Ensino e Aprendizagem da História	<p>43. Introdução à Prática Profissional (Extensão) (disc. obrigatória)</p> <p>44. Estágio Supervisionado I (componente obrigatório)</p> <p>45. Estágio Supervisionado II (componente obrigatório)</p> <p>46. Estágio Supervisionado III (componente obrigatório)</p> <p>47. Estágio Supervisionado IV (componente obrigatório)</p> <p>48. Oficina de Ensino em História: História, ensino e espaço (disc. obrigatória)</p>

	<p>49. Oficina de Ensino em História: História, ensino e temporalidades (disc. obrigatória)</p> <p>50. Oficina de Ensino em História: História, ensino e arte (disc. obrigatória)</p> <p>51. Perspectivas historiográficas em educação para relações étnico-raciais (disc. obrigatória)</p>
--	---

Fazem parte da matriz curricular do curso de licenciatura em História as seguintes disciplinas de caráter obrigatório e que são ofertadas por outros departamentos:

1. Estudos Sócio Históricos e Culturais da Educação;
2. Introdução a Filosofia;
3. Estrutura Política e Gestão Educacional;
4. Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem na Adolescência;
5. Língua Brasileira de Sinais
6. Didática I

Abaixo segue o quadro discriminado dos componentes curriculares de caráter obrigatório para a integralização do curso:

### Quadro 2 - Componentes Obrigatórios

					Distribuição de Carga Horária					Pré-requisito	Equivalente no Projeto antigo
Código da disciplina	Nome do componente curricular	Tipo de componente curricular	Regime de oferta	Unidade acadêmica responsável por oferta	Teoria	Prática	Exatensã o	PC C*	T o t a l		
HI0122	Introdução aos estudos históricos - <i>Introduction to Historical Studies</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64		
PB0091	Estudos sócio-históricos e culturais da educação - <i>Socio-</i>	Disciplina	semestral	Departamento de Fundamentos da Educação	64	-	-	-	64		

	<i>Historical and Cultural Studies of Education</i>										
Novo componente	Introdução à prática profissional - <i>Introduction to Professional Practice</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	16	16	64	16	96		
ICA1660	Introdução à Filosofia - <i>Introduction to Philosophy</i>	Disciplina	semestral	Instituto de Cultura e Arte	64	-	-	-	64		
PB0092	Estrutura, política e gestão educacional - <i>Educational Structure, Policy and Management</i>	Disciplina	semestral	Departamento de Fundamento da Educação	48	16	-	16	64		
HI0124	Teoria e Metodologia da História I - <i>Theory and Methodology of History I</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	64	-	-	-	64	HI0122	
Novo código	História do Brasil Colônia - <i>History of Colonial Brazil</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64		História do Brasil I (HI0125)
PB0090	Psicologia do desenvolvimento e Aprendizagem na adolescência - <i>Developmental Psychology and Learning in Adolescence</i>	Disciplina	semestral	Departamento de Fundamentos da Educação	64	-	-	-	64		
Novo	História da	Disciplina	semestral	Departamen	48	16	-	16	64		História

código	Antiguidade Clássica - <i>History Classical Antiquity</i>			to de História								Antiga I (HI0128)
HI0126	História da América I - <i>History of America I</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64			
HI0056	Teoria e Metodologia da História II - <i>History Theory and Methodology II</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	64	-	-	-	64	HI0124		
Novo código	História Medieval - <i>Medieval History</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64			História Medieval (HI0037)
PC0011	Didática I - <i>Didactics I</i>	Disciplina	semestral	Departamento de Teoria e Prática do Ensino	64	-	-	-	64			
HI0131	História do Ceará I - <i>History of Ceará I</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64			
HI0059	História do Ceará II - <i>History of Ceará II</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64			
Novo código	História do Brasil Império - <i>History of Brazil Empire</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64			História do Brasil II (HI0130)
HI0135	História Moderna - <i>Modern History I</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64			
HI0137	História	Disciplina	semestral	Departamento	48	16	-	16	64			

	Contemporânea I - <i>Contemporary History I</i>			to de História							
HI0005	História Contemporânea II - <i>Contemporary History II</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64		
HI0007	História da América II - <i>American History II</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64		
Novo componente	Perspectivas historiográficas para a educação em relações étnico-raciais - <i>Historiographic Perspectives for Education in Ethnic-Racial Relations</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64		
HLL0077	Língua brasileira de sinais - <i>Brazilian Sign Language</i>	Disciplina	semestral	Departamento de Letras-Libras e estudos surdos	64	16	-	16	64		
HI0104	Métodos da pesquisa histórica I - <i>Research Methods in History I</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	16	48		48	64	HI0056	
Novo código	História do Brasil República - <i>History of Brazil</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16	-	16	64		História do Brasil III (HI0133)

	<i>Republic</i>										
Novo código	História do Brasil Contemporâneo - <i>History of Contemporary Brazil</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16		16	64		História do Brasil IV (HI0136)
HI0102	História da África - <i>History of Africa</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	48	16		16	64		
Novo componente	Oficina de Ensino em História I: História, ensino e temporalidades - <i>History Teaching Workshop: History, Teaching and Leisure</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	16	48		48	64		Oficina de Ensino de História Geral I (HI0099)
Novo componente	Oficina de Ensino em História II: História, ensino e espaço - <i>History Teaching Workshop: History, Teaching and Space</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	16	48		48	64		Oficina de Ensino de História do Ceará (HI0142)
Novo componente	Oficina de Ensino em História III: História, ensino e arte - <i>History Teaching Workshop III: History,</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	16	48	-	48	64		Oficina de Ensino de História do Brasil (HI0106)

	<i>Teaching and Art</i>										
Novo componente	História, ética e usos do passado - <i>History, Ethics and Uses of the Past</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	16	16	64	16	96		Lugares de memória e ensino de História (HI0097)
Novo componente	História, ética e lutas sociais - <i>History, Ethics and Social Struggles</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	16	16	64	16	96		
Novo componente	História Agrária - <i>Agrarian History</i>	Disciplina	semestral	Departamento de História	16	16	64	16	96		
HI0100	Estágio supervisionado I - <i>Supervised Internship I</i>	Atividade	semestral	Departamento de História	-	-	-	-	100	Introdução à prática profissional	
HI0103	Estágio supervisionado II - <i>Supervised Internship II</i>	Atividade	semestral	Departamento de História	-	-	-	-	100	HI0100	
HI0105	Estágio supervisionado III - <i>Supervised Internship III</i>	Atividade	semestral	Departamento de História	-	-	-	-	100	HI0103	
HI0109	Estágio supervisionado IV - <i>Supervised Internship IV</i>	Atividade	semestral	Departamento de História	-	-	-	-	100	HI0105	
Novo componente	Trabalho de conclusão do curso	Atividade	semestral	Departamento de História	-	-	-	-	100	HI0104	

- End of Course Work											
Carga horária total de obrigatórias previstas para a integralização do curso 2.676 horas											
Carga horária total de optativas previstas para a integralização do curso 320 horas											
Atividades complementares 140 horas											
Unidade curricular especial de extensão 64 horas											
<b>CARGA HORÁRIA TOTAL INTEGRALIZADA</b> 3.200 horas											

\* PCC – Prática como componente curricular

O aluno deve ainda cursar cinco disciplinas Optativas para integralizar o número mínimo de créditos exigidos. Das cinco, até duas podem ser realizadas em outros cursos, na modalidade Optativa-livre. Esta modalidade constitui-se no conjunto de conteúdos que objetivam ampliar e diversificar a formação do estudante; promover a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade; possibilitar o aprofundamento de estudo em áreas de interesse do estudante; viabilizar o intercâmbio entre estudantes de diferentes cursos da UFC. Tais disciplinas poderão ser escolhidas e cursadas pelos(as) alunos(as) do curso de História a partir do segundo semestre do curso.

Para efeito de entedimento das modalidades de disciplinas não obrigatórias, abaixo as discriminamos de acordo com documento “Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC) e seus componentes curriculares” elaborado pela Coordenadoria de Projetos e Acompanhamento Curricular (COPAC) da Universidade Federal do Ceará, em novembro de 2020:

Optativas: destinada a complementar conhecimentos específicos ou a proporcionar cultura geral, sendo de livre escolha dos alunos, desde que estejam previstas no PPC.

Optativas-livres: são aquelas que o aluno pode escolher fora do elenco específico do seu curso. Ou seja, disciplinas externas ao seu currículo que podem ser realizadas em outro curso da universidade.

Abaixo segue o quadro com as disciplinas optativas que o curso de História orienta os discentes na sua trajetória formativa:

### Quadro 3 - Disciplinas Optativas e Eletivas

					Distribuição de Carga Horária				Pré-requisito	Có-requisito	Equivalência	
Código da disciplina	Nome do componente curricular	Tipo de componente curricular	Regime de oferta	Unidade acadêmica responsável por oferta	T	P	E	P	T			
					e	r	x	C	o			
					o	á	t	*				
					r	t	n					
					i	i	s					
					a	c	ã					
							o					
Novo código	Historiografia - <i>Historiography</i>	Disciplina	-	Departamento de História	64	-	-	-	64			Historiografia Brasileira (HI0081)
HI0096	História e Imagem - <i>History and Image</i>	Disciplina	-	Departamento de História	64	-	-	-	64			
HI0093	Paleografia - <i>Paleography</i>	Disciplina	-	Departamento de História	64	-	-	-	64			
Novo componente	História e Gênero - <i>History</i>	Disciplina	-	Departamento de História	64	-	-	-	64			

Novo componente	América Latina: Cultura e política - <i>Latin America: Culture and Politics</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			
HI0107	Métodos da Pesquisa Histórica II - <i>Historical search Methods II</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			
Novo código	Tópicos em História Antiga - <i>Topics of Ancient History</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			História Antiga II (HI0134)
HI0143	Campo – História do Brasil I - <i>Field - Brazilian History I</i>	Módulo	-	Departamento de História	8		2 4		3 2		HI0125	
HI0021	História Moderna II - <i>Modern History II</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			
HD095 7	Introdução à Sociologia - <i>Introduction to Sociology</i>	Disciplina	-	Departamento de Ciências Sociais	6 4	-	-	-	6 4			
HD078 9	Cultura Brasileira - <i>Brazilian Culture</i>	Disciplina	-	Departamento de Ciências Sociais	6 4	-	-	-	6 4			
HI0094	História e Meio Ambiente - <i>History and Environment</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			
Novo componente	Tópicos especiais em Cultura e Poder - <i>Special Topics in History-Culture and Power</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			

Novo componente	Tópicos especiais em Trabalho e Migrações - <i>Special Topics in History - Work and Migration</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			
Novo componente	Tópicos especiais em Memória e Temporalidade - <i>Special Topics in History - Memory and Temporality</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			
HI0113	Tópicos especiais em História I - <i>Special Topics in History I</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			
HI0114	Tópicos especiais em História II - <i>Special Topics in History II</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			
HI0115	Tópicos Especiais em História III - <i>Special Topics in History III</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			
HI0116	Tópicos Especiais em História IV - <i>Special Topics in History IV</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			
PC035 3	Educação e Direitos Humanos - <i>Education and Human Rights</i>	Disciplina	-	Departamento de Teoria e Prática do Ensino	6 4	-	-	-	6 4			

HD098 2	Antropologia cultural - <i>Cultural Anthropology</i>	Disciplina	-	Departamento de Ciências Sociais	6 4	-	-	-	6 4			
HI0054	História econômica, Social e política do Brasil - <i>Economic, Social and Political History of Brazil</i>	Disciplina	-	Departamento de História	6 4	-	-	-	6 4			

\* PCC – Prática como componente curricular

### Quadro de Integralização da Carga Horária

#### Total Curricular do Curso

COMPONENTES CURRICULARES			CARGAS HORÁRIAS (horas)		Percentual (%) sobre Carga Horária Total	
OBRIGATÓRIOS	DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	Teóricas	1344		42	
		Práticas	576		18	
		EaD	-		-	
		Extensão	256	320 horas totais em Extensão	10	
	Unidade Curricular Especial de Extensão		64			
	Estágio(s) Supervisionado(s)		400		12,5	
	Trabalho de Conclusão de Curso		100		3,125	
OPTATIVOS	CARGA HORÁRIA OPTATIVA MÍNIMA	320 horas (das quais 128 horas podem ser cursadas em <i>Optativas-Livres</i> )		10		
ÊNFASES	Disciplinas Eletivas (se houver ênfases)	_____ (horas / ênfase)				
ATIVIDADES COMPLEMENTARES			140		4,375	
<b>TOTAL</b>					<b>3.200</b>	<b>100 %</b>

### 3.2.1 Curricularização da Extensão

A extensão configura-se como um dos três pilares do processo formativo discente na Universidade pública. Por isso mesmo, deve definir uma responsabilidade prioritária na atuação docente e na estrutura curricular ofertada.

A curricularização da extensão está prevista no Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 (Lei nº 13.005/2014), estratégia 7, Meta 12, e regulamentada na UFC mediante a Resolução nº 28/CEPE, 01/12/2017. Segundo a Resolução (Título II, Art. 4º) as ações de extensão universitária são compreendidas como processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promovem a interação entre a Universidade e a sociedade.

Os termos da RESOLUÇÃO No 28/CEPE, DE 1o DE DEZEMBRO DE 2017, que “Dispõe sobre a curricularização da extensão nos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC)”, apontam na mesma direção, institucionalizando uma demanda real de revalorização da extensão como vertente privilegiada na ação educativa. Mais do que isso, os elementos em jogo no processo certamente remetem à necessidade de um reposicionamento da universidade pública, das suas experiências educativas e de pesquisa - no centro e em relação direta com a sociedade civil - suas dinâmicas, seus problemas, suas demandas, seus sujeitos, seus saberes. Se essa perspectiva é entendida através da responsabilidade de “redistribuição” (dos seus saberes, metodologias) que a instituição pública, financiada pelo Estado, tem em relação ao povo brasileiro, isso não deve amenizar a necessidade imperiosa que nós, universitários (discentes, docentes, pesquisadores e professores) devemos ter em relação a uma (re)conexão com “outros” sujeitos e saberes, em particular oriundos de espaços sociais posicionados à margem da sociedade, longe dos cânones do saber instituído. Desta maneira, não há dúvida em qualificar a vivência extensionista como uma experiência que, para configurar a reciprocidade, precisa de uma horizontalidade verdadeira.

Buscando esse espírito, o curso de História/UFC, na reformulação do seu PPC, em acordo com a resolução já citada e conforme orientação da Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, sinalizou em direção a um formato de curricularização da extensão (10% da grade curricular total = 320 horas/aula) que prevê a combinação, obrigatória para o discente, de dois eixos principais:

- Componentes curriculares: 4 disciplinas obrigatórias de 96h (64h/aula de extensão) configurando um total de 256h/aula de componentes curriculares de extensão assim distribuídos: Introdução à prática profissional ( extensão da área de Ensino e aprendizagem da História); História, Ética e usos do passado (Extensão da área de Teoria e Metodologia da História); História Agrária (Extensão da área de Brasil); História, Ética e Lutas sociais (extensão da área de História Geral).
- Unidade Curricular Especial de Extensão: constituída de ações de extensão, ativas e devidamente cadastradas na Pró-Reitoria de Extensão, cujas temáticas serão definidas no currículo. O discente deverá totalizar 64h/aula nesse

quesito.

### 3.2.1.1. Carga Horária de Disciplina (256h)

No Quadro 4, estão relacionados as quatro componentes da matriz curricular com alguma carga horária de extensão. Somadas, elas totalizam a carga horária de 256h. No Manual de Extensão do Curso de História e nas ementas, estão discriminadas as ações de extensão planejadas pelos docentes responsáveis pelos componentes.

**Quadro 4- Componentes curriculares com carga horária de extensão (256 h)**

Nome do Componente Curricular	Semestre	Carga Horária Teórica	Carga Horária a PPC	Carga Horária Extensão	Carga Horária Total
Introdução à Prática Profissional	Primeiro semestre	16	16	64	96
História, Ética e Usos do Passado	Não há necessidade de pré-requisito ou correquisito	16	16	64	96
História, Ética e Lutas Sociais	Não há necessidade de pré-requisito ou correquisito	16	16	64	96
História Agrária	Não há necessidade de pré-requisito ou correquisito	16	16	64	96

Vale registrar que o curso de licenciatura em História possui dois programas de extensão, o Laboratório NUDOC (Núcleo de Documentação História e Laboratório de Pesquisa Histórica /UFC) e o Programa Novo Vestibular (PNV), e vários projetos e ações de extensão nos quais os alunos poderão complementar sua carga horária de extensão.

### 3.3. Integralização Curricular

O curso de licenciatura em História extinguiu de sua estrutura curricular a maior parte dos componentes com pré-requisito e correquisito. Desta forma, o estudante pode se matricular e fazer as disciplinas em quaisquer semestres. Tal prerrogativa não vale

para o semestre de ingresso. Os componentes que ainda possuem pré-requisito são:

- A- Teoria e Metodologia da História I, ofertada no segundo semestre, é pré-requisito para Teoria e Metodologia da História II, ofertada no terceiro semestre;
- B- Métodos e Técnicas da Pesquisa Histórica tem como pré-requisito Teoria e Metodologia II;
- C- Trabalho de Conclusão de Curso, tem como pré-requisito a disciplina Métodos e Técnicas da Pesquisa Histórica;
- D- Os estágios estão divididos em 4 etapas com carga horária de 100h cada e tem como pré-requisito a disciplina Introdução a Prática Profissional. O Estágio Supervisionado I deve ocorrer no 2º semestre; o Estágio Supervisionado II no 4º semestre, Estágio Supervisionado III no 6º semestre e o Estágio Supervisionado IV no 8º semestre.

Abaixo sugerimos um modelo de trajetória do aluno do curso, de forma que o discente possa integralizar a carga horária total do curso em, no mínimo, oito semestres:

### **Quadro 5 – Distribuição Curricular Sugerida**

<b>1º semestre<sup>1</sup></b>
Introdução aos estudos históricos
Introdução à prática profissional
Estudos sócio-históricos e culturais da educação
Estrutura política e gestão educacional
Introdução à Filosofia

<b>2º semestre</b>
Teoria e Metodologia da História I
História do Brasil colônia
Didática I
Estágio I
Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem na adolescência
Disciplina optativa I

<b>3º semestre</b>
Teoria e Metodologia da História II
História da Antiguidade clássica
História do Brasil Império
História, ética e usos do passado
Disciplina optativa II

<b>4º semestre</b>
História do Brasil República
História Medieval
História da América I
Estágio II
Disciplina optativa III

<sup>1</sup> As disciplinas do primeiro semestre são de caráter obrigatório no semestre em que se encontram neste quadro.

5º semestre
História Moderna I
História da América II
História do Brasil Contemporâneo
História, ética e lutas sociais
Língua brasileira de sinais

6º semestre
História Contemporânea I
História do Ceará I
Métodos da Pesquisa Histórica I
Estágio III
Oficina de História II - História, ensino e espaço
Disciplina Optativa IV

7º semestre
História Contemporânea II
História do Ceará II
Oficina de História I - História, ensino e temporalidades
História Agrária
Perspectivas historiográficas em educação para as relações étnico-raciais

8º semestre
História da África
Oficina de História III - História, ensino e arte
Estágio IV
Disciplina optativa V
Trabalho de conclusão do curso

### Quadro 6 - Carga Horária por Semestre<sup>2</sup>

CARGA HORÁRIA POR SEMESTRE	NÚMERO DE HORAS
Carga horária mínima	186hs
Carga horária média	400hs
Carga horária máxima	586hs

<sup>2</sup> De acordo com Portaria nº 31/2022, de 20 de abril de 2022.

### Quadro 7 – Integralização em semestres<sup>3</sup>

Prazos	Informar em Semestres
Tempo Padrão	8
Tempo Máximo	12

## 3.4. Atividades Práticas de Ensino para as Licenciaturas

### 3.4.1. Prática como componente curricular

Em conformidade com o Parecer CNE/CP n. 28/2001, prática é “o próprio modo como as coisas vão sendo feitas, cujo conteúdo é atravessado por uma teoria” (BRASIL, 2001c, p. 9). A prática como componente curricular é, pois, uma prática que transforma o ensino. Sendo a prática um trabalho consciente [...] Assim, ela deve ser planejada quando da elaboração do projeto pedagógico e seu acontecer deve se dar desde o início da duração do processo formativo e se estender ao longo de todo o seu processo (BRASIL, 2001c, p. 9, grifos nossos). Assim, a Prática como Componente Curricular é uma prática que deverá ter impacto sobre o ensino, estreitando a relação teoria e prática, bem como a relação conteúdo-forma, podendo ser expressa em estratégias de aplicação, investigação teorização, problematização de questões vinculadas à educação, ao ensino, à aprendizagem, desenvolvendo experiências profissionalizantes do magistério.

A prática como componente curricular integra os estudos e conhecimentos sobre a prática e não pode ser confundida:

- a) Com a prática que está ligada ao estudo restrito da área de conhecimento básica, geralmente vinculadas aos laboratórios, pois a ênfase destas aprendizagens toma como referência principal a ciência de base, os conhecimentos de base, as práticas que estão inclusas no aprendizado das teorias;
- b) Com a prática que está relacionada à extensão, pois nestes componentes e atividades curriculares o foco principal de conhecimento é o reconhecimento do saber comunitário e do campo onde ocorre a extensão.

A prática como componente curricular, traz como ênfase o desenvolvimento do saber pedagógico e curricular, não poderá ser isolada do ensino dos conhecimentos básicos da formação pedagógica docente, nem confundida com o estágio. Deverá estar presente desde o começo do curso, constituindo-se matriz para avaliação do currículo e da integração curricular. Não se restringe às disciplinas pedagógicas, embora estas carreguem grande quantitativo de horas cuja finalidade é a articulação de conhecimentos, científicos, pedagógicos, extensionistas e curriculares.

Desse modo, as 560 horas da prática curricular do currículo aqui apresentada

<sup>3</sup> De acordo com a Resolução n.º 14/ CEPE, de 03 de dezembro de 2007.

devem ser vistas como uma estratégia para buscar equilíbrio na relação teoria-prática nas disciplinas, buscando a transformação do ensino, auxiliando na formação da identidade profissional docente. Tais cargas horárias de prática como componente curricular devem estar voltadas às atividades de observação, reflexão, investigação e análise do ensino, com possibilidades para a superação da fragmentação que se instalou no âmbito educacional.

Entende-se a prática pedagógica como ação refletida — concretizada desde o processo de planejamento curricular, integrado ao planejamento do ensino e em todas as ações e experiências de intervenção na prática, práxis.

A Prática como Componente Curricular (PCC) está presente no interior dos componentes curriculares, uma vez que todo conhecimento tem uma dimensão teórica e uma prática. O contato com os diversos espaços de aprendizagem busca familiarizar o licenciando com a organização do sistema educacional, a rotina da escola e as especificidades do trabalho docente ao lidar com a História como matéria escolar.

Assim, a Prática como Componente Curricular (PCC) pensada para esse curso de licenciatura em História compreende que o debate epistemológico e empírico da história enquanto ciência perpassa fundamentalmente pelo caminho da prática docente, ou seja, o professor de história é o principal responsável pela produção de conhecimento histórico socialmente válido e significativo para os sujeitos.

Por isso, a PCC faz parte do corpo de boa parte dos componentes curriculares, superando assim uma visão equivocada da prática como prática de ensino/estágio. As diversas disciplinas compostas por carga horária teórica e PCC estão distribuídas em todos os oito semestres atingindo o total de 560h, conforme Art. 13, §1, inc.I, da Resolução nº 02/CNE, de 1º de julho de 2015, de modo que, o licenciando possa refletir teoricamente a prática e vice-versa.

Os lugares de atuação da PCC, ou melhor, os ambientes onde os estudantes poderão identificar e criar situações de/para o ensino e a aprendizagem histórica, associando a sua formação de historiador à prática de ensino, são: escolas, laboratórios, núcleos e centros de documentação, bibliotecas, arquivos, museus, teatros, cinemas e quaisquer outro espaço do interesse público.

### **3.5 Metodologias de Ensino e de Aprendizagem**

A metodologia do ensino-aprendizagem do curso de licenciatura em História, em conformidade com a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96, respaldando-se na Resolução CNE/CP nº 02, de 01 de julho de 2015 e na Resolução CEPE/UFC nº 14, de 03 de dezembro de 2007 é, predominantemente ativa, centrada no diálogo, na colaboração e na investigação do conhecimento.

As metodologias integram o complexo de planejamento dos processos de ensino e aprendizagem e devem estar articuladas aos princípios pedagógicos adotados pelo curso, destacando-se:

a) Criatividade e inovação: para corresponder a estes princípios, as metodologias

devem superar a repetição e os processos de planejamento que se repetem sem uma avaliação mais aprofundada sobre a consecução dos objetivos do ensino planejados, requerendo uma maior articulação do ensino com a pesquisa, assegurando-se uma compreensão didática de que as metodologias não podem ser assumidas como um fim em si mesmas e estão vinculadas às diretrizes e projeções feitas, sendo meio. Assim, a questão central para a escolha dos métodos e organização dos processos diz respeito aos porquês e não ao como ensinar. Entende-se que um ensino criativo (Porto, 2001), é aquele que permite ao docente a permanente reelaboração dos métodos, o que necessariamente possibilita a reelaboração do conhecimento por parte dos estudantes, garantindo sua aprendizagem significativa. Isso indica que os docentes assumirão uma disposição permanente para investigar e compreender as coisas do ensino e do seu planejamento. Flexibilidade: para atendimento às diversas necessidades educativas presentes em sala de aula, há uma necessidade de flexibilização do planejamento, adequando-o às necessidades das turmas, dos estudantes e dos distintos processos de aprendizagem em sala de aula, exigindo-se diversidades de estratégias de ensino para implementação dos currículos sob a matriz de flexibilidade, vinculando os processos de ensino aos diferentes ritmos, espaços e tempos formativos.

- b) Heterogeneidade: indica a diversidade de proposições que deverão embasar práticas e projeções para o ensino, permitindo a diversificação de espaços, métodos e tempos de ensino. Implica também na diversidade de recursos e movimentação nas relações entre ensino e pesquisa, ensino e extensão.
- c) Afetividade: a inclusão deste princípio, indica que as metodologias estão profundamente vinculadas ao elemento de planejamento didático chamado “relação professor-aluno”, o qual, supõe amadurecimento de relações interpessoais no processo metodológico de condução do ensino, quando o docente assume o lugar de adulto desta relação e melhor dirige os conflitos e desafios que a interpessoalidade traz ao ensino de graduação.
- d) Articulação ensino-pesquisa, ensino-extensão (multirreferencialidade): indica que a docência universitária não envolve apenas as atividades de ensino. Destarte, este princípio visa uma formação mais contextualizada, criativa e comprometida, ao pesquisar, compreender, pensar soluções e propor ações para os problemas de ensino e aprendizagem da sociedade em que a universidade está inserida.
- e) Transformação: este princípio impõe o poder de transformar os métodos, as estratégias e o relacionamento entre objetivos e conteúdos, objetivos e recursos, objetivos e avaliação, predispondo transformação da cultura em conformidade com os espaços de formação disponíveis a cada semestre, em cada turma, para e com cada grupo de estudantes.
- f) Protagonismo e atividade: sabe-se que os estudantes podem assumir centralidade nos processos de aprendizagem, sendo capazes de auxiliarem os docentes no planejamento, no desenvolvimento e na avaliação do processo de ensino e

aprendizagem, assumindo-se imperativamente as metodologias ativas, a cooperação e a criticidade nestes processos de idealização. Importante aqui é garantir que os alunos se apropriem /criem/ construam conhecimento fugindo da linearidade, incluindo-se em relações do e com o conhecimento mais complexas, sendo capazes de problematizar e debater o conhecimento que acessa na formação inicial. É importante dizer que para que as metodologias ativas sejam implementadas a formação deve incluir o acesso às diferentes linguagens de expressão, comunicação e interação, para que haja reconhecimento, apreensão e sistematização das informações.

Para atender aos sete princípios pedagógicos acima mencionados, o curso de licenciatura em História, possui três laboratórios:

1. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História (LEAH). No LEAH são desenvolvidas atividades de Pesquisa e de Ensino, voltadas para a área “Ensino e Aprendizagem da História”. No LEAH são ofertadas ferramentas aos discentes para a realização de trabalho criativo e inovador com os materiais de ensino e pesquisa. Em seu acervo, contabilizamos mais de 1.000 (hum mil) livros didáticos e paradidáticos do ensino básico, enciclopédias, manuais antigos e raros (datados de fins do século XIX), fontes memorialistas e afetivas, como carteiras estudantis, boletins, registros de festas escolares. O LEAH também é local de promoção de afetividades, protagonismos, articulação ensino, pesquisa e inovação, pois realiza projetos com ferramentas e técnicas de comunicação na construção de jogos virtuais desenvolvidos para o uso do ambiente escolar. É local de produção de encontro de diversos pesquisadores e professores da rede de ensino básico e realiza parcerias com dezenas de escolas públicas. Com a implantação do Mestrado Profissionalizante em Ensino de História, em 2020, o papel do LEAH tornou-se ainda mais relevante.

2. Laboratório NUDOC – Núcleo de Documentação e Laboratório de Pesquisa Histórica no qual são realizadas metodologias exitosas e inovadoras em história e que congrega heterogeneidade de projetos de ensino, pesquisa e extensão. O laboratório é composto de acervos raros de diversas tipologias, como: jornais, registros de história oral e materiais da cultura e história indígenas. Possui hemeroteca e biblioteca. Está vinculado ao Sistema de Biblioteca *Pergamum* da UFC. Tem flexibilidade no planejamento de suas ações e projetos educativos e de pesquisa. Faz articulação com ensino-pesquisa e ensino-extensão. Desenvolve projetos junto ao Programa de Pós-graduação em História e à Pró-reitoria de Extensão PREX, realiza oficinas, saraus, encontros, exercitando ações de afetividade na relação professor-aluno e inclusão social com a comunidade.

3. Laboratório de Informática do Curso de História. Local de acessibilidade no atendimento ao público e flexibilidade de horário onde o discente tem acesso às tecnologias de informação e comunicação. As metodologias de ensino e aprendizagem desenvolvidas nos componentes curriculares e nos espaços laboratoriais permitem a constituição de recursos, ferramentas, métodos, técnicas e espaços pedagógicos de aprendizagem que melhor integrem o tempo de formação, o desenvolvimento e a autonomia dos discentes ao exercício profissional, permitindo melhor inserção da

universidade no contexto social e trabalhando as dimensões da formação humana para além das salas de aulas.

### **3.6 Procedimentos de avaliação dos Processos de Ensino e Aprendizagem**

A avaliação da aprendizagem é, sem dúvida, o elemento mais desafiador em relação ao planejamento do ensino. Na prática avaliativa incorporamos nossos princípios e crenças sobre a educação, aprendizagem e ensino, e muitas vezes, o modo como avaliamos é incoerente aos princípios didáticos estruturantes e das metodologias desenvolvidas em sala de aula. Avaliar, segundo Cipriano Luckesi (2010), indica um processo de diagnóstico da aprendizagem, que implica, como processo, nos encaminhamentos necessários a um resultado mais satisfatório em relação a esta aprendizagem. Ou seja, avaliamos para tomar decisões, para tomar as melhores decisões. Muitas vezes, os instrumentos, necessários ao diagnóstico sobre a aprendizagem, são confundidos com o processo integralmente. Entendemos sua importância como elemento do processo, essencial para a coleta de dados sobre a aprendizagem, apontando diferentes possibilidades de investigação sobre o processo de ensino e sobre as manifestações dos conhecimentos dos aprendizes. Segundo Esteban (1999:15) a avaliação tem-se constituído num processo que gera práticas que dificultam a expressão dos múltiplos saberes, negando a diversidade e contribuindo para o silenciamento de alunos e alunas – e por que não, de professores e professoras – portadores de conhecimentos e atuações que não se enquadram nos limites predeterminados: a semelhança e o acerto. As vozes dissonantes são avaliadas negativamente, não havendo espaço, no cotidiano escolar, para sua expressão, reconhecimento, indagação e fortalecimento.

A avaliação da aprendizagem, nesta perspectiva excludente, silencia as pessoas, suas culturas e seus processos de construção de conhecimento; desvalorizando saberes fortalece a hierarquia que está posta, contribuindo para que diversos saberes sejam apagados, percam sua existência e se confirmem como a ausência de conhecimento. A classificação das respostas em acertos e erros, ou satisfatórias e insatisfatórias, ou outras expressões do gênero, se fundamenta nessa concepção de que saber e não-saber são excludentes e na perspectiva de substituição da heterogeneidade real por uma homogeneidade idealizada. (ESTEBAN, 1999:15) Esses elementos mostram que o ato de avaliar perdeu sua essência: ato subsidiário da construção de resultados positivos; meio auxiliar do crescimento do aluno que deve levar a uma tomada de decisão. (Luckesi, 1992). Há ainda duas consequências da avaliação autoritária: alunos e professores tornam-se inimigos potenciais (o professor quer “pegar” o aluno nas provas, vangloria-se do número de alunos de alunos que reprova; o aluno “vinga-se” do professor colando); avaliação é unilateral, só o aluno é avaliado. Para que a avaliação deixe de ser um mecanismo de exclusão e de produção do fracasso dos processos de ensino e de aprendizagem, e passe a se comprometer com a inclusão é preciso ressignificá-la. Para tanto, há que se considerar alguns aspectos como:

– Compreendê-la como parte de uma proposta pedagógica, não desconectada do resto do processo de ensino-aprendizagem. Mudanças significativas só ocorrem quando se repensa a postura pedagógica como um todo. Mudar a avaliação isoladamente não leva a uma mudança na concepção sobre ela.

Entendemos a avaliação como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, e não uma etapa isolada. Libâneo (1992:200) nos diz da necessidade de torná-la um meio para o crescimento do aluno. São incompatíveis com esse crescimento tanto o professor “durão” quanto o “bonzinho”. Deste modo, sabemos que ajudar o crescimento do aluno é conhecer suas dificuldades e contribuir para superá-las. Este mesmo autor nos ensina a torná-la contínua e diagnóstica, implicando em ações que levam a uma tomada de decisões, ao redirecionamento da prática, à reflexão do fazer pedagógico, para a busca de resultados satisfatórios. Assim, o erro que o aluno comete não deve servir para desqualificá-lo ou ridicularizá-lo, mas para construir a superação do erro. A avaliação oferece evidências das aprendizagens deficientes que precisam ser retomadas. Como diz Luckesi (1995), o erro deve ser fonte de crescimento não de castigo. Ainda sobre os erros, de acordo com Esteban (1999), ele passa a ser visto por outro prisma como momento do processo de construção de conhecimentos que dá pistas sobre o modo como cada um está organizando seu pensamento, a forma como está articulando seus diversos saberes, as diversas lógicas que atravessam a dinâmica ensino/aprendizagem, as muitas possibilidades de interpretação dos fatos, a existência de vários percursos, desvios e atalhos, as peculiaridades de cada um nos processos coletivos, a tensão individual/coletivo. Deixa de representar a ausência de conhecimentos, a deficiência, a impossibilidade, a falta. O erro oferece novas informações e formula novas perguntas sobre a dinâmica aprendizagem/desenvolvimento, individual e coletiva. O erro, muitas vezes mais do que o acerto, revela o que a criança “sabe”, colocando este saber numa perspectiva processual, indicando também aquilo que ela “ainda não sabe”, portanto o que pode “vir a saber”( Esteban, 1992). Neste sentido, passa a ser um estímulo (ou um desafio) ao processo ensino/aprendizagem – estímulo para quem aprende e estímulo para quem ensina.

Na discussão sobre a importância do erro, registramos a necessidade de estabelecimento de critérios para a avaliação e correção dos instrumentos de avaliação, evitando decisões arbitrárias, ou avaliação de aspectos irrelevantes. Neste sentido os objetivos são elementos norteadores. Por exemplo, vale indagar: se quero desenvolver o raciocínio, a capacidade de análise crítica, qual o sentido de perguntar aspectos irrelevantes só para “criar armadilhas” para o aluno? Da mesma forma, entendemos a importância da utilização de vários instrumentos e vários momentos de dedicação dos professores e estudantes ao diagnóstico sobre a aprendizagem dos discentes, sendo a heterogeneidade de instrumentos tão imprescindível quanto a diversidade de metodologias e direcionamento dos objetivos, num empenho de ambos, professores e alunos, à elucidação dos desafios de aprendizagem que geralmente são bem diferentes para cada membro do grupo.

Assim como a heterogeneidade, destacamos a amplitude do processo de ensino e de aprendizagem, assumindo que os instrumentos de avaliação precisam ser mais

globais, e abranger todas as variáveis deste processo, de forma totalizante, para bem diagnosticá-lo e fundamentar o planejamento futuro. Por fim, compreendemos que a mudança na prática avaliativa do ensino indica a modificação da relação professor-estudante.

Na prática educativa dominante historicamente, dita tradicional, os sujeitos deste processo baseiam-se em relações mais distanciadas, em que até aparentam ser inimigos ou não terem o mesmo objetivo, que é o sucesso do processo, que é a aprendizagem dos estudantes. Eles estão enimesmados, e é comum percebermos que há uma idealização sobre quem é o aluno, a aluna e como devem manifestar sua aprendizagem.

Numa avaliação diagnóstica, inclusiva e radical, tendo como meta e sentido de ação discente e docente a aprendizagem e a democratização dos conhecimentos, eles terão outra base relacional, serão mais aliados, onde o processo de aplicação de instrumentos e coleta das informações necessárias ao planejamento, não indicará inimizade, mas sim acolhimento, e acolhimento do aluno de modo mais concreto, contextual e dinâmico. Ou seja, educador e educando são aliados num processo comum de crescimento. Como ressalta Luckesi, incluir significa convidar o outro para juntos, irem em busca de uma solução ou de um resultado que seja satisfatório. Para incluir em educação, compreendemos que o educador deve ir até onde o educando está, auxiliá-lo em suas dificuldades a fim de, então, caminhar com ele rumo a uma solução possível. Não basta julgá-lo de fora; importa, com ele, descobrir a defasagem e encontrar a solução. (LUCKESI, 2010:199) Desta maneira, para uma avaliação inclusiva, Luckesi (2010) defende e aqui assumimos, que na sala de aula o objetivo é que todos aprendam e se desenvolvam, que nenhum aluno deve ficar de fora deste processo. Deste modo, por si, é um ato amoroso, caracterizando processos com ações menos estagnadas e mais dinâmicas, mais inclusivas e acolhedoras, características da avaliação formativa, progressista. Há alguns elementos importantes na caracterização desta forma de conceber e praticar o ensino, destacando-se: a) a avaliação é um processo que indica investigação de resultados, b) para a investigação, é importante o combate à cultura de segregação e a manifestação de práticas mais dinâmicas e reflexivas e c) tomar-se o erro como virtude, como diagnóstico, com foco das finalidades do processo e de tudo que o fundamenta na aprendizagem e não nas notas. As notas, deste modo, são o resultado do que coletamos nos instrumentos para o diagnóstico.

A avaliação, por fim, no Curso de Licenciatura em História, seguirá as orientações do Regimento Geral da Universidade Federal do Ceará, conforme segue:

*Art. 109 - A avaliação do rendimento escolar será feita por disciplina e, quando se fizer necessário, na perspectiva de todo o curso, abrangendo sempre a assiduidade e a eficiência, ambas eliminatórias por si mesmas.*

*§ 1º. - Entende-se por assiduidade a frequência às atividades correspondentes a cada disciplina.*

*§ 2º. - Entende-se por eficiência o grau de aproveitamento do (a) aluno (a) nos estudos desenvolvidos em cada disciplina.*

*Art. 110 - A verificação da eficiência em cada disciplina será realizada progressivamente durante o período letivo e, ao final deste, de forma individual ou*

*coletiva, utilizando formas e instrumentos de avaliação indicados no plano de ensino e aprovados pelo Departamento.*

*§ 1º - As avaliações escritas, após corrigidas, e suas notas transcritas nos mapas de notas pelo professor, serão devolvidas ao (a) aluno (a).*

*§ 2º - A devolução de que trata o parágrafo anterior deverá fazer-se pelo menos até 07 (sete) dias antes da verificação seguinte.*

*§ 3º - Será assegurada ao (a) aluno (a) a segunda chamada das provas, desde que solicitada, por escrito, até 03 (três) dias úteis decorridos após a realização da prova em primeira chamada.*

*§ 4º - É facultado ao (a) aluno (a), dentro de 03 (três) dias úteis após o conhecimento do resultado da avaliação, solicitar justificadamente a respectiva revisão pelo próprio docente, encaminhando o pedido através do chefe do Departamento correspondente.*

*Art. 111 - Os resultados das verificações do rendimento serão expressos em notas na escala de 0 (zero) a 10 (dez), com, no máximo, uma casa decimal.*

*Art. 112 - A verificação da eficiência compreenderá as avaliações progressivas e a avaliação final.*

*§ 1º - Entende-se por avaliações progressivas, aquelas feitas ao longo do período letivo, num mínimo de duas, objetivando verificar o rendimento do (a) aluno (a) em relação ao conteúdo ministrado durante o período.*

*a) Nota de Avaliação Final;*

*b) Média Final;*

*c) Frequência.*

*Art. 116 - A verificação do rendimento na perspectiva do curso far-se-á por meio de monografias ou trabalhos equivalentes, estágios, internatos e outras formas de treinamento em situação real de trabalho.*

*§ 1º - A verificação do rendimento de que trata este artigo será regulada através de Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, observados o que constar no Anexo do curso e o disposto no parágrafo seguinte.*

*§ 2º - Não poderá ser diplomado o (a) aluno (a) que, no conjunto de tarefas previstas para a avaliação do rendimento na perspectiva do curso, apresentar frequência inferior a 90% (noventa por cento), ou nota inferior a 07 (sete).*

*Art. 117 - A avaliação do rendimento escolar, prevista nos artigos precedentes, aplica-se aos cursos de graduação.*

A composição das notas será definida pelo professor quanto à formalização da avaliação e da passagem das notas, sendo observadas as recomendações do regimento da UFC.

Caberá ao docente, a construção do processo de acompanhamento e avaliação do

discente na elaboração dos instrumentos e procedimentos didáticos e pedagógicos de acordo com a realidade da aprendizagem no cotidiano, no sentido de permitir adequações e promover desenvolvimento e a autonomia do aluno. Em situações de reprovação por nota ou frequência, orienta-se o acompanhamento e a observância dos casos de forma singular por parte do docente.

A coordenação do curso acompanha os alunos que apresentam situação de dificuldades e/ou reprovações constantes. Com o intuito de superá-las e minimizar a evasão, a coordenação elabora Plano de Ensino e Termo de Compromisso em que o discente assina e compromete-se com a realização de disciplinas nos semestres, estabelecidas no plano. Este procedimento visa realizar o acompanhamento de sua trajetória acadêmica e incentivar à permanência no curso.

### **3.7 Atividades de Tutoria**

Como atividade de tutoria, o curso de licenciatura em História oferece em seu Projeto Pedagógico o Programa de Educação Tutorial (PET) em História, respaldado pela Lei 11.180/2005 e regulamentado pelas Portarias nº 3.385/2005, nº 1.632/2006, nº 1.046/2007 e nº 976/2010.

O Programa de Educação Tutorial em História tem contribuído sobremaneira para a qualificação acadêmica dos graduandos, ao se desenvolver em grupos organizados, orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A Educação Tutorial caracteriza-se pela presença de um professor tutor com a missão de orientar e estimular a aprendizagem ativa dos estudantes a partir de uma prática pedagógica fundada em compromissos epistemológicos, éticos e sociais.

O Programa conta com a participação efetiva de alunos bolsistas que desenvolvem, coletivamente, vários projetos, tais como: (a) O Projeto APEC: “Fundo Documental e Guia de Fontes para a História da Escravidão no Ceará; (b) Projeto Narrativas, Memória e Saberes Tradicionais na comunidade de Ponta Grossa - Icapuí/CE; (c) Projeto Recém-Ingresso; (d) Cine-PET; (e) Projeto Narrativas da Fome; (f) Projeto NUDOC, entre outros. Além dos trabalhos coletivos, os petianos desenvolvem pesquisas individuais as quais, tradicionalmente, se convertem em seus temas de estudo quando ingressos nas pós-graduações.

O trabalho realizado pelos bolsistas do PET-História é construído a partir de planejamento coletivo, com o estabelecimento de cronologia de ações e mediação pedagógica junto aos discentes que envolve uma série de atividades teóricas e didáticas, como: 1. Problematização sobre temáticas históricas; 2. Mapeamento de corpo documental; 3. Discussões teóricas e bibliográficas sobre a temática em discussão; 4. Realização de oficinas, mesas redondas e rodas de conversas; 5. Apresentação de relatórios; 5. Publicação de resultado na forma de artigo ou outras modalidades.

O PET orienta-se na concepção de promoção da reflexão crítica dos temas de relevância social para a região, através da implantação de projetos coletivos e individuais que contribuam para a produção da pesquisa acadêmica histórica e para permanência do estudante no curso em atendimento às demandas didático-pedagógicas

da estrutura curricular.

No sentido formativo, o PET História realiza acompanhamento regular e sistemático ao longo do curso, através do tutor, na vida acadêmica do estudante em seu processo formativo, na medida em que, de forma estratégica e pedagógica, contribui para o desenvolvimento da sua autonomia na busca do conhecimento, no desempenho de habilidades e competências. Objetiva e cumpre à adoção de práticas criativas, inovadoras e exitosas na realização dos projetos de pesquisa e estimula o estabelecimento de hábitos de estudo e organização das rotinas acadêmicas.

### **3.8. Estágio Curricular Supervisionado**

A realização dos Estágios Curriculares no curso de licenciatura em História é atividade obrigatória para o processo de formação inicial docente dos graduandos e está de acordo com os seguintes documentos: LDB (Lei nº 9394/2006); Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica, em Cursos de Nível Superior (proposta MEC-05/2000); Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos Superiores de História (MEC/CNA-3/4/2001) Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da educação básica (MEC/CNA-8/5/2001), Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008; Resolução Nº 32/CEPE, de 30 de outubro de 2009; Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015 e Regimento Geral da UFC.

São objetivos do estágio curricular supervisionado em História: a) contribuir para o exercício das competências e habilidades na relação com a prática docente e a realidade do mundo do trabalho escolar; b) desenvolver uma relação entre licenciandos, docentes e supervisores da rede de educação básica, na elaboração e participação de atividades de planejamento, desenvolvimento e avaliação em História; c) proporcionar rico espaço de reflexões e descobertas em que teoria e prática dialogam como instrumentos inseparáveis e indispensáveis à prática docente do historiador; d) promover experiências de reflexão e ação críticas sobre as aprendizagens no contexto institucional com base nas disciplinas vivenciadas durante o curso de formação; e) contribuir como locus de identidade profissional do aluno, a partir do entrecruzamento dos percursos individuais e institucionais no âmbito do trabalho e da formação docente em História.

Os cursos superiores de História e os historiadores do Brasil reconhecem e fomentam, de modo geral, a promoção do estágio de iniciação à docência nas escolas da educação básica – sobretudo em escolas públicas. Essa etapa é fundamental para a construção dos saberes, tanto dos professores do magistério superior e dos estudantes universitários de História, atentos à questão da formação inicial docente, como dos professores de história da educação básica e dos discentes do ensino fundamental e médio.

Consideramos o saber docente e profissional do professor de história da educação básica, - em diálogo mais diretamente com o professor da disciplina de estágio e a cultura escolar das instituições escolares, onde se situa o ofício do historiador-, como fonte e objeto para a pesquisa e a aprendizagem da didática e da prática de ensino de

história, dimensionando socialmente a escrita sobre os saberes históricos da disciplina história e o caráter formativo do saber histórico na escola.

Desse modo, como elemento dialógico e para a ampliação do campo epistemológico e hermenêutico do estágio curricular (de iniciação a docência) por/nas universidades, é proposta a criação de projetos que contemplem a reflexão acerca das concepções teóricas e metodológicas selecionadas pelos alunos das disciplinas/atividades de estágio ao ministrarem suas aulas de história nas escolas, bem como, das suas percepções no que se referem à epistemologia da prática do professor da escola e a relação entendida entre a categoria cultura escolar enquanto lugar do conhecimento escolar, cultural e social e a configuração da sua identidade profissional como professor de história e educador.

A saber: os estágios estão divididos em 4 etapas com carga horária de 100h cada. O Estágio Supervisionado I (estudo, pesquisa e planejamento na/para a escola do Ensino Fundamental anos finais) deve ocorrer no 2º semestre; o Estágio Supervisionado II (estudo, pesquisa e realização das sequências didáticas na/para a escola do Ensino Fundamental anos finais) no 4º semestre, Estágio Supervisionado III (estudo, pesquisa e planejamento na/para a escola do Ensino Médio) no 6º semestre e o Estágio Supervisionado IV (estudo, pesquisa e realização das sequências didáticas no/para a escola do Ensino Médio) no 8º semestre.

Para tanto, cabe a todos os envolvidos com a formação de professores, o ensino de história e com o saber ensinado, compartilhar, valorizar e instrumentalizar os enunciados, problemas, hipóteses e as narrativas contidas nos relatórios de estágios e/ou em outros textos e materiais didáticos produzidos pelos alunos.

O Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História (LEAH - Deptº de História- UFC) realiza distintos projetos e atividades de registros e acompanhamento dos estágios. Compõe como processo avaliativo, a entrega de relatórios por parte dos estudantes nos quais são apresentados de forma crítica e propositiva suas experiências, notadamente no que diz respeito às dificuldades e aos desafios vivenciados no estágio. Os relatórios, compreendidos como produtos gerados pelo aluno, são salvaguardados no LEAH e disponibilizados como objetos de pesquisa para os estudantes do curso, pesquisadores e professores da rede de ensino básica e para a comunidade em geral.

O curso de licenciatura em História desenvolve parcerias com dezenas de escolas das redes públicas de educação básica. Como parte desse envolvimento, o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História (LEAH-Deptº de História- UFC) desenvolve dezenas de parcerias com escolas da rede escolar básica, entre as quais:

1. EEEP Escola Paulo VI;
2. E.E.M.T.I. Professor Paulo Freire;
3. E.E.F.M Professor Paulo Freire;
4. E.E.M Adauto Bezerra;
5. EEMTI Antônio Bezerra;
6. Colégio Manuel da Silva;
7. E E F Heraclito De Castro e Silva;
8. EEFM Heráclito de Castro e Silva;
9. EEF Francisco Chagas Farias;
10. EMEIF Presidente Kennedy;
11. EEFM Governador Flávio Marcílio;
12. EEF Escola Municipal Cristo Redentor;
13. EMEIF Escola Municipal Frei Lauro Schwartz;
14. E.E.F.M Félix de Azevedo;
15. E.E.F.M. Figueiredo Correia;
16. E.E.F.M Antônio Sales;
17. EEFM Antonio Sales;
18. EMEIF Professora Antonieta Cals;
19. EEFM Irapuan Cavalcante Pinheiro;
20. Colégio

Militar do Corpo de Bombeiros do Ceará; 21. Colégio Estadual Presidente Humberto Castelo Branco; 22. EEFM Adalgisa Bonfim Soares; 23. EEFM Professora Diva Cabral; 24. EEM Wladimir Roriz; 25. EEFM Helenita Mota; 26. EMEIF Escola Municipal João Nogueira Juca; 27. CEI Professora Maria de Alencar; 28. EMEIF Escola Municipal Paulo Sarasate; 29. EMEF Francisca de Oliveira Lima; 30. EMEIF Cláudio Martins; 31. EEM Branca Carneiro de Mendonça<sup>4</sup>.

Em síntese, o estágio curricular supervisionado em História visa proporcionar a articulação entre o currículo do curso e aspectos das vivências da educação básica, ao estabelecer a interrelação entre embasamento teórico das atividades planejadas e desenvolvidas no campo da prática e reflexão sobre as realidades experienciadas pelos estudantes, no contexto de educação formal e não formal, propiciando, assim, ações dialogais entre IES e rede escolar básica.

### **3.9 Atividades Complementares**

As atividades complementares, em conformidade com a resolução 07/CEPE, de 17 de junho de 2005, e Resolução 02/CNE, 01 de julho de 2015, referem-se a um componente obrigatório que contribui para a flexibilização curricular, por requerer, do estudante, a participação em atividades de naturezas diversas que envolvem a gestão, o ensino, a pesquisa e a extensão, além de atividades da cultura artística e profissional.

Segundo está disposto no primeiro artigo da Resolução N° 07/CEPE, de 17 de Junho de 2005, “as Atividades Complementares dos Cursos de Graduação constituem um conjunto de estratégias pedagógico-didáticas que permitem, no âmbito do currículo, a articulação entre teoria e prática e a complementação dos saberes e habilidades necessárias, a serem desenvolvidas durante o período de formação do estudante”.

As atividades complementares compreendem a criação de mecanismos de aproveitamento de conhecimentos, adquiridos pelo estudante, através de estudos e práticas independentes. Têm como objetivos básicos viabilizar a flexibilização curricular voltada para o comprometimento de formação mais integral e cidadã e articular teoria e prática, através da complementação de saberes e habilidades necessárias para a formação do estudante em História.

Assim, há um rol de atividades possíveis de serem integralizadas como complementares, de acordo com a performance do estudante durante seu curso de graduação, assim elencadas na resolução destacada: iniciação científica, iniciação à docência; projetos de extensão; atividades artístico-culturais e esportivas; participação e/ou organização de eventos; produção técnica e/ou científica; experiências ligadas à formação profissional e/ou correlatas; vivência de gestão; havendo ainda possibilidade de previsão de outras atividades acadêmicas reconhecidas e normatizadas pelo Colegiado da Coordenação.

---

4

A relação completa das escolas se encontra no site do Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História - LEAH <https://laboratorioensinohistoria.ufc.br/escolas/>

Sua integralização à estrutura curricular deste curso de licenciatura será submetida aos seguintes preceitos:

1. As Atividades Complementares são desenvolvidas ao longo de todo o Curso;
2. A carga horária computada para as Atividades Complementares será efetivada através da integralização de 140 horas;
3. O aluno deverá submeter ao colegiado da coordenação para apreciação, um relatório de Atividades Complementares até sessenta dias do período anterior à conclusão do seu Curso.

Caberá ao colegiado da coordenação do curso definir critérios para o aproveitamento dos estudos autônomos do estudante, estabelecendo o limite máximo de horas a serem incorporadas ao seu currículo, respeitando-se a legislação específica que assim determina:

**GRUPOS I, II e III - Atividades de Iniciação à Docência, Pesquisa e/ou Extensão. (Exemplos):** bolsa PIBIC (voluntária ou remunerada); bolsa PIBID (voluntária ou remunerada); bolsa Monitoria (voluntária ou remunerada); PET; bolsa de Pesquisa e demais bolsas equivalentes; atividades promovidas pela Pró-Reitoria de Extensão. (ATÉ 64 horas)

**IV – Atividades Artístico-Culturais e Esportivas (Exemplos):** Participação (envolvimento efetivo no projeto) de Coral, Grupo de Teatro, Projetos na área de Cinema e/ou Artes Plásticas etc.; Participação (como espectador) de atividades Artístico-Culturais promovida pela UFC e/ou outras instituições de ensino superior ou culturais; Participação em eventos esportivos da UFC (passeio ciclístico, corridas, triátlon); Participação como membro de equipe esportiva da UFC. (Até 60 horas).

**V - Atividades de Participação e/ou Organização de Eventos (Exemplos):** congressos, seminários, conferências, simpósios, palestras, fóruns, semanas acadêmicas: assistidos e organizados; (até 64 horas).

**VI - Experiências Ligadas à Formação Profissional em História e/ou Correlatas (Exemplos):** realização de estágios não obrigatórios cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão; realização de estágios na Prefeitura, Estado, Instituições de Ensino Privado, Museu, Arquivo, Biblioteca; atividade docente voluntária ou remunerada em Movimentos Sociais ou atividade docente certificada por pessoa jurídica; cursos com duração mínima de 30h. (até 64 horas).

**VII - Produção Técnica e/ou Científica (Exemplos):** publicação de artigo científico; publicação de artigo em jornal; apresentação de comunicação em evento científico; realização de oficinas e minicursos; publicação de capítulo em livro acadêmico. (até 48 horas).

**VIII – Vivências de Gestão:** participação em entidades estudantis da UFC como membro de diretoria; (até 48horas).

**IX- Outras Atividades:** participação regular em Laboratórios e Grupos de Estudo do Curso de História ou de Cursos afins (UFC – UECE – IFCE - UNILAB); bolsa de Iniciação Acadêmica e equivalentes; curso em Centro de Línguas; participação em edição de revistas acadêmicas; minicursos. (até 48 horas)

Os documentos válidos para comprovação da participação do aluno e para integralização curricular das atividades complementares são: declarações, certificados e de outra natureza similar institucional que atestem organização e/ou participação nas atividades.

### 3

#### **.10. Trabalho de Conclusão de Curso**

Os pareceres CNE nº 492/2001 e 13/2012 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE) não contemplam o Trabalho de conclusão de curso (TCC) como componente obrigatório das diretrizes curriculares nacionais do curso de História. Contudo, por considerar etapa fundamental do percurso de formação intelectual do discente, o curso de licenciatura em História, estabelece o TCC como componente obrigatório para integralização da carga horária total do curso.

O Trabalho de Conclusão de Curso apresenta-se como trabalho individual e original, resultado de pesquisa acadêmica, científica e/ou artístico cultural, de natureza bibliográfica e/ou empírica e necessário para a obtenção do diploma de historiador. A carga horária corresponde a 100 horas. Para a elaboração, desenvolvimento e conclusão do TCC, o estudante será acompanhado pelo professor orientador. No trabalho de orientação, serão discutidos os métodos, passos e problemáticas da pesquisa com o objetivo de desenvolver planos de trabalho para a realização de várias fases da pesquisa, como: leitura bibliográfica, diálogo com as fontes, elaboração de problemática, trabalho de campo, sistematização e apresentação do TCC. O curso de História fornecerá Manual do TCC com o estabelecimento de critérios e normativas de elaboração do TCC.

O Trabalho de Conclusão de Curso admitirá diversas modalidades e formatos, como: trabalho escrito, documentário, material didático, inventário de fontes, jogos educativos e digitais, blog s, página na internet, intervenção pedagógica em escola, museu ou espaço similar.

São objetivos do Trabalho de Conclusão de Curso: a) construir e apresentar trabalho acadêmico com problemática investigativa, desenvolvido a partir de tema de livre escolha do aluno, através da utilização de fontes históricas e pesquisa de natureza historiográfica; b) realizar diálogo teórico e conceitual com os estudos e debates histórico e historiográfico sobre os diversos campos de pesquisa; c) responder à problemática de determinado estudo de natureza teórico-metodológica, didático-pedagógica e/ou artístico cultural; d) atender às habilidades e competências da formação do historiador e perfil do egresso.

A avaliação será realizada a partir dos critérios observados e de acordo com as problemáticas investigativas e pertinentes à área da História, através da composição de banca examinadora composta por três membros. O Trabalho de Conclusão de Curso deverá ser formalizado e entregue à coordenação do curso de História, com a devida aprovação da banca examinadora para fins de arquivamento e disponibilização em repositório institucional.

### 3

#### .11. Disciplinas em Outros Cursos

Como forma de fomentar a interdisciplinaridade e, sobretudo, dialogar com outras formas de produção de conhecimento, o Departamento de História ainda oferece disciplinas de caráter obrigatório para outros cursos:

Código da disciplina	Nome do component e curricular	Regim e de oferta	Unidade Acadêmica responsável	C H T e ó r i c a	C H P r á t i c a	E x t e n s ã o	PCC*	Total	Departamento que demanda
HI0137	História Contemporânea I	semestr al	Departame nto de História	4 8	1 6	-	16	64	Departamento de Ciências Sociais (curso diurno e noturno)
HI0054	História econômica, Social e política do Brasil	semestr al	Departame nto de História	6 4	-	-		64	Departamento de Geografia

\* PCC – Prática como componente curricular

### 3

#### .12. Ementário e Bibliografias

Unidade Curricular de História

##### 3.12.1 Obrigatórias

###### **Introdução aos Estudos Históricos**

*Introduction to Historical Studies*

###### **Ementa:**

A historicidade da produção do conhecimento histórico; as metodologias de pesquisa e a diversidade da interpretação histórica; Tempo, memória e história; o ofício do historiador e os lugares de produção do saber.

###### **Bibliografia Básica:**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de Teoria da História. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

REIS, José Carlos Reis. *A História entre a filosofia e a Ciência*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

**Bibliografia Complementar:**

SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MUSEU PAULISTA. *Como Explorar Um Museu Histórico*. Universidade de São Paulo, 1992.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

### **Estudos Sócio-Históricos e Culturais da Educação**

*Socio-Historical and Cultural Studies of Education*

**Ementa:**

Conceitos fundamentais à Sociologia, História e Antropologia para a compreensão da relação entre Educação e Sociedade. A interdisciplinaridade do pensamento pedagógico. Multiculturalismo e políticas educacionais de ação afirmativa.

**Bibliografia Básica:**

BLOCH, M. *Introdução à História*. Lisboa: Europa-América, s/d.

CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. CONNOR, W.M. *Diversidade Étnica*. Petrópolis: Vozes, 1987.

**Bibliografia Complementar:**

DEMO, P. *Sociologia*. São Paulo, Atlas, 1997.

GURVITCH, G. *Tratado da Sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, s/d.

OOF, C. *Problemas do Estado Capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

### **Introdução à prática profissional**

*Introduction to Professional Practice*

**Ementa:**

A Disciplina de História e o historiador. História, abordagens e interpretação: o ensino, a pesquisa e as fontes. Apresentação dos espaços institucionais de trabalho do professor-pesquisador.

**Bibliografia Básica:**

GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, Vol. 1, n. 1, 1988, p. 5-27

GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. *Livro de fontes de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 1º capítulo.

**Bibliografia Complementar:**

José Geraldo Vinci de Moraes e José Marcio Rego. (Org.). *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002. (Nicolau Sevcenko e Maria Yeda Linhares).

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. História e Geografia.

CERRI, Luis Fernando. *Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CHAUNU, Pierre; DUBY, Georges; LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Et alli.). *Ensaio de Ego-História*. Lisboa: Edições 70, 1989.

FONSECA, Selva Guimarães. *Ser Professor no Brasil*. São Paulo: Papirus, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. (Org.). *História. Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LUCA, Tânia Regina de. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

*Revista Brasileira de História*. Dossiê História, educação e interdisciplinaridade, São Paulo: ANPUH, Vol. 30, Nº 60, 2010.

*Revista Estudos Históricos*. Dossiê Heróis nacionais, Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas, Vol. 14, Nº 25, 2000.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora, BARCA, Isabel, URBAN, Ana Cláudia (orgs.). *Passados possíveis: a educação histórica em debate*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. *Cultura histórica e aprendizagem histórica*. Revista NUPEM (Online), v. 6, p. 31-50, 2014.

## Introdução a Filosofia

*Introduction to Philosophy*

**Ementa:**

O que diferencia a atitude filosófica da apreensão cotidiana do mundo? Qual a especificidade da Filosofia em relação ao pensamento mítico ou religioso? Qual a origem da Filosofia? Quais são suas condições de surgimento? É possível definir o que é Filosofia? Quais são algumas das questões norteadas de cada período da História da

Filosofia? Onde está a Filosofia? A Filosofia vive? Como atua um filósofo hoje? É possível viver profissionalmente da Filosofia? Nosso propósito é orientar os alunos recém-chegados nas temáticas mais gerais concernentes à História da Filosofia e ao próprio cotidiano do estudante, pesquisador ou profissional de Filosofia, abordando, além dos temas sugeridos acima, tópicos significativos e distintivos de cada um dos grandes períodos da História da Filosofia.

#### **Bibliografia Básica:**

- CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.
- SILVA-CHAUI, F-M. *Primeira Filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- VERNANT, J-P. *Origens do Pensamento Grego. Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: BB, 1994 e Perspectiva, 1999.
- PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragments*. Col. Pensadores. São Paulo.
- PLATÃO. *Diálogos-Apologia de Sócrates*. Nova Cultural, 1996.
- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulinas 1986.
- SELLIER, P. *Pascal et Saint Augustin*. Paris: Albin Michel, 1995.
- BOSSUET. *Discours sur l'histoire universelle*. Flamorin, 1966.
- JANINE, R-J. *A Última Razão dos Reis*. Discurso Editorial, 1994.
- SKINNER, Q. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia da Letras, 1996.

#### **Bibliografia Complementar:**

- ANNAS, J. *Introduction à La République de Platón*. Paris: PUF, 1994.
- ROSS, D. *Aristóteles*. Lisboa: Don Quixote, 1987.
- WOLFF, F. *Aristóteles e a Política*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- GOLDSCHMIDT, V. *Tempo lógico e Tempo Histórico na interpretação dos sistemas filosóficos*. In: A Religião de Platão. São Paulo: Difel, 1963.

### **Estrutura, Política e Gestão Educacional**

*Educational Structure, Policy and Management*

#### **Ementa:**

A Educação no contexto sócio-político brasileiro. O sistema escolar no Brasil. A gestão do sistema escolar Fundamental e Médio. O Ensino Fundamental e Médio no Ceará.

#### **Bibliografia Básica:**

- ALVES, Nilda e VILLARDI, Raquel. *Múltiplas Leituras da Nova LDB*. São Paulo: Ed. Dunya, 1998.
- ARROYO, Miguel et al. *Da Escola Carente à Escola Possível*. São Paulo, Loyola, 1991.
- CARNEIRO, Moacir Alves. *LDB Fácil – Leitura Crítica*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Ed.Vozes, 1998.
- DEMO, Pedro. *A Nova LDB – Ranços e Avanços*. São Paulo: Papirus, 1997.
- FÁVERO, Osmar (Org.). *A Educação nas Constituintes Brasileiras*. Campinas, São Paulo: Ed. Autores Associados, 1996.
- FREITAS, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo, EDART, 1978.
- GADOTT, Moacir. *Organização do Trabalho na Escola*. Alguns Pressupostos. São Paulo, Ática, 1993.

**Bibliografia Complementar:**

- PIMENTA, Selma Garrido & GONÇALVES, Carlos Luiz. *Reverendo o Ensino de 2º Grau Propondo a Formação de Professores*. São Paulo, Cortez, 1990;.
- RAMA, Leslie Maria José da Silva. *Legislação do Ensino*. Uma Introdução ao estudo. São Paulo: EPU, 1987.
- RODRIGUES, Nelson da. *Mistificação da Escola Necessária*. São Paulo, Cortez, 1987.
- SAVIANI, Dermeval. *Da Nova LDB ao Novo Plano Nacional de Educação: Por uma outra Política Educacional*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1998.
- SILVA, Eurídes Brito da. *A Educação Básica Pós LDB*. São Paulo: Ed.Pioneira. 1998.

**Teoria e Metodologia da História I***Theory and Methodology of History I***Ementa:**

Sobre História. O tempo da História. A História como disciplina. Método e escrita da História

**Bibliografia Básica:**

- CERTEAU, Michel de. Prefácio à 2ª edição; Escritas e Histórias. In:\_. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 9-27
- GUIMARÃES, Manoel Luiz. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; RODEGHERO, Carla Simone. *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 9-24.
- JENKINS, Keith. O que é a História? In:\_. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 23-52.
- HARTOG, François. Primeiras figuras do historiador na Grécia: historicidade e história, In:\_\_\_\_\_. *Os Antigos, o moderno e o passado*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 11-33.
- KOSSELECK, Reinhart. O futuro passado dos tempos modernos; In:\_\_\_\_\_. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RJ. Contraponto, 2006. p. 19 – 39.

**Bibliografia Complementar:**

- CASSIRER, Ernst. *Uma chave para a natureza do homem: o símbolo; A História*. In: *Ensaio sobre o homem*. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 45-50; 279-336.
- GRESPLAN, Jorge. Considerações sobre o método. In: PINSKY, Carla Bessanezi (et. all). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 291-300.
- LOWY, Michael. O positivismo ou o princípio do Barão de Munchhausen. In: *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Muchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Busca Vida, 1987. p. 25-45.
- REIS, José Carlos. Wilhelm Dilthey. In: *Lições de História* (vol. 2). Rio de Janeiro: FGV, 21010. p. 111- 129.
- SETH, Sanjay. Razão ou Raciocínio? Clio ou Shiva? In: *História da historiografia*, Ouro Preto, número 11, abril de 2013. P. 173-189.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Jules Michelet. In: MALERBA, Jurandir. *Lições de História* (vol. 1). Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 91- 112.

## **História do Brasil Colônia**

*History of Colonial Brazil*

### **Ementa:**

Comunidades indígenas; Diáspora negra do Brasil; Interpretações clássicas do projeto colonial; Estrutura e dinâmica do sistema colonial; Pacto colonial, Sentido da colonização e Antigo Sistema Colonial; Escravidão colonial; Brecha Camponesa; Império Ultramarino Português; Cotidiano e imaginário na América Portuguesa.

### **Bibliografia Básica:**

ABREU, João Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Fortaleza, CE: UFC, Casa de José de Alencar, 1999.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.. *Agricultura, escravidão e capitalismo*. Rio de Janeiro: Vozes.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. *O Arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia no Rio de Janeiro, c.1790-c.1840*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

GORENDER, Jacob. *Escravidão colonial*. São Paulo: Ática, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução política do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1981

### **Bibliografia Complementar:**

FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (org). *O Brasil colonial: volume 1 (ca. 1443-1580)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

.. *O Brasil colonial: volume 2 (ca. 1580-1720)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

.. *O Brasil colonial: volume 3 (ca. 1720-1821)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LARA, Sílvia Hunold. *Ordenações Filipinas: livro V*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2005.

SCHWARTZ, Stuart B. *Burocracia e sociedade no Brasil colonial: a suprema corte da Bahia e seus juizes: 1609-0751*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

## Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem na Adolescência

*Developmental Psychology and Learning in Adolescence*

### **Ementa:**

Conceito e características da adolescência. Desenvolvimento biológico e psicológico na adolescência. Desenvolvimento afetivo e cognitivo. Crises na adolescência. Fatores psicológicos no processo ensino/aprendizagem: percepção, atenção, motivação, memória e inteligência. Distúrbios na aprendizagem. Avaliação da Aprendizagem.

### **Bibliografia Básica:**

ABERASTURY, Arminda & Outros. *Adolescência*. Trad. Ruth Cabral. Edição. Porto Alegre, Artes Médicas. 1990.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, LTC. 1986.

BEE, Hellen e MITCHELL, Sandra K. *A pessoa em desenvolvimento*. São Paulo. Hbra. 1984.

CHARLES, C. M. *Piaget ao Alcance dos Professores*. Rio de Janeiro. Ao livro técnico. 1975.

COLLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Org.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia evolutiva*. Trad. Daisy Vaz de Moraes. 2ª ed. Porto Alegre. Artes Médicas.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de. *Psicologia da Educação*. São Paulo, Cortez, 1994.

### **Bibliografia Complementar:**

FOULIN, J. N. & MOUCHON, S. *Psicologia da Educação*. Porto Alegre, Artmed, 2000 OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotski: *Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. São Paulo, Scipione, 1995.

PIAGET, J. *Seis Estudos de psicologia*. Rio de Janeiro, Forence, 1986.

TAVARES, J. & ALARCÃO, I. *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra, Livraria Almedina. 1999.

VYGOTSKY, L. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martin Fontes, 1989.

## História Antiguidade Clássica

*History Classical Antiquity*

### **Ementa:**

Fontes e metodologias do ensino e da pesquisa em História Antiga. O conceito de clássico e as apropriações da cultura greco-romana nas épocas moderna e contemporânea. As periodizações da história. O Mediterrâneo e a cultura greco-romana.

### **Bibliografia Básica:**

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (orgs.). *História da vida privada – do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIARDINA, Andrea (org.). *O homem romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

VERNANT, Jean-Pierre. *O homem grego*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

### **Bibliografia Complementar:**

FINLEY, Moses. *Política no mundo antigo*. Lisboa: Edições 70, 1997. GRANDAZZI, Alexandre. *As origens de Roma*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010 GRIMAL, Pierre. *As*

*ciudades romanas*. Lisboa: Edições 70, 2003.

MOSSÉ, Claude. *A Grécia arcaica de Homero a Esquilo*. Lisboa: Edições 70, 1998.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

### **História da América I**

*History of America I*

#### **Ementa:**

Velhas Civilizações do Novo Mundo (A mesoamérica e Caribe e área Andina); O contato de culturas (Choques e interpenetrações, Elementos do imaginário americano); Nascimento do Novo Mundo (Os descobrimentos como um dos pilares da Idade Moderna, Europa- América (relações iniciais); O mundo colonial (Elementos da administração colonial: política e economia, Elementos da administração colonial: sociedade e cultura); Nuances da colonização (A América Inglesa, A América Francesa

#### **Bibliografia Básica:**

CARDOSO, Ciro Flamarion. *A América Pré-colombiana*. Brasiliense, São Paulo: 1981.

HALPERIN DONGHI, Tulio. *História da América Latina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 324 p. (Coleção estudos latino-americanos / Paz e Terra ; 1).

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do ouro*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

#### **Bibliografia Complementar:**

FERREIRA, Jorge Luiz. *Conquista e colonização da América Espanhola*. São Paulo: Ática, 1992.

\_. *Incas e Astecas: culturas pré-colombianas*. São Paulo: Ática, 1988.

GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

GRUZINSKI, Serge. *A passagem do século: 1480-1520*. São Paulo; Cia das Letras, 1999.

KAPLAN, Marcos. *Formação do Estado Nacional na América Latina*. RJ: Eldorado, 1974.

KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: Da colônia à Independência*. São Paulo: Contexto, 1999.

PINSKY, Jaime. (org.) *História da América através de textos*. São Paulo: Contexto, 2001.

RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

### **História da América II**

*American History II*

#### **Ementa:**

Analisar a América a partir dos movimentos independentistas e de sua construção no decorrer século XIX ao XX, percebendo a formação cultural, econômica, social e política dos diferentes povos que nele habitam.

Compreender a formação dos estados nacionais na América no século XIX.  
Observar questões como imperialismo, populismo, ditaduras e movimentos sociais no decorrer do século XIX e XX.

Pensar como a história, a música, a literatura e o cinema contribuíram para os debates sobre identidade e as principais problemáticas que marcaram o século XX no continente americano.

**Bibliografia Básica:**

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

BRUIT, Hector H. *O Imperialismo*. 10. ed. São Paulo: Atual, 1992.

BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2001-2002. 10v.

**Bibliografia Complementar:**

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2ª Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos*. Das origens ao Século XXI. São Paulo- SP; Editora Contexto, 2007.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução. In: *Revista Eletrônica da ANPHLAC*. Dossiê: Memória e comemorações: História e historiografia das Américas. 2009, N. 8.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX : tramas, telas e textos*. São Paulo-SP; Editora EDUSP, 2004.

\_ e PELLEGRINO Gabriela. *História da América Latina*. São Paulo-SP; Editora Contexto, 2016.

\_. *O populismo na América Latina*. 3º Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. OMACK JR., John. *Zapata e a revolução mexicana*. Lisboa: Edições 70, 1980.

SANTOS, Jose Vicente Tavares dos. *Revoluções camponesas na América Latina*. São Paulo: Ícone, c1985.

<b>Teoria e Metodologia da História II</b>
--

<i>History Theory and Methodology II</i>
--

**Ementa:**

Reflexões em torno das tendências contemporâneas do conhecimento histórico. Procedimentos de investigação, crítica dos materiais documentais e estratégias narrativas. História, memória, documento, função e papel do historiador, relevância e eficácia dos estudos históricos. Noções de tempo, estrutura e sujeito. Aprofundamento dos estudos de teoria da História iniciados em “Introdução aos Estudos Históricos” e “Teoria e Metodologia da História I”.

**Bibliografia Básica:**

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. A longa duração. In: *Escritos sobre a História*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 41-78.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 327-348.

CERTEAU, M. de. A operação histórica. In: LE GOFF, J. e NORA, P. (orgs.) *História:*

novas abordagens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 17-48.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.

CHARTIER, Roger. *A História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LE GOFF, Jacques. Na Idade Média: tempo da Igreja e o tempo do mercador. In: *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 43-60.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-215.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

### **Bibliografia Complementar:**

ABREU, Martha. “Cultura popular: um conceito e várias histórias”. In:\_. [et.al]. (orgs.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

\_\_\_\_\_. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ARIÈS, Philippe. *O tempo da história*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Sintra: Publicações Europa-América, s/d.

BOUTIER, J. e JULIA, D. (orgs.) *Passados Recompuestos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1998.

BRAUDEL, Fernand. *Reflexões sobre a História*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. BURKE, Maria L. G. P. *As muitas faces da história*. Nove entrevistas. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim da história*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar*. Cultura escrita e literatura. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

DUBY, Georges. *A História continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Ed. UFRJ, 1993.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. 2 v. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FALCON, Francisco. *História Cultural: Uma nova visão sobre sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

- HUNT, L. (org.) *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. JEKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.
- KAYE, Harvey J. *La educación del deseo*. Los marxistas y la escritura de la Historia. Madri: Talasa Ediciones, 2007.
- \_\_\_\_\_. *The British Marxist Historians*. An introductory analysis. London: MacMillan Press, 1995.
- LE GOFF, J. e NORA, P. (orgs.) *História: novas abordagens*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- \_\_\_\_\_. *História: novos objetos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- \_\_\_\_\_. *História: novos problemas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.
- NOVAIS, Fernando A. e F. da SILVA, Rogério. *Nova História em perspectiva*. Vol. 1. SAHLINS, Marshall D. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- THOMPSON, Edward P. *As Peculiaridades dos Ingleses e outros ensaios*. Campinas-SP: Ed. UNICAMP,
- VEYNE, PAUL. *Como se escreve a História*. Foucault revoluciona a História. 2 ed. Brasília: Ed. UnB, 1992.
- WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

## História Medieval

*Medieval History*

### Ementa:

Fontes e metodologias do ensino e da pesquisa em História Medieval. Periodizações históricas. O Império romano e a formação dos reinos romano-cristãos. A sociedade feudal. Cultura e representações na sociedade feudal

### Bibliografia Básica:

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (orgs.). *História da vida privada – da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUBY, Georges. *Guerreiros e camponeses: os primórdios do crescimento econômico europeu do século VII ao século XII*. Lisboa: Estampa, 1993.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: UNESP, 1998.

BASCHET, Jérôme, *A Civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

### Bibliografia Complementar:

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990.

GEARY, P.. *O Mito das Nações*. A invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad Editora, 2005.

LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.  
LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

## **Didática I**

*Didactics I*

### **Ementa:**

Concepções de didática, escola e sociedade; As principais questões relacionadas à educação na atualidade; Exame crítico dos “novos” conceitos/paradigmas e a crise estrutural do capital; Os Fóruns e Conferências Nacionais e Mundiais de educação; O processo ensino-aprendizagem e as exigências da formação/emancipação humana. A política de formação de professores; A natureza do trabalho docente e os desafios do cotidiano da sala de aula e seus eventos: planejamento, execução e avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

### **Bibliografia Básica:**

AZENHA, Maria da Graça. *Construtivismo: de Piaget a Emílio Ferreira*. São Paulo: Ática, 1993.  
DO CARMO, Francisca Maurilene. *Trabalho, educação e construtivismo: considerações preliminares*. In: Trabalho, sociabilidade e educação: uma crítica à ordem do capital, Fortaleza: Editora UFC, 2003.  
DAMIS, Olga Teixeira. *Didática: suas relações, seus pressupostos*. In: VEIGA, Ilma, Repensando a didática. Campinas: Papirus, 1988. \_\_. Planejamento escolar: expressão técnico-política da sociedade. In: VEIGA, Ilma. *Repensando a didática*. Campinas: Papirus, 1988.  
DUARTE, Newton. Neoliberalismo, pós-modernismo e construtivismo. In: Duarte, *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas – SP: Autores Associados, 2000.

### **Bibliografia Complementar:**

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo:Boitempo, 1999.  
DELORS, Jacques. *Educação: Um tesouro a descobrir*, São Paulo: Cortez. 2001.  
HIRATA, Helena. Da polarização das qualificações ao modelo da competência. IN: FERRETTI, Celso João. |et al (orgs). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Vozes, Petrópolis-RJ, 1994.  
LEHER, R. *Da Ideologia do Desenvolvimento à Ideologia da Globalização: A Educação como estratégia do Banco Mundial para o “Alívio” da Pobreza*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1998.  
MÉSZÁROS, István. *Para além do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

## **História do Ceará I**

*History of Ceará I*

### **Ementa:**

A Conquista do Ceará como um capítulo da Idade Moderna. Aspectos estruturais da Conquista. A Guerra dos Bárbaros e as conjunturas das capitanias do Norte pós

Expulsão dos Holandeses (1654). A efetiva colonização: terra, trabalho e poder. A pecuária de corte e a produção das hierarquias sociais. As carnes secas no comércio atlântico. Sociedade, cultura e poder.

**Bibliografia Básica:**

ABREU, Capistrano. *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1976.

GOMES, José Eudes . *As Milícias D'El Rey: tropas militares no Ceará setecentista*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

PUNTONI, Pedro. *A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do Nordeste do Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 2002.

**Bibliografia Complementar:**

ABREU, Capistrano de. *Caminhos Antigos do Brasil*, Rio de Janeiro: Livraria Briquet/ Sociedade Capistrano de Abreu, 1930

ALENCASTRO, Luis Felipe de. *O Tratado dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul*, São Paulo, Cia das letras, 2000.

ANDRADE, Manuel Correia – *A pecuária no Agreste Pernambucano*, Recife, s/ed., 1961.

ANTONIL, André João – *Cultura e opulência do Brasil*, São Paulo: Cia. Nacional, 1967.

ARARIPE, Tristão de Alencar – *História da Província do Ceará*, Fortaleza: Tipografia Minerva, 1958.

BARROS, Ruston Lemos de - *Embarcações e Frotas Portuguesas: Evolução e Atuação no Nordeste Brasileiro até 1720*. Recife. Tese de Mestrado ( UFPE ), 1982, Mimeo.

BEZERRA, Antônio – *Algumas Origens do Ceará*, Fortaleza: Tipografia Minerva, 1918. BICALHO, Maria Fernanda – *A cidade e o Império/ O Rio de Janeiro no século XVIII*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOSI, Alfredo – *Dialética da colonização*, São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

BOXER, C. R. – *A Idade de ouro do Brasil*, Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2000, 3ª Ed. ( 1967 ).

\_\_\_\_\_, *O Império Marítimo Português 1415 – 1825*, São Paulo: Cia das Letras, 2002. BRAGA, Renato. “Um Capítulo esquecido da economia pastoril no Nordeste”. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 61( 1 ), Jan/Dez. 1947.

CAETANO, Marcelo. *O Conselho Ultramarino: Esboço da sua história*. Rio de Janeiro, Ed SA Cavalcante, 1969.

CASTRO, Antônio Barros de. *7 Ensaios sobre a Economia Brasileira*, Rio de Janeiro, Forense – Universitária, 1977.

FALCON, Francisco Calazans. *A Época Pombalina*, São Paulo: Ática Editora, 1993, 2ª Edição.

FARIAS, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: Fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FRAGOSO, João Luís Ribeiro . *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992. \_\_\_\_\_ & outros. *O antigo regime dos trópicos: dinâmica imperial portuguesa*

- (séculos XVI – XVIII). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- FURTADO, Celso – *Formação Econômica do Brasil*, São Paulo: Cia Ed Nacional, 1987, 22ª Edição.
- FURTADO, Junia Ferreira. *Homens de negócio: a interiorização da metrópole e do comércio nas minas setecentista*, São Paulo: Hucitec, 1999.
- GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*, São Paulo: Ática Editora, 1978.
- GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará*, Fortaleza. Imprensa Universitária, 1971. GIRÃO, Raimundo & MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. Fortaleza. Ed. Fortaleza, 1939.
- GIRÃO, Valdelice Carneiro. *As oficinas ou charqueadas no Ceará*, Fortaleza, Secult, 1995.
- GIUCCI, Guillermo. A visão inaugural do Brasil: a Terra de Santa Cruz IN: *REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA*, n. 21, São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1990.
- GUABIRABA, Célia. *História da Agricultura no Ceará*. Fortaleza, 1978 ( Mimeo ).
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, São Paulo: Cia. Das Letras, 1998, 2ª Edição.
- KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. São Paulo, Cia Ed Nacional, 1942.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *Um imenso Portugal: história e historiografia*. São Paulo: Ed 34, 2002.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1988.
- NEVES, Luís Felipe Baeta. *O combate dos soldados de Cristo na Terra dos Papagaios Colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978.
- NOBRE, Geraldo da Silva. *As Oficinas de Carne do Ceará*. Fortaleza, Gráfica Editorial Cearense, 1979.
- NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial*, São Paulo: Ed. Hucitec, 1986, 4ª Edição.
- POMPEU SOBRINHO, Thomas. *Sesmarias Cearenses*. Fortaleza, SUDEC, 1979.
- PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*, São Paulo, Brasiliense.
- PUNTONI, Pedro. *A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do nordeste (1650 – 1720 )*, São Paulo: Hucitec, 2000.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Os Desclassificados do Ouro – A pobreza mineira no século XVIII*, Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- RIBEIRO JUNIOR, José. *Colonização e Monopólio no Nordeste brasileiro: A companhia Geral de Pernambuco e Paraíba 1759 – 1780*. São Paulo, Hucitec, 1976.
- SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil*. 6ª Ed. São Paulo, Editora Melhoramento, 1975.
- SIMONSEN, Roberto. *História Econômica do Brasil (1500 – 1820)*. São Paulo, Ed Nacional, 1977.
- SCHWARTZ, Studart B. *Segredos internos: engenhos, escravos na sociedade colonial*, São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.
- SOUZA, Eusébio de. *Álbum do Jaguaribe*, Belém. Gráfica Amazônia, 1922.
- STUDART, Guilherme. *Datas e Fatos para a História do Ceará*. Fortaleza. Tip. Studart, 1896. vols 1,2 e 3.

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial*, Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

## **História do Ceará II**

*History of Ceará II*

### **Ementa:**

A produção algodoeira no Ceará e as conexões com a revolução industrial. A concentração fundiária, no Ceará e as implicações, principalmente, para os pobre-livres. O trabalho escravizado, o papel do pobre-livres no contexto. A intervenção do Estado para submeter os pobre-livres a relações de trabalho regular e disciplinado. As grandes secas do final do século XIX e o embate da classe dominante local sobre o destino dos pobres-livres.

### **Bibliografia Básica:**

CHAVES, Elisgardênia de Oliveira. *População e família mestiça nas freguesias de Aracati e Russas- Ceará 1720/1820*. Tese UFMG, Belo Horizonte: UFMG, 2016.

PALACIOS, GUILHERMO. *Cultivadores Libres, Estado y Crisis de la esclavitud em Brazil em la época de la revolucion Industrial*. Fundo de cultura econômica, 1988.

PINHEIRO, F.J. *Notas sobre a formação social do Ceará (1680-1820)*, Fortaleza: Ed. Fundação Ana Lima 2008.

Thompson, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa I (A Arvore da Liberdade)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

### **Bibliografia Complementar:**

CHANDLER, Billy Jaynes. *Os Feitosas e os sertões dos Inhamus – A história de uma família e uma comunidade no Nordeste do Brasil – 1700-1930*, Fortaleza: Ed. UFC; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

HOONAERT, Eduardo (org.) *Crônicas das casas de caridade fundadas pelo Pe Ibiapino*. São Paulo: Loyola, 1981.

LEMENHE, Maria A. A Economia Pastoril e as vilas coloniais no Ceará. In: *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, UFC, Vol. 12/13 N<sup>os</sup> 1981/1982.

NOBRE, Geraldo da Silva. O Naturalista Feijó, pioneiro nos estudos cearenses. In: FEIJO, João da Silva. *Memória sobre a capitania do Ceará e outros trabalhos*. Ed. Fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcantara, 1997.

THEOPHILO, Rodolpho. *História da Seca do Ceará (1877-1880)*, Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

## **História do Brasil Império**

*History of Brazil Empire*

### **Ementa:**

Transmigração da metrópole para o Brasil. Discurso liberal e elites imperiais. Tensões provinciais e conflitos sociais no período regencial. Liberalismo, escravidão e o parlamento brasileiro. Os Acordos internacionais e a abolição do tráfico negreiro. Debates intelectuais e projetos para a História da Nação. A Saúde pública, as doenças e os tratamentos no Império. Os Excluídos sociais no Brasil Imperial.

### **Bibliografia Básica:**

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. SP. Cia das Letras, 2000. DIAS, Maria Odila da S. *A Interiorização da Metrópole e Outros Estudos*.

MATTOS, Ilmar Rohloff de *O Tempo Saquarema – A Formação do Estado Imperial*. RJ: Access Ed., 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. SP: Cia das Letras, 1993.

**Bibliografia Complementar:**

CARVALHO E CAMPOS (org.). *Perspectivas da Cidadania no Brasil Império*. RJ Civilização Brasileira, 2011.

CHALHOUB, Sidney (org.) *Artes e Ofícios de Curar no Brasil*. Campinas, SP, Unicamp, 2003. \_\_\_\_\_. *A Força da Escravidão – ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. SP: Cia das Letras, 2012.

GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil Imperial – Volume I-III – 1808- 1831*. Civilização Brasileira, 2009.

HEIZER E VIEIRA (org.) *Ciência, civilização e império nos trópicos*. RJ: Access, 2001

LOBO, Lilia. *Os Infames da História – pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Lamparina, 2008.

MAIA, Clarissa (org.). *História das Prisões no Brasil – Volume II*. RJ: Rocco, 2009.

REIS, João José. *A Morte é uma festa – ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia, das Letras, 1991.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador – D. Pedro II, um monarca nos Trópicos*. São Paulo. Cia das Letras, 1998

SILVA, Eduardo e REIS, João José. *Negociação e Conflitos: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

SPOSITO, Fernanda. *Nem cidadãos, nem brasileiros – indígenas na formação do estado nacional brasileiro e conflitos na província de São Paulo (1822-1845)*. São Paulo:Alameda, 2012.

<b>História Moderna I</b>
---------------------------

<i>Modern History I</i>
-------------------------

**Ementa:**

O conceito de Modernidade. A transição do feudalismo para o capitalismo. Transformações políticas e econômicas: Descobrimientos e a Formação dos Estados Modernos. Transformações sócio-culturais: Renascimento e Reformas Religiosas. O Ensino de História Moderna na Educação Básica no Brasil.

**Bibliografia Básica:**

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Italia*. Brasília; DF: Ed. UNB, c1991.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins; FALCON, Francisco José Calazans. *Tempos modernos: ensaios de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

WOOD, Ellen Meiksins. *A origem do capitalismo*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

**Bibliografia Complementar:**

ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. Porto, Portugal: Afrontamento, 1984.

BURKE, Peter. *A Fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, c1994.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

### **História Contemporânea I**

*Contemporary History I*

#### **Ementa:**

Historiografia, ensino de história e formas de periodização. Condições de emergência da História Contemporânea. A historicidade do contemporâneo. Iluminismo e “Antigo Regime”. Revoluções sociais e políticas nos séculos XVIII e XIX. A cidadania moderna, nacionalismos e projetos de soberania. Surgimento e transformações da indústria. Trabalhadores nos séculos XVIII e XIX. Liberalismo, escravidão e capitalismo industrial. Pensadores e movimentos críticos do capitalismo.

#### **Bibliografia Básica:**

GRESPAN, Jorge. *Revolução Francesa e Iluminismo*. São Paulo: Contexto, 2003.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). *O século XX*. V. 1: O tempo das certezas: da formação do capitalismo à Primeira Grande Guerra. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

#### **Bibliografia Complementar:**

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *A revolução industrial*. São Paulo: Ática, 1988.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992

FURET, François (org.). *O homem romântico*. Lisboa: Presença, 1999.

HOBBSBAWM, Eric. *Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

### **História Contemporânea II**

*Contemporary History II*

#### **Ementa:**

Historiografia, ensino de história e formas de periodização. Condições de emergência da História Contemporânea. A historicidade do contemporâneo. Imperialismo,

nacionalismo, capitalismo e movimentos anticoloniais. Revoluções sociais e políticas no século XX. As guerras mundiais. Movimentos e Estados autoritários e totalitários. A guerra fria e seus impactos nas relações internacionais. Aceleração tecnológica, globalização e neoliberalismo. Perspectivas e desafios da democracia na contemporaneidade.

**Bibliografia Básica:**

COURTINE, Jean-Jacques (dir.). *História do corpo*: 3. As mutações do olhar. O século XX. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LENHARO, Alcir. *Nazismo: o triunfo da vontade*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

**Bibliografia Complementar:**

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FARIA, Ricardo de Moura; MIRANDA, Mônica Liz. *Da Guerra Fria à Nova Ordem Mundial*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

HARVEY, David. *O novo imperialismo*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TAVARES, Maria da Conceição; FIORI, José Luis (org.). *Poder e dinheiro: uma economia política da globalização*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

**Perspectivas Historiográficas para a Educação em Relações Étnico-raciais**

*Historiographic Perspectives for Education in Ethnic-Racial Relations*

**Ementa:**

Colonização e contra-colonização: história, memória, genocídios e epistemicídios; formação das identidades brasileiras: memórias e disputas de narrativas. Raça, racismo, racialização, etnia, diferença. Políticas afirmativas para os povos com marcadores raciais e étnicos e políticas afirmativas específicas em educação. A Educação dos povos indígenas no Brasil, historicidade e perspectivas teórico-metodológicas. A Educação dos povos negros no Brasil, historicidade e perspectivas teórico-metodológicas. Pluralidade étnica do Nordeste e do Ceará: especificidades e situação sócio-educacional.

**Bibliografia Básica:**

LUCIANO, Gersem dos S. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

ROMÃO, Jeruse. (org.). *História da Educação do Negro e outras histórias/Organização:*

Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, 2005.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Brasília, DF: s.n., 2015

**Bibliografia Complementar:**

BRASIL. Ministério da Educação. SEPPIR. INEP. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, 2004.

CRUZ, Felipe. Indígenas na antropologia e o espetáculo da alteridade. In: *Revista de estudos e pesquisas sobre as Américas*. VOL.11, Nº 2, 2017, pp. 93-108.

GARCIA, Renísia (Org. et. al.). *Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal*. 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Pedago, 2014.

NASCIMENTO, Elisa Larkim (Org.). *Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Apresentação do livro. In: *Nascimento do Brasil e outro ensaios: pacificação, regime tutelar e formação de alteridades*. Rio de Janeiro: Contracapa, 384pp, 2016.

SANTOS, Leandro. Ensino das histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas entrecruzadas: paradigma da contribuição, pedagogia do evento e emancipações na educação básica”. In: *Revista da ABPN*, v. 10, Ed. Especial - *Caderno Temático: História e Cultura Africana e Afro-brasileira – lei 10.639/03 na escola*, maio de 2018, p.22-38.

SILVA, Givânia M. O currículo escolar: identidade e educação quilombola. In: *Simpósio brasileiro de políticas e administração da educação*, 25., 2011, São Paulo: Anpae, 2011.

<b>Língua Brasileira de Sinais</b>
------------------------------------

<i>Brazilian Sign Language</i>
--------------------------------

**Ementa:**

Fundamentos histórico culturais da Libras e suas relações com a educação dos surdos. Parâmetros e traços linguísticos da Libras. História sócioeducacional dos sujeitos surdos. Cultura e identidades surdas. O Alfabeto datilológico. Expressões não-manuais. Uso do espaço. Classificadores. Vocabulário da Libras em contextos diversos. Diálogos em língua de sinais.

**Bibliografia Básica:**

CAPOVILLA, Fernando. C; RAPHAEL, Walkyria. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais*. 3a Ed. São Paulo: EDUSP, 2008

FELIPE, Tânia Amara. *Libras em Contexto: curso básico*. Brasília: MEC/SEESP, 2007

LABORIT, Emmanuelle. *O Vôo da Gaivota*. Best Seller, 1994.

**Bibliografia Complementar:**

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Cia. das

Letras, 1998.

### **Métodos da Pesquisa em História I**

*Research Methods in History I*

#### **Ementa:**

A História tem um método? A relação entre pesquisa e escrita em História;- Novas abordagens na produção do conhecimento histórico.

#### **Bibliografia Básica:**

ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, SP: EDUSC, 2006. 591p.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 345p. (Coleção Vanguarda teórica);

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. 3 v. (Coleção Ciências Sociais).

#### **Bibliografia Complementar:**

FEBVRE, Lucien Paul Victor. *Combates pela história*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1989.

Martins, Estevão de Rezende (org.). *A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.

Pinsky, Carla Bassanezi; Luca, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

Salomon, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2001.

### **História do Brasil República**

*History of Brazil Republic*

#### **Ementa:**

Projetos políticos e instauração republicana; Laicização e confrontações religiosas; Processo civilizatório e conflitos sócio-urbanos; Oligarquias e coronelismo; Centenário da Independência e os dilemas entre tradição e modernidade; Industrialização e movimentos operários; Ditadura e democracia; Comunicação de massas e agitação cultural.

#### **Bibliografia Básica:**

ABREU, Marta, SOIHET, Raquel CONTIJO, Rebeca. *Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BATALHA, Cláudio. Formação da classe operária e movimentos de identidade coletiva. In: *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2003.

Carvalho, José Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo, Grijalbo, 1977.

JANOTTI, Lourdes. *Coronelismo: uma política de compromissos*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

HERMANN, Jacqueline. Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Viagem de Descoberta do Brasil. In: *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário*. São Paulo: Hucitec, 2005.

PARANHOS, Adalberto. A Sinfonia do Trabalho. In: *O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil*. São Paulo, SP: Boitempo, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *A Inserção Compulsória do Brasil na Belle Époque*. In: *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TRONCA, Italo. *Revolução de 30: a dominação oculta*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

#### **Bibliografia Complementar:**

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CHALOUB, Sideney. *Trabalho, Lar e Botequim: O cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da Belle Époque*. SP: Brasiliense, 1986.

DECCA, Edgard de. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social: (1890-1920)*. 3.ed. São Paulo, SP: Difel, 1983

FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular 1930-1945*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. São Paulo, Papyrus, 1986. PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. (org) *História da vida privada no Brasil. Da belle époque a Era do Rádio*. São Paulo, Cia das Letras, vol. 3, 1998.

### **História do Brasil Contemporâneo**

*History of Contemporary Brazil*

#### **Ementa:**

O Quadro Internacional no pós segunda grande guerra. O populismo: o fenômeno e o debate na historiografia. Estado Novo. O imaginário trabalhista. O processo de industrialização e o desenvolvimentismo. Os partidos políticos. O campo e a cidade. As Reformas de Base. A Reforma Agrária e as Ligas Camponesas. O Golpe de 1964 e a Ditadura Civil- Militar. A ditadura e a modernização capitalista. A esquerda armada. A contracultura. A Censura. O Movimento Operário. O movimento estudantil. A Teologia

da Libertação. As A teologia da libertação e as Comunidades Eclesiais de Base. A Imprensa de Contestação. Os 'Novos' Sujeitos Sociais no campo e na cidade. O protesto popular. Memória Social e Ditadura. Os arquivos da ditadura. Do ensaio democrático ao golpe de estado de 2016.

**Bibliografia Básica:**

AARÃO REIS Filho, Daniel, RIDENTI, Marcelo e MOTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois*. Bauru/São Paulo, EDUSC, 2004.

AVELAR, Alexandre. História, tempo presente e testemunho: ainda em torno dos limites da representação. In: *Revista Maracanan*, janeiro 2012.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

D' ARAUJO, Celina Maria. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

BENEVIDES, Maria Vitória. *A UDN e o udenismo*. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). São Paulo, Paz e Terra, 1981.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder*. O PTB de 1945-65. Rio de Janeiro, Ed. da FGV, 1996.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *O segundo governo Vargas*. 1951-1954. São Paulo, Ática, 1992.

FERREIRA, Jorge. (org.) *O populismo e sua história*. Debate e Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

FERREIRA, Marieta M. (Org.) *João Goulart: entre a memória e a história*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FICO, C. (Org.) ; FERREIRA, M. M. (Org.) *Ditadura e Democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FICO, Carlos . *Como eles agiam*. Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil (1969-1977)*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

\_\_\_\_\_. *O Brasil no contexto da Guerra Fria: democracia, subdesenvolvimento e ideologia do planejamento (1946-1964)*.

GOMES, Ângela de Castro. *O populismo e as ciências sociais no Brasil*. Notas sobre a trajetória de um conceito. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996

GOMES, Angela de Castro. *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetoária política do Brasil*, 3. Ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1992.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda*. Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo, Boitempo, 2004.

- KUSHNIR, Beatriz. Decifrando as astúcias do mal. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Ano XLII, Nº 1 - jan. de 2006.
- MATOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, pp. 61-115.
- MAUÉS, Flamarion. *Livros contra a ditadura*. Editoras de oposição no Brasil, 1974-1984.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. O golpe militar e civil de 1964. In: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos; SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo. *História e Historiografia*. Ed. Universitária – UFPE
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As Universidades e o Regime Militar*. Cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2014
- \_\_\_\_\_. Jango e o Golpe de 1964 na caricatura. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2006.
- NAPOLITANO, Marcos. Golpe de estado: entre o nome e a coisa. In: *Revista de Estudos Avançados*. No 33, p. 397-420.
- NEVES, Lucília de Almeida. *PTB: do getulismo ao reformismo*. São Paulo, Marco Zero, 1989.
- PALOMANES MARTINHO, Francisco Carlos Palomares; PINTO, António Costa. *O Corporativismo em Português*. Estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2007.
- REIMÃO, Sandra. *Repressão e resistência*. Censura a livros na ditadura militar. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2011.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. São Paulo: Ed. Record, 2000.
- ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. São Paulo: Ed. Record. 1999. .
- THOMPSON, Edward. *Notas sobre o exterminismo*, o estágio final da civilização. In: *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense. 1985

#### **Bibliografia Complementar:**

- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Idéias Malditas*. O DEOPS e as minorias silenciadas. São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP, 2002.
- DEZEMONE, Marcus. Legislação social e apropriação camponesa: Vargas e movimentos rurais. In: *Movimentos Sociais e Partidos Políticos*. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- DUARTE, Ana Rita Fonteles. Mulheres em guarda contra a repressão. In: \_\_\_\_\_. *Jogos da Memória*. O movimento feminino pela Anistia no Ceará (1976-1979). Fortaleza: INESP, UFC, 2012. p. 37-92.
- FERNANDES, Bernardo Maçano. O MST mudando a Questão Agrária. In: D'INCAO, Maria ngela (Org). *O Brasil não é mais aquele...* Mudanças sociais após a Redemocratização. São Paulo: Cortez, 2001
- FERNANDES, Bernardo Maçano; MEDEIROS, Leonilde Servolo de & PAULILO, Maria Ignez (Orgs.) *Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas*. O campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio L.; SILVA, Fernando T.; COSTA, Hélio da; FONTES, Paulo. *Na luta por direitos*. Estudos recentes em História Social do Trabalho. Campinas, Ed. da Unicamp, 1999.

FRENCH, John D. Proclamando leis, metendo o pau e lutando por direitos: a questão social como caso de polícia, 1920-1964. In: LARA, Silvia Arnold e Mendonça; NUNES, Joseli Maria. *Direitos e Justiças no Brasil*. SP-Campinas, Ed. Unicamp, 2006.

LEITE LOPES, José Sérgio. Entre a memória camponesa e a memória operária: experiências de trabalho com entrevistas e arquivos em treitfios comuns aos trabalhadores rurais e aos operários. IN: MARQUES, Antonio & STAMPA, Inêz Terezinha. *Arquivos do Mundo dos Trabalhadores*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012.

### **História da África**

*History of Africa*

#### **Ementa:**

Fontes, metodologias e fundamentos para o estudo da história da África; a África pré-colonial; a diversidade étnica; a expansão islâmica; os principais reinos da África ocidental na véspera e durante a expansão marítima europeia; a inserção africana no mercado mundial do século XVI; os séculos do tráfico negro; o Atlântico Negro.

#### **Bibliografia Básica:**

SILVA, Alberto da Costa e.. *A Enxada e a Lança*. A África antes dos portugueses. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.

SILVA, Alberto da Costa e.. *A Manilha e o Libambo*. A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.

THORNTON, John. *A África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico - 1400 - 1800*. Rio de Janeiro: Campus, 2004

História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII / editado por Bethwell Allan OGOT. – Brasília : UNESCO, 2010, 1208 p.

#### **Bibliografia Complementar:**

DEL PRIORE, Mary e PINTO VENÂNCIO, Renato. *Ancestrais*. Uma introdução à história da África atlântica. Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.

M'BOKOLO, Elikia. *África negra*. História e civilizações. Tomo I (Até ao Século XVIII). Salvador, Edufba, 2009.

PANTOJA, Selma e SARAIVA, José Flávio Sombra (org.). *Angola e Brasil - nas rotas do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

PARES, Luis Nicolau. *A formação do candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

M'BOKOLO, Elikia. *África negra*. História e civilizações. Tomo I (Até ao Século XVIII). Salvador, Edufba, 2009.

SILVA, Alberto Costa. *Um Rio Chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Ed. Ufrj. 2003.

## **Oficina de Ensino em História I: História, Ensino e Temporalidades**

*History Teaching Workshop: History, Teaching and Leisure*

### **Ementa:**

Usos do passado em ambiente escolar; Reflexões sobre o tempo em sala de aula; O lugar dos materiais didáticos no ensino e aprendizagem da História; Produção de material didático em História.

### **Bibliografia Básica:**

MELLO, Ricardo Marques. Ninguém ensina História...mas todo mundo aprende um pouco com ela uma reflexão sobre as funções da História no Ensino Médio. In: *Revista de História*, São Paulo, volume 38, 2019. p. 1-17.

JUSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. *Reconstrução do passado*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. *História Viva*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

### **Bibliografia Complementar:**

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Regimes de Historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de História*. In: \_\_\_\_\_. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019;

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Escrita da história: Ensino da História: tensões e paradoxos*. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo De Souza; GONTIJO, Rebeca. *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009;

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Desafiando a História: por uma pedagogia da presença*. In: *Cadernos de História da Educação* – v. 14, n. 3 – set./dez. 2015. p. 825 – 839;

KNAUSS, Paulo. Uma historiografia para o nosso tempo: a historiografia como fator moral In: *História Unisinos*, 12(2):140-147, Maio/Agosto 2008. p. 140-147;

MUNAKATA, Kazumi. *O livro didático como mercadoria*. In: *Pro-Posições*, v. 23, n. 3 (69). set./dez. 2012. p. 51-66.

## **Oficina de Ensino em História II: História, Ensino e Espaço**

*History Teaching Workshop: History, Teaching and Space*

### **Ementa:**

A História entre a Ciência e a Ficção. O espaço como um lugar de poder no ensino de História. O ensino de História do Ceará: uma reflexão sobre relações de poder entre Norte e Sul. A reflexão na prática e os planos de aula.

### **Bibliografia Básica e Complementar:**

CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 256 p.

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: editora Cortez, 2009.

Ramos, Francisco Regis Lopes. *O Fato e a fábula*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

MORAES, Kleiton de Sousa. *O progresso descobre o Sertão*. A inspetoria de Obras Contra as Secas. São Paulo: Alameda, 2018.

## Oficina de Ensino em História III: História, Ensino e Arte

*History Teaching Workshop III: History, Teaching and Art*

### Ementa:

As artes como objetos de investigação ou como fontes para o estudo de temáticas variadas. Para além de uma interpretação dos significados, estimular uma hermenêutica dos sentidos e sensações. Autoria, Arranjo, Interpretação e Performance. Pesquisa e análise de repertório fonográfico (literário, imagético, teatral) como “interpretação do Brasil”. Meios de comunicação de massa, Indústria cultural e os bens artísticos.

### Bibliografia Básica:

BITTENCOURT, Circe Maria F. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais. História e Geografia*. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular. Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2017.

BARCA, Isabel. “Aula oficina: do projeto à avaliação”. In: *Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Revista de História da USP. Dossiê História e Música*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, Nº 157, 2007.

### Bibliografia Complementar:

ABREU, Martha & SOIHET, Rachel. (Org.). *Ensino de História. Conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ABREU, Martha. “Cultura política, música popular e cultura afro-brasileira: algumas questões para a pesquisa e o ensino de História”. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. (Org.). *Culturas políticas. Ensaio de história cultural, história política e ensino de História*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 409-432.

ABREU, Martha, SOIHET, Rachel & GONTIJO, Rebeca. (Org.). *Culturas Políticas e leituras do passado: historiografia e ensino de História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BRITO, Eleonora Zicari C. de; PACHECO, Mateus de Andrade e ROSA, Rafael. (Org.). *Sinfonia em prosa. Diálogos da História com a Música*. São Paulo: Intermeios, 2013.

CAIAFA, Janice. *Movimento Punk na Cidade. A invasão dos bandos Sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloísa e EISENBERG, José. *Decantando a República. Inventário Histórico e Político da Canção Popular Moderna Brasileira. (Vols. I, II e III)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Nova Fronteira/Fundação Perseu Abramo, 2004.

CERRI, Luis Fernando. *Ensino de História e Consciência Histórica. Implicações*

- didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- CONTIER, Arnaldo D. “Música Brasileira e Interdisciplinaridade. *Algumas reflexões*”. In: DI CREDDO, Maria do Carmo Sampaio. (Org.). *Fontes Históricas. Abordagens e Métodos*. Assis: UNESP, 1996.
- CONTIER, Arnaldo Daraya. “*Edu Lobo e Carlos Lyra: o nacional e o popular na canção de protesto (os anos 60)*”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, Vol. 18, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Música e Ideologia no Brasil*. São Paulo: Novas Metas, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Passarinhada do Brasil: canto orfeônico, educação e getulismo*. Bauru: EDUSC, 1998.
- DIAS, Marcia Tosta. *Os donos da voz. Indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.
- FAVARETTO, Celso. *Tropicália. Alegoria, alegria*. 3ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- FERREIRA, Martins. *Como usar a Música na sala de aula*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- FONSECA, Selva Guimarães & SILVA, Marco Antônio. *Ensinar a História no Século XXI: em busca do tempo entendido*. São Paulo: Papyrus, 2007.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino em História*. São Paulo: Papyrus, 2003.
- HERMETO, Miriam. *Canção Popular Brasileira e Ensino de História. Palavras, sons e tantos sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- HOLANDA, Guy de. *Programas e Compêndios de História para o Ensino Secundário Brasileiro (1931-1956)*. Rio de Janeiro: INEP, 1957, p. 273-292.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula. Visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- KARNAL, Leandro. (Org.). *História na sala de aula. Conceitos, práticas, propostas*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KARNAL, Leandro. *Conversas com um jovem professor*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LENHARO, Alcir. *Cantores do Rádio. A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico do seu tempo*. Campinas: UNICAMP, 1995.
- LOPES, Antônio Herculano, VELLOSO, Mônica Pimenta & PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). *História e Linguagens. Texto, Imagem, Oralidade e Representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- MATOS, Claudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth e MEDEIROS, Fernanda Teixeira de. (Org.). *Ao encontro da Palavra Cantada. Poesia, Música e Voz*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.
- MATOS, Maria Izilda S de. Dolores Duran. *Experiências Boêmias em Copacabana nos anos 50*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MATOS, Maria Izilda S. de. *A cidade, a noite e o cronista*. São Paulo de Adoniram Barbosa. Bauru: EDUSC, 2008.
- MATOS, Maria Izilda S. de e FARIA, Fernando A. *Melodia e Sintonia em Lupício Rodrigues. O feminino, o masculino e suas relações*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand

Brasil, 1999.

MONTEIRO, Ana Maria, GASPARELLO, Arlette Medeiros, MAGALHÃES, Marcelo de Souza. (Org.). *Ensino de História. Sujeitos, saberes, práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria. Professores de História. *Entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. *História & Música*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAVÃO, Albert. *Rock Brasileiro. 1955-65. Trajetória, Personagens e Discografia*. São Paulo: Edicon, 1989.

SALIBA, Elias Thomé & VINCI DE MORAES, José Geraldo. *História e Música no Brasil*. São Paulo. Alameda Editorial, 2010.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Música Popular e Moderna Poesia Brasileira*. 4ª Ed. São Paulo: Landmark, 2004.

SQUEFF, Ênio e WISNIK, José Miguel. *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira*. Música. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VASCONCELLOS, Gilberto. *Música Popular: de olho na fresta*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

### **História, Ética e Usos do Passado**

History, Ethics and Uses of the Past

#### **Ementa:**

A disciplina deverá possibilitar aos estudantes a discussão sobre o caráter público assumido pelo conhecimento histórico nas sociedades contemporâneas, especialmente através das mídias, compreendendo as novas linguagens de produção e divulgação do conhecimento histórico em seus limites e possibilidades. Deverá, ainda, proporcionar a análise das apropriações de temas históricos e usos do passado em circunstâncias socialmente localizadas de disputas e projetos políticos, problematizando os usos da memória em espaços de recordação, notadamente os midiáticos, e possibilitando a construção e intervenção qualificadas de projetos de educação e divulgação histórica.

#### **Bibliografia Básica :**

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Tradução: DIAS, Maria Carmelita Pádua. Revisão técnica: VAZ, Paulo. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

.LARA, Renata Marcelle; CAMARGO, Hertz Wendel de (org.). *Conexões: mídia, cultura e sociedade*. Londrina : Syntagma Editores, 2017 (livro digital).

MACHADO, Vitor Barletta et al (orgs). *Comunicação e Mídias Digitais: uma perspectiva histórica e contemporânea*. FOA: Volta Redonda, 2015 (livro digital).

MALERBA, Jurandir. *Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital*. Revista Brasileira de História. v.37, n.74, p.135-154. 2017

NICOLAZZI, Fernando e BAUER, Caroline. *O historiador e o falsário. Varia história*. Belo Horizonte, MG. Vol. 32, n. 60 (set./dez. 2016), p. [807]-835.

RÜSEN, Jörn. *História viva*. Brasília: Editora UnB, 2010.

SETTON, Maria da Graça. *Mídia e educação*. São Paulo: Editora Contexto, 2012 (livro digital).

TURIN, Rodrigo. *Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades*. Tempo. Niterói. Vol.24, n. 2. Maio/Agosto 2018.

**Bibliografia Complementar:**

ABREU, Marcelo et al. Popularizações do passado e historicidades democráticas: escrita colaborativa, performance e práticas do espaço. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.10, n.24, abril-junho, 2018.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

ARAUJO Valdei Lopes de; OLIVEIRA, Maria da Glória de (Orgs.). *Disputas pelo passado*. Ouro Preto: EduUFOP, 2012.

BARBOSA, Marinalva Carlos. Tempos midiáticos: passado, presente e futuro em modos narrativos. *Revista Brasileira de História da Mídia*. Vol. 8, nº 2, jul./dez. 2019.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; Teixeira, Ana Paula Tavares. *História Pública e divulgação da história*. São Paulo: Letra e Voz, 2019, 157 p

COSTA, Marcella Albaine Farias da. *Ensino de história e historiografia escolar digital*. Curitiba, CRV, 2021.

DÁNCONA, Matthew. *Pós-Verdade. A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DUNKER, Christian. *Subjetividade em tempos de pós-verdade*. In: \_\_\_\_\_; et. all. *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. *História pública e o ensino de história*. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

FONSECA, Thais Nivea de Lima e. *Mídias e divulgação do conhecimento histórico*. Porto Alegre, Aedos n. 11 vol. 4 - Set. 2012

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Ângela de Castro et al (orgs). *Trabalho escravo contemporâneo: tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

GONTIJO, Rebeca et al (orgs). *O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

GOMES, Wilson. *Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2009.

HAN, Byun-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

- KAPLUN, Mario. *Produção de programas de rádio*. Do roteiro à direção. Editora Insular, 2017
- JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI, 2002.
- LOVELUCK, Benjamin. *Redes, Liberdade e Controle - uma genealogia da internet*. São Paulo: Editora Vozes, 2018.
- MAGALHÃES, Marcelo et al (orgs). *Ensino de história, usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro, FGV, 2014.
- MALERBA, Jurandir. *Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a história?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz do debate sobre a Public History*. *História da Historiografia*, n. 15, p. 27-50, ago., 2014.
- MENESES, Sônia Maria de. *A operação midiográfica: o Golpe de 1964 e a Folha de São Paulo*. São Paulo: Intermeios, 2017.
- MONTEIRO, José Fernando de Saroba. *Tempo presente: entre os métiers do historiador e do jornalista*. *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v.10, n.24, abril-junho, 2018.
- NICOLAZZI, Fernando. *Muito além das virtudes epistêmicas*. O historiador público em um mundo não linear. *Revista Maracanã*, n.18, jan/jun, 2018.
- PEREIRA, Valdei Lopes de Araújo et al (orgs). *Do fake ao fato: (des) atualizando Bolsonaro*. Vitória: Editora Milfontes, 2020.
- PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Lembrança do presente. Ensaio sobre a condição histórica na era da internet*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- \_\_\_\_\_ e ARAÚJO, Valdei Lopes. *Reconfigurações do tempo histórico: presenteísmo, atualismo e solidão na modernidade digital*. *REV.UFMG*, Belo Horizonte, vol. 23, n.1 e 2, jan/dez 2016.
- THOMPSON, John B. *Fronteiras cambiantes da vida pública e privada*. Matrizes. São Paulo. Ano 4, n. 1, jul/dez, 2010.
- ALMEIDA, Juniele Rabelo et al (orgs). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- SALOMON, Marlon (org). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011.
- SCHWARZ, Géraldine. *Los amnésicos. Historia de una familia europea*. Barcelona: Tusquet Editores, 2019.
- TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: História, memória e política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

VENANCIO, Renato. *O Incorreto no Guia politicamente incorreto da história do Brasil*, 2018. Resenha de: *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Leya, 2012.

UEMS. Podcast. Guia para produção. *Assessoria de Comunicação da UEMS*, 2020.

YERUSHALMI, Yosef Hayim [et al]. *Usos do esquecimento: conferências proferidas no colóquio de Royaumont*. Campinas: Editora Unicamp, 2017.

### **História, Ética e Lutas Sociais**

History, Ethics and Social Struggles

#### **Ementa:**

Relação entre História, Direitos Humanos e exercício da cidadania; A produção social dos espaços; Representação das lutas populares na História; Cidadania e lutas.

#### **Bibliografia Básica:**

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 5.ed. São Paulo, SP: Papyrus, 2008.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

#### **Bibliografia Complementar:**

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GOHN, Maria da Gloria Marcondes. *Historia dos movimentos e lutas sociais: a construcao da cidadania dos brasileiros*. Sao Paulo: Loyola, c1995.

\_\_\_\_\_. *Movimentos Sociais e educação*. Sao Paulo: Cortez, 1992.

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. São Paulo, SP: Loyola, 2004.

TOURAINÉ, Alain; BRITO, Carlos Aboim de. *Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?* Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, c1997.

### **História Agrária**

Agrarian History

#### **Ementa:**

O Camponato no Brasil. A questão da terra no período Colonial. A questão da terra no Império. A questão da terra na República: projetos de Reforma Agrária. Movimentos sociais: Ligas camponesas e MST. Políticas públicas rurais no Brasil. História e historiografia sobre a questão agrária no Brasil.

#### **Bibliografia Básica:**

GRAZIANO NETO, Francisco; NAVARRO, Zander. *Novo mundo rural: a antiga questão agrária e os caminhos futuros da agropecuária no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, c2015 MEDEIROS, Leonilde Servolo de. *História dos movimentos sociais no campo*. Rio de Janeiro: FASE, 1989.

MENDONÇA, Sonia Regina de; STÉDILE, João Pedro. *A questão agrária no Brasil: a classe dominante agrária - natureza e comportamento 1964-1990*. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2006.

OLINTO, Beatriz Anselmo; MOTTA, Márcia. *História agrária: propriedade e conflito*.

Guarapuava, PR: UNICENTRO, 2009.

PINTO, Francisco Eduardo. *A hidra de sete bocas: sesmeiros e posseiros em conflito no povoamento das Minas Gerais (1750-1822)*.

PRADO JÚNIOR, Caio. *A questão agrária no Brasil*. São Paulo, SP: Brasiliense, 2000.

SAMPAIO, Amanda Leite de; OLIVEIRA, Lucas Assis de; BASTOS, José Romário Rodrigues (orgs.). *À sombra das castanheiras: luta camponesa, cultura, memória e história*. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura Editorial, 2017.

SANDRONI, Paulo. *Questão agrária e camponato: (a 'funcionalidade' da pequena produção mercantil)*. São Paulo: Polis, 1980.

SILVA, Ligia Maria Osorio. *Terras devolutas e latifúndio: efeitos da Lei de 1850*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996

#### **Bibliografia Complementar:**

BARTRA, Armando. *Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

BERNSTEIN, Henry. *Dinâmicas de classe da mudança agrária*. São Paulo: UNESP, 2011.

BLOCH, Marc. *A terra e seus homens: agricultura e vida rural nos séculos XVII e XVIII*. São Paulo: EDUCS, 2001.

MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: UNESP, 2010.

NETO, Wenceslau Gonçalves. *Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira 1960-1982*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

PLOEG, Jan Douwe van der. *Camponeses e a arte da agricultura: um manifesto Chayanoviano*. São Paulo: 2016.

WELCH, Clifford Andrew et al (orgs.). *Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas*. São Paulo: UNESP, 2009.

MOTTA, Marcia; ZARTH, Paulo (orgs.). *Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história (vol. 1 e vol 2)*. São Paulo: UNESP, 2008. \_\_\_\_\_; SECRETO, María Verónica. *O Direito às avessas: por uma história social da propriedade*. Guarapuava: Unicentro, 2011.

### **Estágio Supervisionado I**

*Supervised Internship I*

#### **Ementa:**

O estágio supervisionado I é uma atividade disciplinar em que é realizada a articulação entre a formação teórica e a prática pedagógica reflexiva para a operacionalização dos saberes historiográficos e pedagógicos, visando a construção da experiência docente nos anos finais do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) da educação básica. O(a) aluno(a) durante o estágio supervisionado I deverá observar, de modo participativo e propositivo, as aulas de história em instituições de ensino público ou privado, conveniadas com a UFC, e mediante a entrega do Termo de Compromisso de Estágio, seguindo os protocolos da agência de estágios da UFC, completando nesta etapa 20h. O(a)

estagiário(a) deverá também analisar o projeto político pedagógico da escola, a BNCC e documentos similares, observar de forma instrumentalizada a prática docente do professor de história, destacando os elementos da cultura escolar, elaborar e apresentar o Relatório, considerando 20h. A expectativa é que o(a) aluno(a), nessa etapa do estágio, organize a sua participação como observador/pesquisador das aulas, reconhecendo o espaço da sala de aula como lugar para o diálogo entre a teoria e a pesquisa da história, o campo e a prática de ensino e aprendizagem da história, conclua a produção do Relatório, compartilhe com a escola, com o(a) professor(a) e a turma de Estágio suas atividades, 60h.

#### **Bibliografia Básica:**

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: Fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.

GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino em História*. São Paulo: Papirus, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2008.

#### **Bibliografia Complementar:**

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História e ensino de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. \_\_\_\_\_. *Caminhos da história ensinada*. São Paulo: Papirus, 1993.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Escrita da história e ensino da história: tensões e paradoxos. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. *A escrita da história escolar – memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

PRATS, Joaquín. *Ensinar história no contexto das ciências sociais: princípios básicos*. Educar, Curitiba, p.191-218, 2006. Editora UFPR.

ROCHA, Helenice. Aula de história: que bagagem levar? In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. *A escrita da história escolar – memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

RUSEN, Jorn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs). *Jorn Rusen e o ensino de história*. Curitiba; Editora UFPR, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004.

### **Estágio Supervisionado II**

*Supervised Internship II*

#### **Ementa:**

O estágio supervisionado II é uma atividade disciplinar em que é realizada a articulação entre a formação teórica e a prática pedagógica reflexiva para a construção dos saberes historiográficos, pedagógicos e da experiência docente dos anos finais do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) da educação básica. O(a) aluno(a) durante o estágio supervisionado II deverá realizar a prática docente nas instituições de ensino público ou privado, conveniadas com a UFC, e mediante a entrega do Termo de Compromisso de Estágio, seguindo os protocolos da agência de estágios da UFC, completando nesta

etapa 20h. O(a) estagiário(a) deverá também analisar o projeto político pedagógico da escola, a BNCC e documentos similares, elaborar e executar planos de aula e de ensino, fazer o planejamento didático-pedagógico, e elaborar e apresentar o Relatório, considerando 20h. A expectativa é que o(a) aluno(a), nessa etapa do estágio, organize a sua participação como ministrante/professor(a) regente das aulas, reconhecendo o espaço da sala de aula como lugar para o diálogo entre a teoria e a pesquisa da história, o campo e a prática de ensino e aprendizagem da história (20h de regência) e que, conclua a produção do Relatório, compartilhe com a escola, com o(a) professor(a) e a turma de Estágio suas atividades, 60h.

#### **Bibliografia Básica:**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FONSECA, Selva Guimaraes. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. 7.ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004.

#### **Bibliografia Complementar:**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Brasil. MEC/SEF. *Parâmetros curriculares nacionais (5a a 8a séries)*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. *História da educação: republica, escola e religião*. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1984.

SILVA, Marcos A. da. *História: que ensino é esse?* Campinas, SP: Papirus, 2013.

RÜSEN, Jörn. *História viva: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Ed. UnB, 2007.

### **Estágio Supervisionado III**

#### *Supervised Internship III*

#### **Ementa:**

O estágio supervisionado III é uma atividade disciplinar em que é realizada a articulação entre a formação teórica e a prática pedagógica reflexiva para a operacionalização dos saberes historiográficos e pedagógicos, visando a construção da experiência docente no ensino médio (1º ao 3º ano) da educação básica. O(a) aluno(a) durante o estágio supervisionado III deverá observar, de modo participativo e propositivo, as aulas de história em instituições de ensino público ou privado, conveniadas com a UFC, e mediante a entrega do Termo de Compromisso de Estágio, seguindo os protocolos da agência de estágios da UFC, completando nesta etapa 20h. O(a) estagiário(a) deverá também analisar o projeto político pedagógico da escola, a BNCC e documentos similares, observar de forma instrumentalizada a prática docente do professor de história, destacando os elementos da cultura escolar, elaborar e apresentar o Relatório considerando 20h. A expectativa é que o(a) aluno(a), nessa etapa do estágio, organize a sua participação como observador/pesquisador das aulas,

reconhecendo o espaço da sala de aula como lugar para o diálogo entre a teoria e a pesquisa da história, o campo e a prática de ensino e aprendizagem da história, conclua a produção do Relatório, compartilhe com a escola, com o(a) professor(a) e a turma de Estágio suas atividades, 60h.

**Bibliografia Básica:**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2008. 175 p.

FONSECA, Selva Guimaraes. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. 7.ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. 255 p.

ROCHA, Ubiratan. *História, currículo e cotidiano escolar*. São Paulo, SP: Cortez, 2002. 183p.

**Bibliografia Complementar:**

APPLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 288 p. Brasil. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília, DF: MEC, 2002. 360p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011. 143 p.

GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NADAI, Elza. *Ideologia do progresso e ensino superior*. (São Paulo, 1891-1934). São Paulo: Loyola, 1987.

<b>Estágio Supervisionado IV</b>
----------------------------------

<i>Supervised Internship IV</i>
---------------------------------

**Ementa:**

O estágio supervisionado IV é uma atividade disciplinar em que é realizada a articulação entre a formação teórica e a prática pedagógica reflexiva para a construção dos saberes historiográficos, pedagógicos e da experiência docente do ensino médio (1º ao 3º ano) da educação básica. O(a) aluno(a) durante o estágio supervisionado IV deverá realizar a prática docente nas instituições de ensino público ou privado, conveniadas com a UFC, e mediante a entrega do Termo de Compromisso de Estágio, seguindo os protocolos da agência de estágios da UFC, completando nesta etapa 20h. O(a) estagiário(a) deverá também analisar o projeto político pedagógico da escola, a BNCC e documentos similares, elaborar e executar planos de aula e de ensino, fazer o planejamento didático-pedagógico, e elaborar e apresentar o Relatório, considerando 20h. A expectativa é que o(a) aluno(a), nessa etapa do estágio, organize a sua participação como ministrante/professor(a) regente das aulas, reconhecendo o espaço da sala de aula como lugar para o diálogo entre a teoria e a pesquisa da história, o campo e a prática de ensino e aprendizagem da história (20h de regência) e que, conclua a produção do Relatório, compartilhe com a escola, com o professor e a turma de Estágio suas atividades, 60h.

**Bibliografia Básica:**

BARCA, I. Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em história. *In: Actas das primeiras jornadas internacionais de educação histórica*. Portugal: Univ. do

Minho, 2001.

BARCA, I. Literacia história e consciência histórica. *Revista Educar*, Curitiba, Especial, p. 93-112, 2006.

CERRI, L. F. Didática da história: uma leitura teórica sobre a história na prática. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa/PR, v. 15, n. 8, p. 264-78, 2010.

#### **Bibliografia Complementar:**

ARAÚJO, V. L. A aula como desafio à experiência da história. In: GONÇALVES, M. A.; et al. *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 66-77.

CHARTIER, R. **Do palco à página:** publicar teatro e ler romances na época moderna: século XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

FONSECA, T. N. L. Ensino de história, mídia e história pública. In: MAUAD, A. M; ALMEIDA, J. R; SANTHIAGO, R. (Orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p.185-194.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

OLIVEIRA, T. A. D.(Org). *Isabel Barca: pensamento histórico e consciência histórica. Teoria e Prática*. Curitiba: W.A Editores, 2018. p. 77-86.

ROCHA, H. Aula de História: evento, ideia e escrita. *Revista História e Ensino*, Londrina, v. 21, n. 2, p.83-103, jul./dez. 2015.

SCHMIDT, M. A; BARCA, I; MARTINS, E. (Orgs). **Jorn Rusen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

#### **Trabalho de Conclusão do Curso**

*End of Course Work*

#### **Ementa:**

Orientação final e elaboração de plano de apresentação do trabalho de conclusão do curso. Apresentação de trabalho de conclusão do curso.

Bibliografia básica:

BARROS, José D'Assunção. O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Vozes, 2007 CALDAS, Pedro Spínola Pereira Caldas. Teoria e prática da Metodologia da Pesquisa Histórica: Reflexões sobre uma experiência Didática. In: *Revista de Teoria da História*, ano 1, no 3, Goiânia, junho/2010. ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 11. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2002. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade

Federal do Ceará. Universidade Federal do Ceará, Biblioteca Universitária, Comissão de Normalização. Fortaleza: 2022.

Bibliografia complementar: ANDRIONI, Fabio Sapragnas. Produção de recursos didáticos em História. Curitiba, PR: InterSaberes, 2019. DIONNE, Jean; LAVILLE, Christian. A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. RODRIGUES, Rogério Rosa. Possibilidades de pesquisa em História. São Paulo: Contexto, 2018. SEVERINO, ANTÔNIO JOAQUIM. Metodologia do trabalho científico. 23ª ed. São

Paulo: Cortez, 2010.

### 3.12.2 Disciplinas Optativas

#### **Historiografia**

*Historiography*

#### **Ementa:**

Estudo da relação entre escrita da história e teoria da história,; História da História a partir das várias conexões entre as formas de escrita da História em diferentes tempos e espaços e como tais historiografias conectam conceitos e metodologias; a escrita da História a partir do século XIX e suas várias possibilidades de composição na modernidade; as várias construções de uma escrita da História do Brasil no diálogo com diversas historiografia desde o século XIX, XX e XXI;

#### **Bibliografia Básica:**

BURKE, Peter (org). A Escrita da História. Novas Perspectivas. São Paulo, UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro, Forense, 1982.

CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Lisboa/RJ, DIFEL, 1990. FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). Historiografia Brasileira em Perspectiva. São Paulo, Contexto, 1998

HUNT, LYNN (org). A Nova História Cultural. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

IGLÉSIAS, Francisco. Historiadores do Brasil. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

MARTINS, Estevão de Rezende (org.). História Pensada. Teoria e Método na Historiografia Européia do Século XIX. São Paulo, Contexto, 2010. REIS, José C. Nouvelle Histoire e Tempo Histórico. São Paulo, Ática, 1994

#### **Bibliografia Complementar:**

ANKERSMIT, Frank R. Historicismo, pós-modernismo e historiografia. São Paulo: Contexto, 2009.

ARÓSTEGUI, Julio. A pesquisa história: teoria e método. Bauru, Edusc, 2006. pp. 23-96.

BENJAMIN, Walter. “O Narrador”. Obras escolhidas. Vol. I. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. As Escolas Históricas. Lisboa, Europa-América, 1990.

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs) Passados Recompuestos. RJ, UFRJ-FGV, 1998.

BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a História. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales. 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Unesp, 1991.

CAIRE-JABINET, Marie-Paule. Introdução à historiografia. Bauru/SP: Edusc, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

COHEN, A.; CONGOST, R.; LUNA, P. Pierre Vilar: uma história total, uma história

em construção. Bauru, SP: Edusc, 2007.

DROYSEN, Johann Gustav. Teoria da História. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. FEBVRE, Lucien. Combates pela História. 3ª ed. Lisboa: Presença, 1989.

GARDINER, Patrick. Teorias da História.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. GAY, Peter. O Estilo na História. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HARTOG, François. Evidência da História: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JUNIOR, João (orgs.). História dos conceitos: debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Loyola: IUPERJ, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: Memória/História. Enciclopédia Einaudi. Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

MARTINS, Estevão de Rezende (org.). A história pensada. Teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010.

NAGEL, Ernest. “Alguns Problemas da Lógica da Análise Histórica”. In GARDINER, Patrick. (org.) Teoria da História. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

NICODEMO, Thiago Lima. “Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda”. Ouro Preto. História da Historiografia, n. 14 , 2014 pp. 44-61. (On line)

NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdeí Lopes de (orgs.). Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. \_\_\_\_\_. “A história entre tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea”. História: Questões & Debates, UFPR Curitiba, n. 53, 2010. pp. 229-257. (On line)

NORA, Pierre. “Entre Memória e História. A problemática dos lugares”. Revista Projeto História, nº. 10. 1993. NORA, Pierre. O Retorno do Fato. In: LE GOFF, Jacques; \_\_\_\_\_. História: Novos Problemas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. KOSELLEK, Reinhart. Crítica e Crise. Rio de Janeiro: Ed Uerj / Contraponto: 1999.

RANCIÈRE, Jacques. Os Nomes da História. Um Ensaio de Poética do Saber. São Paulo: Educ, 1994.

RANKE, Leopold Von. “O Conceito de História Universal”. In MARTINS, Estevão de Rezende (org.). A História Pensada. Teoria e Método na Historiografia Europeia de Século XIX. São Paulo: Contexto, 2010.

## **História e Imagem**

*History and Image*

### **Ementa:**

Estudo da imagem como fonte e objeto da pesquisa histórica. Abordagem das fontes visuais e da visualidade como dimensão importante da vida social e dos processos sociais. Procedimentos teórico-metodológicos para análise dos registros visuais e dos regimes visuais pela História.

### **Bibliografia Básica:**

BURKE, Peter. *Testemunha ocular* - história e imagem. Bauru –SO, EDUSC, 2004.

COSTA, Cristina. *Educação, imagem e mídias*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.  
GARKELL, Ivan, “História das imagens”. IN: BURKE, Peter. *A escrita da história – novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.  
KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura* (UFU), v. 8, p. 97-119, 2006.  
MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

#### **Bibliografia Complementar:**

BAXANDALL, Michael. *O olhar renascente – pintura e experiência social na Itália da renascença*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.  
BURKE, Peter. *A fabricação do rei – a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.  
CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas – o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.  
GUIMARAES, Manoel Luiz Lima Salgado. Expondo a história: imagens construindo o passado. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 34, p. 71-86, 2002.  
SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

#### **Paleografia**

*Paleography*

#### **Ementa:**

A origem da paleografia e de diplomas. Leitura dos documentos manuscritos sobre o Ceará no período.

#### **Bibliografia Básica:**

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife, UFBA/FJN/Massangana, 1994.  
CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.  
COSTA, Avelino de Jesus da. *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*. 3a ed., Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática, 1993.

#### **Bibliografia Complementar:**

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo, Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, 2002. C  
OELHO, Maria Helena da Cruz. *A Diplomática em Portugal – Balanço e Estado actual*” in Separata de Revista Portuguesa de História. Tomo XXVI, Coimbra, 1991.  
FLEXOR, M. Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 2 ed., São Paulo, Unesp/AESP, 1991.  
MARQUES, A. H. de Oliveira, “Paleografia”, in Dicionário de História de Portugal. Dir. Joel Serrão, Nova Edição, Vol. IV, Porto, Figueirinhas Editores, 1992, pp. 528-534.  
NUNES, Eduardo Borges. *Abreviaturas paleográficas portuguesas*, Lisboa, Faculdade de Letras, 1981.

## História e Gênero

*History and Gender*

### **Ementa:**

Gênero – uma categoria de análise histórica; o conceito e a sua historicidade; as relações com o feminismo e a teoria feminista; a história das mulheres; as relações com o pós-estruturalismo; Tecnologias de produção do sexo/gênero; História e gênero: fontes, temas e abordagens; masculinidades; teoria queer; história, gênero e ensino.

### **Bibliografia Básica:**

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

GONÇALVES, Andrea Lisly. *História das mulheres*: fontes, temas e abordagens. In: História e Gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PEDRO, Joana Maria. *Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea*. In: Topoi, v.12, n.22, jan-jun.2011, p.270-283.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul/dez.1995, pp. 71-99.

### **Bibliografia Complementar:**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino- uma invenção do falo*. *Uma história do gênero masculino* (Nordeste – 1920-1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

AMANTINO, Marcia e FREIRE, Jonis. *Ser homem... ser escravo*. In: *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BAUBÉROT, Arnaud. *Não se nasce viril, torna-se viril*. In: CORBAIN, Alain et al. *História da Virilidade*. Vol.3. Petrópolis: Vozes, 2013.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio & Edunb, 1993.

DUBY, Georges. & PERROT, Michelle. *História das mulheres: o século XIX.(V.IV)*. Porto: Ed. Afrontamento & Ebradil, 1993.

GREEN, James N; QUINALHA, Renan. (orgs). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: Edufscar, 2014.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino. A luta pelos direitos da mulher no Brasil*. 1850-1940. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz/RGS: Edunisc, 2003.

LAQUEUR, Thomas. *Da linguagem e da carne*. In: *Inventando o sexo – corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p.13-40.

PASSERINI, Luisa. *Gênero ainda é uma categoria útil para a história oral?*. In: *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PEDRO, Joana Maria e BASSANEZI, Carla Pinsky. *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. *As Mulheres e os silêncios da História*. Bauru: Edusc, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Gênero*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Novos temas nas aulas de História*. São Paulo: Contexto, 2015.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade*

*feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

THOMASSET, Claude. O medieval, a força e o sangue. *História da virilidade*, n.1. Petrópolis: Vozes, 2013.

## **História e Patrimônio**

*History and Patrimony*

### **Ementa:**

A relação entre história, memória, patrimônio e a construção de narrativas históricas e de identidades culturais e/ou nacional. Os usos sociais do passado, consubstanciados pelo imperativo da patrimonialização e os desafios na formação do profissional de história em correspondência com as demandas de memória do tempo presente. Trajetória das políticas de preservação do patrimônio: conceitos, instrumentos e agentes. Objetos do patrimônio cultural e a pesquisa histórica. O profissional de história frente ao patrimônio cultural em situações de ensino.

### **Bibliografia Básica:**

ARANTES, Antonio Augusto. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil. In: *Inovação cultural, patrimônio e educação*. BARRIO, Ángel Espina, MOYYA, Antonio, GOMES, Mário Hélio (Orgs). Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.

CHOAY, Françoise. *A Alegria do Patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2006.

GONCALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. In: *Historiae*. Rio Grande: FURG, v°3, n°3, 2012.

MENESES, Ulpiano Bezerra. História, cativa da memória? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n° 34, 1992. Teatro da memória laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento da história. (Comentário III – Janice Theodoro). *Anais do Museu Paulista*, v° 2, n°1, 1994.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto R. *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário*. (Prêmio Silvio Romero 2004) SP: HUCITEC/FAPESP, 2005. O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação. *Antíteses*, v.7, n.14, Londrina:UEL, 2014.

Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: conhecer e valorizar o patrimônio afro-brasileiro. *Anos 90*, Porto Alegre: PPGH, v.15, n°27, 2008. O registro do Cordel como patrimônio imaterial e as políticas de preservação da cultura popular no Brasil. *Anos 90*, Porto Alegre: PPGH, v. 25, n. 48, 2018.

PEIXOTO, Paulo. A identidade como recurso metonímico dos processos de patrimonialização. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n° 70, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n.10, dez. 1993.

### **Bibliografia Complementar:**

ABREU, Marta. Cultura imaterial e patrimônio histórico nacional. *Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. RJ: Civilização Brasileira, 2007. ABREU, Regina e CHAGAS, Mario. *Memória e Patrimônio. Ensaios*

*Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

AGUIAR, Leila B. O Programa de Cidades Históricas, o turismo e a "viabilidade econômica" do patrimônio (1973-1979). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 24, 2016.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BAUER, Leticia B.; BORGES, Viviane T. (Orgs). *História oral e patrimônio cultural: Potencialidades e transformações*. Rio de Janeiro: Letra e Voz, 2018.

CALABRE, Lia. *Políticas culturais no Brasil: dos anos de 1930 ao século XXI*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CANCLINI, Nestor. G. A encenação do popular. In: *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1995.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHUVA, Márcia. *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. . A História como Instrumento na Identificação do Bens Culturais. *Inventários de Identificação: um panorama da experiência brasileira*. Rio de Janeiro: IPHAN/Minc, 1998.

CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. (Org.). *Patrimônio Cultural: Políticas e perspectivas de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X / Faperj, 2012.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: Por uma concepção ampla de patrimônio cultural. *Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.\_\_\_\_\_. *O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/MinC-IPHAN, 2005.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves, VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HEINICH, Nathalie. *La fabrique du patrimoine. De la cathédrale à la petite cuillère*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2009.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. GRUNBERG, Evelina. MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília, IPHAN, Museu Imperial, 1999. *INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL*. Educação patrimonial: orientações ao professor. 2 imp. – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2011.\_\_\_\_\_. Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina

Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.\_\_\_\_\_. Educação Patrimonial: Manual de aplicação: Programa Mais Educação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília, DF : Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013.\_\_\_\_\_. Superintendência do Iphan na Paraíba; Casa do Patrimônio da Paraíba. Educação patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade /Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); Organização, Átila Bezerra Tolentino ... [et al.]. – João Pessoa: Iphan, 2014.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*, Madrid y Buenos Aires: Siglo XXI Editores. 2002.

LANARI, Raul Amaro de Oliveira. Narrativas do patrimônio – o patrimônio histórico e artístico nacional na política editorial do SPHAN. In: *O patrimônio por escrito: a política editorial do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional durante o Estado Novo (1937-45)*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Proj. História*. São Paulo:EDUC. 1998.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. Ouro Preto entre Antigos e Modernos Museu Histórico Nacional, 2001. Vol.33.

MAUAD, Ana Maraia; ALMEIDA, Juliele R.; SANTIAGO, Ricardo (Orgs). *História Pública no Brasil. Sentidos e Itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MENESES, José Newton Coelho. Memória e historicidade dos lugares: uma reflexão sobre a interpretação do patrimônio cultural das cidades. In: AZEVEDO, Flavia Lemos Mota de, PIRES, João Ricardo Ferreira, CATÃO, Leandro Pena (Orgs). *Cidadania, Memória e Patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

MENESES, Ulpiano Bezerra. Memória Municipal, História Urbana. *Revista CEPAM*, São Paulo, 1 (4): 29-32, out – dez. 1990.\_\_\_\_\_. Os paradoxos da memória. *A importância da memória na formação cultural humana*. MIRANDA, Danilo Santos de (org.). São Paulo. Edições SESC SP, 2007.

OLIVEIRA, Lucia M. Lippi. *Cultura é patrimônio: um guia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

PELEGRINI, Sandra C.A. *Patrimônio Cultural: consciência e preservação*, São Paulo: Brasiliense, 2009.

POULOT, Dominique. *História do patrimônio no Ocidente*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006. PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre Ética e História Oral. *Projeto História*, nº 15; São Paulo: EDUC, 1997.

SANT’ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. *Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos*. RJ: DP&A, 2003.

TRAVERSO, Enzo. A emergência da memória. *O passado, modos de usar: história*,

*memória e política*. Lisboa: Edições UNIPOP, 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 7-72.

### **História da África Contemporânea**

*History of Contemporary Africa*

#### **Ementa:**

O fim do tráfico escravocrata. O congresso de Berlim: Imperialismo – um novo desenho geopolítico da África. A ordem colonial. Os movimentos de libertação nacional. Independências no contexto da Guerra Fria. Pan-africanismo. Ser África – um desafio no terceiro milênio.

#### **Bibliografia Básica:**

História geral da África, VI. *África do século XIX à década de 1880* / editado por J. F. Ade AJAYI. – Brasília : UNESCO, 2010. 1032 p.

História geral da África, VII. *África sob dominação colonial, 1880-1935* / editado por Albert ADU BOAHEN. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 1040 p.

HERNANDEZ, Leila. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005, 679 p.

#### **Bibliografia Complementar:**

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro : Ed. Civilização Brasileira, 1968.

História geral da África, VIII. *África desde 1935* / editado por Ali A. MAZRUI e Christophe WONDJI. – Brasília : UNESCO, 2010.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Ed. Antígona, Lisboa, 2017.

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra - História e Civilização II - Do Século XIX aos Nossos Dias*. Lisboa: Colibri, 2007.

### **América Latina: Cultura e Política**

*Latin America: Culture and Politics*

#### **Ementa:**

A História Intelectual na América Latina. Balanços e perspectivas; A sociabilidade intelectual: redes, revistas e jornais; A Revolução Mexicana: Literatura e cultura; Intelectuais e marxismo na América Latina; Intelectuais e o exílio na América Latina; O antifascismo e a organização dos Intelectuais; A Revolução Cubana: literatura e política; Ditaduras e intelectuais revolucionários.

#### **Bibliografia Básica:**

Altamirano, Carlos. *Ideias para um programa de história intelectual*. Tempo Social, 2007, vol. 19, n. 1. Acesso: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702007000100001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702007000100001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

Amador Gil, Antonio Carlos. *Intelectuais e Indigenismo: o dilema da identidade nacional num país profundamente indígena*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo, julho de 2011.

CHARLE, Christophe. *Nascimento dos intelectuais contemporâneos (1860-1898)*. Revista História da Educação, Pelotas, 2003. Acesso: <http://seer.ufrgs.br/asphe/search/titles?searchPage=22>

Costa, Adriana Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre a revolução e socialismo em Cortázar, García Marquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. Tese de Doutorado, UFMG, 2009. Acesso: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VCSA-9NBHUX>.

Oliveira, Angela Meirelles. *Palavras como balas*. Imprensa e intelectuais antifascista no Cone Sul (1933-1939). Tese de Doutorado, USP, 2013. Acesso: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13082013-141445/pt-br.php>

Pellegrino Soares, Gabriela. Novos meridianos da produção editorial em castelhano. *O papel de espanhóis exilados pela Guerra Civil na Argentina e no México Varia Historia*, vol. 23, núm. 38, julio-diciembre, 2007, pp. 386-398 Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, Brasil. Acesso: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n38/v23n38a09.pdf>

Tarcus, Horacio. Revistas, Intelectuales y formaciones culturales izquierdistas en la Argentina de los veinte. *Revista Iberoamericana*, Vol. LXX, n. 208-209, jul-dic. 2004. Acesso: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/5508/0>

Celentano, Adrian. Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista. *Literatura y Lingüística*, n. 17, 2006. Universidad Católica Silvio Henríquez, Santiago. Acesso: <https://www.redalyc.org/pdf/352/35201713.pdf>

### **Bibliografia Complementar:**

Womack Jr. John. *Zapata e a revolução mexicana*. Lisboa, Edições 70, 1980.

Leslie Bethell, organizador. *História da América Latina*, V. 5. São Paulo, SP, EDUSP, 2001-2002.

Flávio Aguiar & Sandra Guardini T. Vasconcelos (orgs.). *Ángel Rama : literatura e cultura na América Latina*. São Paulo, SP : EDUSP, 2001.

Dalmás, Carine. *Frentismo Popular em prosa e verso*. Comparações, conexões e circulação de ideias entre comunistas brasileiros e chilenos (1935-1948). Tese de Doutorado, USP, 2012. Acesso: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde.../2012\\_CarineDalmas](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde.../2012_CarineDalmas).

Toledo, Sebastián Hernández. Apristas en Chile: circuitos intelectuales y redes políticas durante los años 1930. *Revista de Historia y Geografía*, n. 31, 2014. Acesso: <http://ediciones.ucsh.cl/ojs/index.php/RHyG/article/view/378>.

Petra, Adriana Carmen. Intelectuales Comunistas em la Argentina (1945-1963). Universidad Nacional de La Plata, *Tese de Doutorado em História*, 2013. Acesso: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.896/te.896.pdf>

Beired, José B. *Política e identidade cultural na América Latina* / José Luís Bendicho Beired, Carlos Alberto Sampaio Barbosa (orgs.). – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2010. Acesso: <http://books.scielo.org/id/xy95h/pdf/beired-9788579831218.pdf>.

Sirinelli, Jean- François. “Os Intelectuais.” In: *Por uma história política*. Rio de Janeiro, FGV. 2003.

Candido, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.

Rama, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo, Boitempo, 2015.

Altamirano, Carlos. *História dos intelectuais na América Latina*. Buenos Aires, Katz editores, 2010.

Gomes, Angela; Hansen, Patricia S. Intelectuais mediadores: *práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 2016.

Luca, Tania. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo, Edusp, 2011.

Crespo, Regina. *Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural*. In: FRANCO, Stella Maris; JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: USP/Humanitas, 2011.

## **Métodos da Pesquisa Histórica II**

*Historical search Methods II*

### **Ementa:**

A pesquisa em História; Os passos da pesquisa em História; A construção de hipóteses teóricas; O lugar da teoria na produção da pesquisa em História; A construção de um Trabalho de conclusão de curso na área de História.

### **Bibliografia Básica:**

BARROS, José D’Assunção. *O projeto de pesquisa em História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007;

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006.

PINSKY, Carla Bessanezi (org. ). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2015;

### **Bibliografia complementar:**

BLOCH, Marc. “A crítica”. In: *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. “O campo científico”. In: ORTIZ, Renato (org.); FERNANDES, Florestan (coord.). *Pierre Bourdieu – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

DIONNE, Jean; LAVILLE, Christian. *A construção do saber*. Manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

PINSKY, Carla Bessanezi (org. ). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015;  
RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado – Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Trad. Asta-Rose Alcaide e Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. da UNB, 2007.

### **Tópicos em História Antiga**

*Topics of Ancient History*

#### **Ementa:**

A História Antiga: o que é isso?; Fontes e metodologias no ensino e da pesquisa da História do Antigo Oriente Próximo; A construção das categorias de Ocidente e Oriente; Sociedades do Antigo Oriente Próximo: economia, política, cultura e dinâmica

#### **Bibliografia Básica:**

CARDOSO, Ciro Flamarion S.. *O Egito antigo*. Sao Paulo: Brasiliense, 1996;

LEVEQUE, Pierre. *As primeiras civilizações*. Lisboa: Edições 70, 2001.

MORALES, Fábio Augusto; SILVA, Uiran Gebara. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 40, nº 83, 2020;

FRANCISCO, Gilberto da Silva. O lugar da História Antiga no Brasil. In: *Mare Nostrum*, n. 8, ano 2017. p. 30-61.;

#### **Bibliografia Complementar:**

BAKOS, Margaret Marchiori. *Fatos e mitos do Egito antigo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

CARRERA, José Nunes. *História antes de Heródoto*. Lisboa: Edições Cosmos, 1993

CHEVITARESE, André (org.). *Jesus de Nazaré: uma outra História*. São Paulo: AnnaBlume, 2006.

FUNARI, Raquel dos Santos. *Imagens do Egito antigo: um estudo de representações históricas*. São Paulo: Annablume, 2006.

HORSLEY, Richard; HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias*. Movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995

LOURAX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

PINSKY, Jaime (org.). *Modos de produção na Antiguidade*. 3. ed. Sao Paulo: Global Gaia, 1986.

SAID, Edward. *O orientalismo. O oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANCHES, Manuela Ribeiro (org. ). *Deslocalizar a Europa*. Lisboa: Cotovia, 2005.

RICOEUR, Paul (et.all). *As culturas e o tempo*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SIMON, Marcel; BENOIT, André. *Judaísmo e cristianismo antigo: de Antíoco Epifânio*

a Constantino. São Paulo: Pioneira: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

## **Campo – História do Brasil I**

*Field - Brazilian History I*

### **Ementa:**

Terra, trabalho e poder; Comunidades indígenas; Escravidão, Mocambos e Quilombos; Alimentação e Arquitetura colonial; Cotidiano e imaginário; Campesinato.

### **Bibliografia Básica:**

CARDOSO, Ciro Flamarion. Agricultura, escravidão e capitalismo. Petrópolis: Vozes, 1979. \_\_. Escravo ou camponês? o protocampesinato negro nas Américas. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FARIA, Sheila de Castro. A Colônia em movimento, fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

LINHARES, Maria Yedda Leite; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. História da agricultura brasileira: combates e controvérsias. São Paulo: Brasiliense, 1981.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

### **Bibliografia Complementar:**

CÂNDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo, SP: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Perez. História econômica da América Latina: sistemas agrários e história colonial e econômicas de exportação e desenvolvimento capitalista. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manoel. O Arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia no Rio de Janeiro, c.1790-c.1840. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Caminhos e fronteiras. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. \_\_\_\_\_. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1988.\_\_\_\_\_.

Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. PRADO JÚNIOR, Caio. Evolução política do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PINTO, Francisco Eduardo. A hidra de sete bocas: sesmeiros e posseiros em conflito no povoamento das Minas Gerais (1750-1822). Juiz de Fora, MG: UFJF, 2014.

## **História Moderna II**

*Modern History II*

### **Ementa:**

Os tempos e espaços na Modernidade. O indivíduo, a vida privada e a Modernidade. Mulheres e Cotidiano. Cultura e Imaginário na modernidade. Ciência e Arte.

### **Bibliografia Básica**

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. xviii, 363p.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França*

moderna: oito ensaios. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. 10. reimpr. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003. 463p.

ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências. Uma história da idumentária ( séculos XVII -XVIII)*. São Paulo. Editora SENAC, 2017.

#### **Bibliografia Complementar:**

ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger; FEIST, Hildegard. *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BURKE, Peter. *A cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 385p.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

FURET, François; MARGARIDO, Alfredo. *Ensaio sobre a revolução francesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1978. 140p.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493p.

### **Introdução à sociologia**

*Introduction to Sociology*

#### **Ementa:**

O surgimento da Sociologia. A Sociologia como ciência. Conceitos fundamentais da Sociologia. Metodologias de Pesquisa em Sociologia. Teorias Sociológicas Clássicas. Temas e Conceitos da Sociologia Contemporânea.

#### **Bibliografia básica:**

ALMEIDA, Carlos Alberto. *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

DIAS, Reinaldo. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. 21 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

MARTINS, Carlos Benedito. *O que é sociologia*. 29 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

RICUPERO, Bernardo. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Alameda, 2008.

#### **Bibliografia complementar:**

CORCUFF, Philippe. *As novas sociologias: construções da realidade social*. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

MOTA, Leonardo de Araújo e. Aflição e ajuda mútua em tempos de globalização. *Estudos de Sociologia*. Recife, v.10, n.1 e 2, p.155 - 184, 2004.

QUINTANEIRO, Tânia. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira e ESTRAMIANA, José Luís Álvaro. *Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas: uma análise psicossocial*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2006.

SILVA, Alberto da Costa. *Quem fomos nós no século XX: as grandes interpretações do Brasil*. Mimeo. Disponível em: [www.4shared.com](http://www.4shared.com). Acesso em: 10 de janeiro de 2009.

## **Cultura Brasileira**

*Brazilian Culture*

### **Ementa:**

Conceitos básicos: cultura, nacionalismo, identidade, diversidade, tradição e modernidade. Dinâmica das relações sociais e produção da cultura. A pluralidade cultural brasileira: análise de algumas manifestações

### **Bibliografia Básica:**

BOSI, Alfredo (org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.

GOMES, Mércio. *Os índios e o Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1988, p. 37-63.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, Lília M. e REIS, Leticia (org.). *Negras imagens*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 11-29; p. 31-53; p. 179-193.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 19-46. OLIVEN, Ruben G. "Cultura e classe em cidades brasileiras", in: *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.

### **Bibliografia complementar:**

AYALA, M. Ignez. *No arranco do grito* (aspectos da cantoria nordestina). SP: Ática, 1988.

BATALHA, Cláudio e outros (org.). *Culturas de classe*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 121-163.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias*, 9ª ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

BURKE, Peter. *Variiedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 213-230.

CARVALHO, Gilmar. *Artes da tradição: mestres do povo*. Fortaleza: Edições UFC, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & senzala*, 52ª edição. São Paulo: Global, 2013.

GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 55-94. LOPES, A.

Herculano (org.). *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Fund. Casa de Rui Barbosa, 2000, p. 99-109.

LOPES, Régis. *Padre Cícero*. Fortaleza: Fund. Demócrito Rocha, 2000.

MOURA, G. “A força dos tambores: a festa dos quilombos contemporâneos”, em SCHWARCZ, Lília M. e REIS, Leticia (org.). *Negras imagens*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 55-79.

OLIVEN, Ruben G. *A parte e o todo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992, p. 31-45.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PORDEUS JÚNIOR, I. *Umbanda: Ceará em transe*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros: 1. teoria do Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981.

RIBEIRO, Darcy. *Sobre o óbvio*. Rio de Janeiro: editora Guanabara, 1986.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lília Moritz e QUEIROZ, R. da Silva (org.). Raça e diversidade. SILVA, V. G. da e AMARAL, R. de C. “Símbolos da herança africana. Por que o candomblé?”. In: SCHWARCZ, Lília M. e REIS, Leticia (org.). *Negras imagens*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 195-209.

VELLOSO, Mônica. *Que cara tem o Brasil?: culturas e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

VELLOSO, Mônica. “As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro”. *Revista Estudos Históricos*. Vol. 3, nº 6, 1990, p. 207-228.

VELHO, G. e ALVITO, M. (org.). *Cidadania e violência*. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, p. 11-25; p. 179-188.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Zahar editor: Editora da UFRJ, 1995.

VIANNA, H. “Funk e cultura popular carioca”. In: *Revista Estudos Históricos*. Vol. 3, nº 6, 1990, p. 244-253.

## **História e Meio Ambiente**

*History and Environment*

### **Ementa:**

Definição do campo historiográfico da história ambiental. Bases teóricas, principais argumentos e metodologias de análise. As relações as ciências humanas, a história e as ciências naturais. Elementos interdisciplinares para a discussão dos temas contemporâneos da crise climática, ambiental e conservacionismo ecológico no Brasil, reunindo trabalhos de pesquisa recentes que procuram superar a dicotomia entre as disciplinas, visando criar uma permanente discussão entre os campos científicos, especialmente tratando as teses da história natural, teoria da evolução e história climática.

### **Bibliografia básica:**

DUARTE, Regina Horta – História e biologia: diálogos possíveis, distâncias necessárias. IN: *HISTÓRIA, CIÊNCIA E SAÚDE MANGUINHOS*. Rio de Janeiro, vol. 16, n. 4, out/dez, 2009, p. 927-940.

DRUMMOND, José Augusto – A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. IN: *ESTUDOS HISTÓRICOS*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 177-197.

WORSTER, Donald – Para fazer a história ambiental. IN: ESTUDOS HISTÓRICOS, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 198-215.

DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo*. São Paulo: Record, 2002.

DEAN, Warren. *A ferro a fogo: a história da devastação da mata atlântica brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

REBELO, Fernanda – Raça, clima e imigração no pensamento social brasileiro na virada do século XIX para o século XX. IN: *FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA*, v. 2, p. 159-177, 2007.

WHITE, Sam – Climate Change in Global Environmental History. IN: McNEIL, J. R., MAULDIN, Erin Stewart. In: *A COMPANION TO GLOBAL ENVIRONMENTAL HISTORY*, Malden/Oxford/West Sussex: John Wiley & Sons, 2012.

WILSON, Edward O. *A Conquista Social da Terra*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

WORSTER, Donald. Perspectiva agroecológica da história ambiental. IN: *AMBIENTE E SOCIEDADE*, vol. V, n. 2, ago/dez, 2002; vol. VI, n.1, jan/jul, 2003.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. IN: *ESTUDOS AVANÇADOS*, 24 (68), 2010.

#### **Bibliografia complementar:**

CROSBY, Alfred D. *Imperialismo ecológico*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMOND, José Augusto. *Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil (1920-1940)*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.

GIRÃO, Oswaldo. Reconstrução do clima no Nordeste Brasileiro: secas e enchentes do século XIX. IN: *FINISTERRA*, v. XLVII, n. 93, 2012, p. 29-47.

KEVLES, Daniel. *In the name of eugenics: genetics and the uses of human heredity*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

LEITE, José Correia. Do mistério das eras de gelo às mudanças climáticas abruptas. IN: *SCIENTIE & STUDIA*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 811-839, 2015.

PRIMACK, Richard; RODRIGUES, Efraim. *Biologia da conservação*. Londrina: E. Rodrigues, 2001.

SCHIEBINGER, Londa – *Planta and Empire: colonial bioprospection in the Atlantic world*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

SILVA, Sandro Dutra e (et ali) – *Vastos Sertões: história e natureza na ciência e literatura*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

YONN, Carol – *Naming nature: the clash between instinct and Science*. New York/London: W W Norton and Company, 2009.

## **Tópicos Especiais em História - Trabalho e Migração**

*Special Topics in History - Work and Migration*

### **Ementa:**

Relações de trabalho; jogos de poder; Tradições entre mudanças e permanências, negociações e conflitos. Relações de produção, experiências das camadas populares em múltiplas dimensões do viver; Movimentos reivindicatórios, lutas por direitos sociais e políticos, expressões culturais, rituais, lazer, organizações comunitárias e familiares.

### **Bibliografia Básica:**

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- HALL, Stuart. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Ed.UFMG, 2006.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou o paradoxes da Alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SOUZA, Itamar de. *Migrações Internas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980

### **Bibliografia Complementar**

- BARTH, Fredrik. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”, In POUTIGNAT Philippe e STREIFF-FENART Jocelyne. In: *Teorias da Etnicidade*, São Paulo: UNESP, 1998.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GARCIA Jr, Afrânio R. *O Sul: caminho do roçado*. São Paulo: Marco Zero, 1989.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GRZYBOWSKI, Cândido. *Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FLORENTINO, Manolo. *Em Costas Negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FUNES, Eurípedes; LOPES F. Régis; RIBARD, Franck e RIOS, Kênia. *África-Brasil-Portugal*. História e Ensino de História. Fortaleza: EdUFC, 2010.
- SANTANA, Charles D. *Fatura e Ventura Camponesas*. Trabalho, Cotidiano e Migrações. São Paulo: Annablume, 1998.

## **Tópicos Especiais em História – Memória e Temporalidade**

*Special Topics in History - Memory and Temporality*

### **Ementa:**

A memória como objeto de reflexão histórica. Articulação entre as demandas socioculturais e políticas e os usos do passado. Historicidade dos modos sociais de lembrar e esquecer. A escrita da história como prática social e como investigação crítica do entrelaçamento entre múltiplas experiências de tempo. A constituição histórica de experiências temporais em moldes institucionais (disciplinas, coleções, arquivos, museus, bibliotecas, inventários) e na trama da vida cotidiana. Configuração, apropriação e transformação dos padrões de aferição, medida e determinação dos

eventos e das durações. A produção social da oralidade, da escrita e da cultura material como vetores de criação de sentido para as relações das coletividades humanas com a passagem do tempo.

**Bibliografia Básica:**

CERTEAU, Michel de. "A Operação Histórica." In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org). *História: novos problemas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HOBBSBAWM, Eric. *Sobre história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

RICOEUR, Paul. A realidade do passado histórico. In: \_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa*. T. III. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

WHITROW, G. J. *O tempo na história: concepções sobre o tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

**Bibliografia Complementar:**

BARTHES, Roland. O discurso histórico e o efeito de real. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito de história." In: *Obras escolhidas*. V. 1. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia – a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. \_\_\_\_\_. O que é um autor. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos*. V. 3. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (org.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MBEMBE, Achille. *A crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 editora, 2018.

PÉCORA, Alcir. À guisa de manifesto. In: \_\_\_\_\_. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Edusp, 2018.

ROBIN, Régine. O discurso histórico posto à prova. In: \_\_\_\_\_. *A memória saturada*. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.

VATTIMO, Gianni. Para além do mito da verdade objetiva. In: \_\_\_\_\_. *Adeus à verdade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

YATES, Frances. *A arte da memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

## **Tópicos Especiais em História – Cultura e Poder**

*Special Topics in History- Culture and Power*

### **Ementa:**

História social da cultura: abordagens e perspectivas historiográficas. A escrita da História no debate contemporâneo.

### **Bibliografia Básica:**

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2011.

BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito de história." *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A Operação Histórica*. In: LE GOFF, Jacques. e NORA, Pierre. (org). *História: novos problemas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. pp. 17-48.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

### **Bibliografia Complementar:**

FARGE, Arlete. *O sabor do arquivo*. São Paulo: EDUSP, 2009.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia – a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre a história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## **Tópicos Especiais em História I**

*Special Topics in History I*

### **Ementa:**

Discussão temática referente à História Geral

## **Tópicos Especiais em História II**

*Special Topics in History II*

### **Ementa:**

Discussão temática referente à História do Brasil

## **Tópicos Especiais em História III**

*Special Topics in History III*

### **Ementa:**

Discussão temática referente à Teoria e Metodologia da História

## **Tópicos Especiais em História IV**

*Special Topics in History IV*

### **Ementa:**

Discussão temática referente à Ensino e Aprendizagem em História

## **Educação e Direitos Humanos**

*Education and Human Rights*

### **Ementa:**

Direitos Humanos, democratização da sociedade, cultura de paz e cidadanias. O

nascituro, a criança e o adolescente como sujeitos de direito: perspectiva histórica e legal. O ECA e a rede de proteção integral. Educação em direitos humanos na escola: princípios orientadores e metodologias. O direito à educação como direito humano potencializador de outros direitos. Movimentos, instituições e redes em defesa do direito à educação. Igualdade e diversidade: direito à livre orientação sexual, direitos das pessoas com deficiência, direito à opção religiosa e direitos ligados à diversidade étnico-racial. Os direitos humanos de crianças e de adolescentes nos meios de comunicação, nos livros didáticos e nas mídias digitais.

#### **Bibliografia básica:**

BRASIL. Congresso Nacional. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988.

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. *Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8069/90)*. Brasília, 2008.

BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96)*. Brasília, 1996.

BRASIL. *Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos/ Secretaria Especial dos Direitos Humanos*.

FERREIRA, Lúcia de Fátima G.; ZENAIDE, Maria de N. T. E DIAS, Adelaide Alves (Orgs). *Direitos humanos na educação superior: subsídios para a educação em direitos humanos na pedagogia*. João Pessoa: editora Universitária da UFPB, 2010.

JARES, Xesus R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

#### **Bibliografia complementar:**

MOTA, Maria Dolores de Brito et al. *A Escola diz não à violência*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. *Educação em Direitos Humanos*. Material Instrucional do Curso de Pedagogia Semipresencial da UFC. Fortaleza, 2012.

PEREIRA, Lucia. Ludicidade: algumas reflexões. IN: Porto, B. *Ludicidade: o que é mesmo isso?* Salvador, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, PPGÉ, GEPEL, 2002.

*Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos*. Brasília: MEC/MJ/UNESCO, 2009.

Projeto de Lei nº 478/2007. Dispõe sobre o Estatuto do Nascituroe dá outras providências. Comissão de Seguridade Social e Família. Brasília, 2010.

RAYO, José Tuvilla. *Educação em direitos humanos: rumo a uma perspectiva global*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. *Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

### **Antropologia Cultural**

*Cultural Anthropology*

#### **Ementa:**

A ciência antropológica: campos de estudo. Particularidades do objeto de estudo e

procedimentos metodológicos. Cultura e sociedade. Cultura e etnocentrismo. Relativismo cultural. Cultura e identidade. Diversidade cultural.

**Bibliografia Básica:**

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro. Zahar, 2001.

HALL, Stuart. *Identidade cultura na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo. Brasiliense, 2000

**Bibliografia Complementar:**

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 1998.

ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo?*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Rio de Janeiro. Vozes, 1995.

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade; SOUZA LIMA, Antônio Carlos (Orgs) *Antropologia e identificação*. Rio de Janeiro. Contra Capa, 2005.

CAVALCANTE, Gustavo Bezerril. *A natureza encantada que encanta: histórias de seres dos mangues, rios e lagoas narradas por índios Tapeba*. 2010. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, 2010.

OLIVEIRA Jr., Gerson Augusto de. *O encanto das águas. A relação dos Tremembé com a natureza*. Fortaleza – Ce. Museu do Ceará, 2006.

RATTS, Alex. *Traços étnicos. Especialidades de culturas negras e índias*. Fortaleza - CE. Museu do Ceará, 2009.

**História Econômica, Social e Política do Brasil**

*Economic, Social and Political History of Brazil*

**Ementa:**

Interpretações do Brasil: o povo e nação brasileiros. Aspectos da política e economia ao longo da história do Brasil no séculos XIX e XX. Movimentos sociais e processos de cidadania. Sociedade, cultura, poder e cotidiano no Brasil contemporâneo.

**Bibliografia Básica:**

COSTA, Emília Viotti. *Da Monarquia à República – momentos decisivos*. 7ed. SP: Unesp, 1999.

FERREIRA, J. e DELGADO, L. (Org). *O Brasil Republicano*. RJ. Civ. Brasileira, 2013.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. SP. Ed. Brasiliense, 1994, 5 ed.

REIS, Daniel Aarão. (Org.). *O Golpe e a Ditadura Militar- 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

**Bibliografia Complementar:**

CAPELATO, Maria Helena. *Propaganda Política e Controle dos Meios de Comunicação*. IN. PANDOLFI, Dulce (org.) *Repensando o Estado Novo*. RJ. Ed. FGV, 1999.

CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. RJ. Ed. Civ. Brasileira, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil – mito fundador e sociedade autoritária*. SP: Ed. Pers. Abramo, 2000.

FERREIRA, J (org.). *O Populismo e sua História: debate e crítica*. RJ: Civ. Brasileira, 2013. 3ªed.

FERREIRA, J. *Trabalhadores do Brasil – o imaginário popular (1930-1945)*. RJ: FG, 2011.

FICO, Carlos. *Além do Golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Ed. Record, 2004.

LOBO, Lilia. *Os Infames da História – pobres, escravos e deficientes no Brasil*. RJ: FAPERJ/ Lamparina, 2008.

MAIA, Clarissa (org.). *História das Prisões no Brasil – Volume II*. RJ: Rocco, 2009.

MOTA, A. *Quem é Bom já Nasce Feito – sanitarianismo e eugenia no Brasil*. RJ. Ed. DP&A, 2003.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. RJ: FGV, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. SP: Cia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. SP: Brasiliense, 1999.

SOARES, Mariza e FERREIRA, J. (org.). *A História vai ao Cinema*. RJ: Record, 2001.

## **4. Gestão Acadêmica do Curso**

### **4.1 Coordenação**

O Coordenador do curso será escolhido (mediante consulta) dentre os professores pertencentes ao seu respectivo colegiado, na forma da legislação vigente no âmbito da UFC, com os objetivos de:

- Dimensionar o espaço físico e as ações das coordenações de curso de graduação e pós-graduação tendo em vista assegurar o gerenciamento da vida acadêmica e o suporte técnico-pedagógico às atividades e procedimentos científicos desenvolvidos no âmbito do curso.
- Adequar o posicionamento funcional dos ocupantes das atribuições de gestores de currículos, fazendo interface com as ações rotineiramente reconhecidas como próprias da administração de recursos humanos.

- Viabilizar apoio técnico-pedagógico, propiciando condições para que o colegiado estabeleça sua rede de contatos intra e interinstitucionais de modo que proporcione o desenvolvimento do ensino de graduação.
- Nesta perspectiva, a Coordenação de Curso e de Programa Acadêmico incorpora o significado acadêmico de instância gestora-didático-pedagógica, devendo assim contar com recursos humanos e infraestrutura que favoreçam o desenvolvimento de suas ações, haja vista que realiza importante papel na condução do cotidiano acadêmico, atuando diretamente na relação com alunos e professores, ao mesmo tempo em que interage, externamente, com as coordenações dos demais cursos, com as outras estruturas acadêmicas (os centros/faculdades/institutos, as pró-reitorias), por fim, com a comunidade universitária. A infraestrutura e estrutura específicas dos cursos serão detalhadas nos seus Projetos Pedagógicos.

Compõe a gestão da coordenação: Kleiton de Sousa Moraes (coordenador) e Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho (vice coordenador).

## **4.2. Colegiado**

De acordo com o Regimento Geral da UFC, de novembro 2015, o colegiado é composto por professores do quadro permanente, representantes das diversas unidades curriculares do respectivo curso e programas de pós-graduação em História (Programa de Pós-Graduação em História Social – PPGH - Mestrado e Doutorado), Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), pela representação dos técnicos- administrativos e estudantes. A Coordenação do curso e programas de pós-graduação estão vinculadas funcionalmente ao Departamento de História.

O quadro docente do colegiado atual é composto por 21 professores permanentes (1 voluntário, 1 afastado):

- 1- Adelaide Maria Gonçalves Pereira (Voluntária)
- 2- Almir Leal de Oliveira
- 3- Ana Amélia de Moura Cavalcante
- 4- Ana Carla Sabino Fernandes
- 5 - Ana Rita Fonteles Duarte
- 6- Ana Sara Ribeiro Parente Cortez Irffi
- 7- Antonio Gilberto Ramos Nogueira
- 8- Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho
- 9- Cláudia Freitas de Oliveira
- 10 – Eurípedes Antônio Funes (voluntário)
- 11 - Francisco José Pinheiro
- 12 - Francisco Régis Lopes Ramos
- 13- Franck Pierre Gilbert Ribard
- 14- Frederico de Castro Neves
- 15- Jaílson Pereira da Silva
- 16- João Ernani Furtado Filho

- 17- Kênia Sousa Rios
- 18 - Kleiton de Sousa Moraes
- 19 - Leandro Santos Bulhões de Jesus
- 20 - Marilda Santana da Silva (Exercício provisório do cargo - UFMG)
- 21- Mário Martins Viana Júnior
- 22 - Meize Regina de Lucena Lucas

Na condição de instância consultiva do curso sobre assuntos pedagógicos, o colegiado deverá:

- constituir o fórum permanente da graduação enquanto espaço de acompanhamento e avaliação do curso em correspondência com as demandas do Núcleo Docente Estruturante (NDE), entre outras;
- coordenar o trabalho dos docentes, visando à integração e à eficiência do ensino, da pesquisa e da extensão;
- aprovar o plano de ensino de cada disciplina sob sua responsabilidade, incluindo o correspondente programa;
- decidir, mediante entendimento com as coordenações de curso, sobre o número de vagas para matrícula nas disciplinas de sua responsabilidade;
- coordenar, no plano deliberativo, os projetos de pesquisa e os cursos de especialização, aperfeiçoamento e extensão de sua responsabilidade;
- adotar ou sugerir, quando for o caso, providências de ordem didática, científica e administrativa que julgar aconselháveis à boa marcha do ensino, da pesquisa e da extensão.

Com o objetivo de proporcionar melhorias, alcançar metas acadêmicas desenvolver e aperfeiçoar as competências didático-pedagógica e de pesquisa, o colegiado do curso estimula e realiza ações de aperfeiçoamento na formação básica e profissional do licenciando em História através da elaboração de projetos de ensino, pesquisa e extensão, realização de atividades de grupos de estudo e pesquisa e de trabalhos nos laboratórios e núcleo de documentação existentes no curso.

### **4.3. Núcleo Docente Estruturante**

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de História do Centro de Humanidades, deverá ser composto, em conformidade com a Resolução N° 10/CEPE, DE 1 o DE NOVEMBRO DE 2012, a qual institui e disciplina o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos cursos de Graduação da Universidade Federal do Ceará - UFC.

Assim, em conformidade com o disposto na legislação, não deverá ter seu trabalho confundido com o do colegiado de coordenação do curso, estando a ela vinculado, sendo-lhe assessor. Caracteriza-se como instância autônoma, colegiada e interdisciplinar e suas atribuições dizem respeito à periodicamente, quando necessário for, ou pelo menos a cada três anos, elaborar propostas de atualização para o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e encaminhá-las para apreciação e aprovação do colegiado

do curso.

Além disso, deverá ser capaz de fazer o acompanhamento curricular, tendo em vista o cumprimento da missão e dos objetivos definidos em seu Projeto Pedagógico e zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo, contribuindo para a consolidação do perfil profissional do egresso.

Desta forma, afirma-se que o NDE deverá participar ativamente das proposições de avaliação do PPC, criando instrumentos adequados aos objetivos propostos, à aplicabilidade de sua concepção e implementação, pois seu objetivo principal é trabalhar na concepção do projeto pedagógico do curso e no acompanhamento das ações propostas como necessárias para a sua efetivação.

Tendo como base o cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação, pode também sugerir e fomentar ações voltadas para a formação e o desenvolvimento dos docentes vinculados ao curso.

Ele será constituído pelo coordenador do curso, como membro nato, e por um mínimo de 5 (cinco) professores que atuem no desenvolvimento do curso e exerçam liderança acadêmica, no desenvolvimento do ensino e em outras dimensões entendidas como importantes pela Instituição. Compreende-se que na sua composição devem estar garantidas a representação de todas as unidades curriculares previstas neste PPC. Tais representantes, devem, ainda seguindo a resolução citada, pertencer ao quadro permanente de servidores federais da UFC, em regime de dedicação exclusiva; na qualidade de integrantes do corpo docente do curso, devendo preferencialmente ter o título de doutor. A presidência do NDE, cujo mandato é de 3 anos, será escolhida por seus membros.

As principais ações desenvolvidas pelo Núcleo Docente Estruturante para melhorias do curso devem ser: realização de atividades acadêmicas e didáticas; planejamento, elaboração e discussão com o colegiado do curso sobre o PPC; encaminhamento, finalização e aprovação do Projeto, conforme registros em atas de reunião e processo gerado no Sistema Eletrônico de Informações (SEI).

#### **4.4. Integração com as Redes Públicas de Ensino**

Entendendo que “as atividades do magistério também compreendem a atuação e participação na organização e gestão de sistemas de educação básica e suas instituições de ensino” (BRASIL, 2015), possibilitando a “articulação com o contexto educacional, em suas dimensões sociais, culturais, econômicas e tecnológicas (BRASIL, 2015), defende-se que é preciso superar a dicotomia entre teoria e prática, que tende a produzir uma prática educacional tradicional, possibilitando aos alunos dos cursos de licenciatura da UFC experiências de formação voltadas para a práxis educativa, na busca de contribuições para responder às questões dos processos de ensino e aprendizagem emergentes da escola pública na sociedade contemporânea.

Para compreensão da realidade escolar e de sua organização, serão realizados estudos de documentos legais como referenciais para a análise crítica da organização do

espaço escolar, refletindo-se não apenas sobre o texto, mas também sobre o contexto em que as leis e políticas, responsáveis por reger a escola e o ensino são aplicadas. Para isso, é indispensável o conhecimento desse espaço como organização e o reconhecimento de seu lugar na sociedade a partir do estudo de elementos sociopolíticos que perpassam a educação bem como a análise dos processos de gestão das escolas e das salas de aula em suas múltiplas dimensões.

Considera-se que, a partir desse entendimento a necessidade de uma reflexão dialética acerca da organização escolar, tendo como consequência a relação entre teoria e prática e a formação de professores mais críticos e conscientes de seu papel na educação.

A escola é a instituição oficializada para trabalhar com o conhecimento, o saber sistematizado. Esse trabalho acontece, na maior parte do tempo, em sala de aula, através da ação do professor. Sabe-se da complexidade da atividade docente neste contexto, cujo trabalho realizado não é algo simples que pode ser desempenhado com qualidade e comprometimento por pessoas sem formação adequada. Para exercer a docência é indispensável formação profissional, pois essa atividade requer conhecimentos específicos.

Entende-se que a profissão docente possui identidade própria e que a formação inicial de professores exerce impactos na construção e ressignificação dessa identidade, bem como de seus saberes. Concebe-se a atividade dos professores como essencial na constituição da cidadania dos alunos e na transformação das informações em conhecimento de maneira crítica e historicamente situada. Assevera-se a importância de uma perspectiva crítica e a urgência de reflexão deste profissional, já durante a formação inicial, acerca desse ofício, com base na realidade da escola básica.

A reflexão e o debate de questões do ensino e da aprendizagem, ao conjunto das atividades nas disciplinas, seminários, ateliês e laboratórios dos cursos de licenciatura da UFC, partirão da realidade da escola básica, trazendo a pesquisa, a extensão e a prática como componente curricular como elementos imprescindíveis para seu estudo.

O curso de licenciatura em História desenvolve parcerias com dezenas escolas das redes públicas de educação básica (ver item 3.8.) em trabalho realizado a partir do Programa de Residência Pedagógica e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, gerido pela Pró-Reitoria de Graduação e integrante à Política Nacional de Formação de Professores com o objetivo de inserir os estudantes de licenciatura em História no ambiente escolar de acordo com o edital nº 06/2018, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes. As parcerias visam promover o desenvolvimento, a execução e a avaliação de estratégias didático-pedagógicas e oferecer resultados com relevância acadêmica e social para o corpo discente e as escolas.

#### **4.5. Apoio ao Discente**

O colegiado do curso, visando dar suporte ao processo de aprendizagem dos alunos, zelando pelas condições de ensino e de vivência institucional irá construir uma série de apoios para acolher os estudantes ingressantes, assim como construir um

ambiente que os faça permanecer e acessar todos os recursos que a universidade oferece, como biblioteca, avaliações contínuas, monitoria, nivelamento, intermediação e acompanhamento de estágios não obrigatórios remunerados, apoio psicopedagógico, participação em centros acadêmicos ou intercâmbios nacionais e internacionais e promover outras ações comprovadamente exitosas ou inovadoras.

Neste sentido, o colegiado atuará em diferentes frentes de ação, tais como:

- Apresentar o Curso aos alunos: Projeto Pedagógico, Coordenação de Curso, corpo docente e técnico-administrativos; apresentação da infraestrutura física e recursos disponíveis; orientação dos recursos na área de Tecnologia da Informação; apresentação do Sistema de Avaliação Institucional; promoção de visitas monitoradas aos laboratórios específicos;
- Acolher o corpo discente em suas demandas e especificidades;
- Verificar, sistematicamente, o desempenho dos alunos e elaborar relatórios de desenvolvimento das turmas;
- Prestar assistência pedagógica aos alunos;
- Informar e orientar sobre assuntos de interesse dos alunos;
- Garantir aos alunos o acesso ao conjunto de informações acadêmicas e administrativas.
- Envolver e fortalecer as relações entre alunos, professores e funcionários técnico- administrativos;
- Orientar os alunos sobre o curso, currículos e programas, alteração de matrícula, mudança de curso, utilização da biblioteca, serviços da Secretaria, serviços dos laboratórios, serviços de digitação, impressão de trabalho e emissão de carteira estudantil;
- Firmar convênios com instituições e empresas para viabilizar estágios para os alunos (criar banco de dados);
- Promover espaços de conversa com os alunos, inclusive para avaliação sistemática do curso;
- Promover, sempre que necessário, atividades de adaptação (sobretudo de ingressantes) e de equiparação de conteúdos considerados de difícil entendimento pelos alunos, com o objetivo de suprir carências de formação e ou de recuperação paralela;
- Acolher alunos com necessidades especiais de atendimento;
- Promover atendimento e orientação extra sala de aula;
- Dar suporte à organização estudantil e sua representação;
- Acompanhar egressos, com ações de aproximação, contato direto e permanente, por meio das formas de comunicação possíveis e viáveis; criação de núcleo de ex-alunos, a fim de manter diálogo constante esse grupo, oferecendo espaços de debates acerca de sua vida profissional e atuação social; disponibilização, aos egressos, de informações referentes a eventos, seminários, atividades e oportunidades oferecidas pelo Curso e pela Instituição; avaliar a qualidade do ensino e adequação da formação do profissional para o mundo do trabalho; promover encontros de ex-alunos;

- Contribuir para a formação para a docência na Educação Superior, por meio da participação sistemática e orientada de estudantes nas atividades de monitoria, de ensino, pesquisa e extensão.

Para o desenvolvimento dessa política de apoio ao discente, contará com três programas básicos de acompanhamento para alunos(as) com dificuldade de aprendizagem, através da submissão anual de dois tipos de projetos, por parte dos professores, com incentivos da Pró-Reitoria de Graduação:

- Monitoria de Projetos de Graduação planejando e executando atividades que permitam uma melhor ambientação do(a) estudante neste período. Estes projetos são desenvolvidos em parceria entre professores e alunos(as), contribuindo para o processo de formação do(a) estudante e valorizando a contribuição dos graduandos;
- Programa de Iniciação à Docência, que são projetos de incentivo ao interesse do(a) estudante de graduação por atividades docentes. Nestes projetos, vinculados a disciplinas específicas do curso e orientados por um professor da área, alunos(as) mais experientes ministram atividades de monitoria e acompanhamento dos alunos(as) de uma determinada disciplina; e,
- Grupos de Estudo e Pesquisa em áreas específicas do curso, coordenados por alunos(as) – monitores ou professores. Estes grupos serão registrados junto ao Centro Acadêmico e reconhecidos pela Coordenação do Curso, contando inclusive como Atividade Complementar no currículo dos(as) alunos(as) participantes.

#### **4.6. Gestão do Curso e os Processos de Avaliação Interna e Externa**

A avaliação permanente do projeto político/pedagógico do curso de Licenciatura em História, é de suma importância para que esta concepção de currículo, alicerçada em princípios como a flexibilidade, a heterogeneidade e a inovação possa certificar-se de sua execução. Tal concepção traz, em sua gênese, a ideia de permanente transformação, expressando o entendimento que o currículo é um elemento cultural dinâmico e que precisa, para ser bem concebido e executado, de ser constantemente avaliado por todos aqueles que compõem a sua cultura acadêmica.

Desta maneira, a implementação das diretrizes curriculares expressas neste Projeto exigirá um acompanhamento constante, no sentido de poder oferecer sustentabilidade acadêmica e administrativa.

O processo de avaliação do PPC do curso de História estará pautado em algumas premissas:

- a) Horizontalidade/verticalidade expressa na necessária sintonia na relação entre os núcleos de base, pedagógicos, de pesquisa e de extensão, avaliando-se a integração entre os diferentes componentes, destas distintas e complementares bases de formação, privilegiando o julgamento para o pleno desenvolvimento da interdisciplinaridade.
- b) Interinstitucional, análise da viabilidade da proposta tendo em vista sua

necessária integração com as políticas institucionais da UFC, especialmente com as demais licenciaturas por ela ofertadas.

- c) Abrangência: a partir de uma visão de totalidade dos conteúdos, o significado das particularidades das distintas disciplinas e atividades propostas, em relação ao alcance do disposto no perfil do egresso.  
Visão histórico-crítica sintonizada com a realidade social em permanente movimento, aprimorando permanentemente a relação da universidade com a rede básica.
- d) Profissionalização: Constituição de conhecimento/ação profissional estabelecendo-se uma vinculação permanente entre saber/agir, conhecimento, habilidades e atitudes, bem como dos saberes profissionais destacados para o melhor desenvolvimento do magistério.
- e) A sensibilização dos diferentes segmentos, que compõem a unidade de ensino – gestão, docentes, discentes e servidores técnico-administrativos, para o conhecimento, a avaliação e a implantação desta propositura, buscando formas concretas de acompanhamento e avaliação sistemáticas.

Ditos os parâmetros para a avaliação, destacamos a seguir, instrumentos e métodos para avaliação dos processos de desenvolvimento curricular, com base nos processos de ensino e de aprendizagem, de acordo as normas vigentes, viabilizando uma análise diagnóstica e formativa desde o processo de implementação, até seu acompanhamento e pleno desenvolvimento. Caberá à Coordenação do curso articular, juntamente com o conjunto dos professores e alunos, um programa sistemático de acompanhamento e avaliação da implantação do projeto pedagógico, cujas estratégias estão listadas a seguir:

- Efetivação de uma ampla discussão do projeto mediante aplicação de questionário, previamente estruturado e aplicado a cada semestre, além da divulgação de seus resultados em promoção de eventos de ampliada participação, que busquem encontrar, elaborar e superar suas deficiências, de concepção e implementação, se existirem;
- Conhecimento, por parte de toda a comunidade a ele vinculada, das bases de avaliação do INEP/MEC, dando ciência sobre suas referências e obrigações, destacando-se: a) a organização didático-pedagógica: a administração acadêmica, o projeto pedagógico do curso; b) análise da execução da organização curricular especialmente no que se refere ao conteúdo das disciplinas, metodologia de ensino e avaliação de alunos; c) sondagem da adequação dos docentes às disciplinas; d) acompanhamento da participação e interesse dos alunos em atividades acadêmicas extra curriculares: projetos de pesquisa e extensão; eventos científicos e profissionais, bem como sua inserção na cultura escolar da região; e) o corpo docente, sua formação acadêmica e profissional, suas condições de trabalho; sua atuação e desempenho acadêmico e profissional; e) a infraestrutura necessária para sua implantação e desenvolvimento: instalações gerais, biblioteca, condições de acessibilidade; f) apoio aos alunos recém ingressos, no

desenvolvimento de práticas acadêmicas, sob a coordenação dos estudantes nas políticas de desenvolvimento profissional que amparam o ensino de graduação, destacando-se: PID, PET, PIBIC, PIBID, Centro acadêmico; g) avaliação do desempenho discente nas disciplinas, seguindo as normas em vigor, evitando-se a evasão; h) avaliação do desempenho docente feito pelos alunos/ disciplinas, fazendo uso de formulário próprio sugerido no SIGAA e de acordo com o processo de avaliação institucional da UFC; i) encaminhar semestralmente o resultado das avaliações acima para o fórum permanente da graduação; j) criar um banco de dados dos resultados da avaliação do MEC e do ENADE e submeter ao fórum permanente da graduação com vistas a necessários ajustes de pontos considerados fracos; k) avaliação do Curso pela sociedade através da ação-intervenção docente/discente expressa na produção científica e nas atividades concretizadas no âmbito da extensão universitária em parceria com instituições públicas.

Assim, analisando, dinamizando e aperfeiçoando todo esse conjunto de elementos didáticos, humanos e de recursos materiais, o Curso de Licenciatura em História poderá ser aperfeiçoado visando alcançar os mais elevados padrões de excelência educacional e, conseqüentemente, da formação inicial dos futuros profissionais da área.

## **5. Infraestrutura do Curso**

Departamento de História é vinculado ao Centro de Humanidades da UFC (CH-UFC). O Departamento de História mantém intensa articulação com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC (PRPPG-UFC), na medida em que parte significativa dos docentes do Departamento são também integrantes dos corpos docentes dos Programas de Pós-Graduação, ligados à História, ofertados pela UFC. São dois os Programas de Pós-Graduação em História que exprimem essa articulação entre o Departamento de História, o Centro de Humanidades e a Pró-Reitoria de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em História Social (Mestrado e Doutorado), Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA). Além desses espaços, há de referenciar o Núcleo de Documentação e Laboratório de Pesquisa Histórica (NUDOC) e o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História (LEAH) como lugares de ação componentes da infraestrutura do Curso de Licenciatura em História da UFC.

### **5.1 Instalações Físicas**

O curso de graduação em História funciona com quatorze salas de aula, situadas no pátio interno da área 02 do Centro de Humanidades/UFC, com capacidade de aproximadamente 40 alunos. As salas também são utilizadas pelos cursos de Psicologia, Biblioteconomia, Comunicação Social e no período noturno pelo Projeto Novo Vestibular (PNV - Projeto de Extensão da UFC/Depto de História). Ainda nesse espaço

funcionam o Centro Acadêmico de História Frei Tito de Alencar (CAFTA), Projeto Novo Vestibular (PNV) e o Núcleo de Documentação e Laboratório de Pesquisa Histórica (NUDOC).

Nos blocos administrativo-acadêmicos, encontram-se: a secretaria do departamento de História, a coordenação do curso, um auditório, um laboratório de informática, uma copa, um almoxarifado, dezessete gabinetes de professores, o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, a sala do PIBID, a sala do Programa de Educação Tutorial (PET), as coordenações programa de pós-graduação em História Social- PPGH e do mestrado profissional em História – Profhistória, salas de aulas e de audiovisual da pós-graduação.

No que se refere aos equipamentos eletrônicos, existem: na coordenação da graduação em história, quatro computadores, quatro impressoras, dois datashow, dois notebooks, uma caixa de som e um DVD; no Departamento de História, quatro computadores e um DVD; na coordenação da pós-graduação PPGH, seis computadores e dois DVD's; No NUDOC, seis computadores e duas impressoras; nas salas de aula, seis datashow; no LEAH, dois computadores e um scanner; no laboratório de história, sete computadores; no auditório do departamento de História, um datashow e um notebook.

## **5.2 - Recursos Humanos**

### **5.2.1- Docentes**

O corpo docente é formado por vinte e um professores, com regime de trabalho, carga horária de 40 horas com dedicação exclusiva. Todos os docentes possuem titulação de Doutorado.

- Adelaide Maria Gonçalves Pereira (Voluntária)
- Almir Leal de Oliveira
- Ana Amélia de Moura Cavalcante
- Ana Carla Sabino Fernandes
- Ana Rita Fonteles Duarte
- Ana Sara Ribeiro Parente Cortez Irffi
- Antonio Gilberto Ramos Nogueira
- Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho
- Cláudia Freitas de Oliveira
- Eurípedes Antônio Funes (Voluntário)
- Francisco José Pinheiro
- Francisco Régis Lopes Ramos
- Franck Pierre Gilbert Ribard
- Frederico de Castro Neves
- Jaílson Pereira da Silva
- João Ernani Furtado Filho
- Kênia Sousa Rios
- Kleiton de Sousa Moraes

- Leandro Santos Bulhões de Jesus
- Marilda Santana da Silva (Exercício provisório do cargo - UFMG)
- Mário Martins Viana Júnior
- Meize Regina de Lucena Lucas

### **5.2.2- Recursos Humanos: Técnico-administrativo**

O corpo técnico-administrativo é formado por seis servidores com regime de trabalho carga horária de 40 horas com dedicação exclusiva.

- Antônia Nadja Alves Mondonça Chaves – Cargo: Secretária do Programa de Pós- graduação
- Cláudio Leandro Amorim – Cargo: Vestiarista
- Eliane Taboza Barboza – Cargo: Assistente Administrativo
- Lindojane Gomes Nunes – Cargo: Secretária Executiva
- Regina Celia de Camargo Campos – Cargo: Arquivista.
- Tereza Cristina Ferreira Mota – Cargo: Bibliotecária

## **6. Referência**

### **6.1 Documentos de Orientação**

1. Apresentação – Prática como componente curricular.
2. Estrutura curricular e seus elementos.
3. Instrumento de avaliação INEP/MEC 2017.
4. Manual de Estágio da UFC.
5. Orientações básicas para criação de componente curricular.
6. Orientações sobre Regimento Interno NDE.
7. Plano Nacional de Graduação FORGRAD 1999.
8. Referenciais de Acessibilidade INEP/MEC 2013.
9. Roteiro para Elaboração de Manual de Normatização de Atividades Complementares.
10. Roteiro para Elaboração de Manual de Normatização de Estágio Supervisionado.
11. Roteiro para Elaboração de Manual de Normatização de Trabalho de Conclusão de Curso.
12. Orientações da PREX e PROGRAD sobre a curricularização da extensão.

### **6.2 Legislação**

1. Acessibilidade a deficientes – Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.

2. Atividades complementares – Resolução nº 07 – CEPE, de 17 de junho de 2005.
3. Atividades complementares de cursos de tecnologia – Parecer nº 239 – CNE.
4. Avaliação presencial para EaD – Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005.
5. Bibliografia Básica e Complementar – Resolução nº 10 – CEPE, de 23 de setembro de 2013.
6. Carga Horária Docente – Resolução nº 23 – CEPE, de 03 de outubro de 2014.
7. Carga Horária Mínima e Integralização – Resolução nº 02 – CNE, de 18 de junho 2007 34.
8. Carga Horária Mínima e Procedimentos para Integralização cursos da área de saúde – Resolução nº 04 – CNE, de 06 de abril 2009.
9. Carga horária mínima para cursos superiores de tecnologia – Portaria nº 10 – MEC, de 28 de julho de 2006.
10. Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia.
11. Conceito de hora-aula – Resolução nº 03 – CNE, de 02 de julho de 2007.
12. Curricularização da Extensão. Resolução CEPE n 28, de 1 de dezembro de 2017.
13. Curricularização de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena – Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.
14. Curricularização de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena – Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.
15. Destinação de Carga Horária EaD – Portaria nº 4.059 – MEC, de 10 de dezembro de 2004.
16. Diretrizes Curriculares – Cursos de Graduação.
17. Diretrizes Curriculares – Cursos de Graduação na modalidade a distância – Resolução nº 01 – CNE, de 11 de março de 2016.
18. Diretrizes Curriculares – Cursos Superiores de Tecnologia – resolução nº 03 – CNE, de 18 de dezembro de 2002.
19. Diretrizes Curriculares – Educação Básica – Resolução nº 04- CNE, de 13 de julho de 2010.
20. Diretrizes Curriculares – Formação de Professores Indígenas – Resolução nº 01 – CNE, de 7 de janeiro de 2015.
21. Diretrizes Curriculares – Licenciaturas – Resolução nº 02 – CNE, de 1 de julho de 2015 (PDF 218.78 KB).
22. Educação Ambiental – Lei nº 9.795, de 27 de abril 1999.
23. Educação Ambiental – Decreto nº 4.281, de 25 de junho 2002.
24. Educação Ambiental – Resolução nº 02 – CNE, de 15 de junho de 2012.
25. Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana – Resolução nº 01 – CNE, de 17 de junho de 2004.

26. Educação em Direitos Humanos – Resolução nº 01 – CNE, de 30 de maio de 2012.
27. Eixos temáticos – Relações Étnico-Raciais e Africanidades, Educação Ambiental e Educação em Direitos Humanos, de 03 de junho de 2013 – Portaria nº 21 – PROGRAD/UFC, de 03 de junho de 2013.
28. Estágio – Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.
29. Estágio Curricular Supervisionado – Resolução nº 32 – CEPE, de 30 de outubro 2009.
30. Formação de tecnólogos – Parecer nº 436 – CNE.
31. LIBRAS – Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.
32. LIBRAS – Portaria nº 19 – PROGRAD/UFC, de 26 de novembro de 2009.
33. Nova habilitação para graduados em Letras – Resolução nº 01 – CNE, de 18 de março de 2011.
34. Núcleo Docente Estruturante – Resolução nº 01 – MEC/CONAES, de 17 de junho de 2010.
35. Núcleo Docente Estruturante – Resolução nº 10 – CEPE, de 01 de novembro de 2012.
36. Prazos de processos – Ofício circular nº 16 – PROGRAD/UFC, de 4 de outubro de 2011.
37. Reprovação por Frequência – Resolução nº 12 – CEPE, de 19 de junho de 2008.
38. Tempo Máximo para Conclusão de Cursos – Resolução nº 14 – CEPE, de 03 de dezembro de 2007.
39. Trâmite de processos – Ofício circular nº 15 – PROGRAD/UFC, de 12 de novembro de 2013.
40. Unidades Curriculares – Resolução nº 07 – CEPE, de 08 de abril 1994.
41. Parecer CNE/CP nº 2/2015, Aprovado em 9 de JUNHO DE 2015.
42. Portaria nº35 de 23 de nov. de 2018, sobre o Trabalho de Conclusão de Curso.
43. De acordo com Portaria nº 31/2022, de 20 de abril de 2022.
44. De acordo com a Resolução nº 14/ CEPE, de 03 de dezembro de 2007.